



**Maria Victória Guinle Vivacqua**

***Lalangue, erro e lapso: o falante entre a língua materna e as línguas outras***

**CAMPINAS,**

**2012**





**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**Maria Victória Guinle Vivacqua**

***Lalangue, erro e lapso: o falante entre a língua materna e as línguas  
outras***

**Orientador: Profa. Dra. Maria Fausta Cahyba Pereira de Castro**

**Tese de doutorado apresentada ao Instituto de  
Estudos da Linguagem da Universidade Estadual  
de Campinas para obtenção do Título de Doutora  
em Linguística.**

**CAMPINAS,**

**2012**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR TERESINHA DE JESUS JACINTHO –  
CRB8/6879 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP**

Vivacqua, Maria Victória Guinle, 1967-

**V836L**

Lalanguê, erro e lapso: o falante entre a língua materna e as línguas outras / Maria Victória Guinle Vivacqua. -- Campinas, SP : [s.n.], 2012.

Orientador : Maria Fausta Cahyba Pereira de Castro.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Lalíngua. 2. Erro. 3. Lapso de língua. 4. Língua estrangeira. 5. Língua materna. I. Castro, Maria Fausta Pereira de, 1944-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

**Título em inglês:** Lalanguê, error and slip: the speaker between the mother tongue and other languages.

**Palavras-chave em inglês:** Lalanguê, Error, Slip of the Tongue, Mother Tongue, Foreign Language

**Área de concentração:** Linguística.

**Titulação:** Doutora em Linguística.

**Banca examinadora:** Profa. Dra. Maria Fausta Cahyba Pereira de Castro [Orientador], Profa. Dra. Rosa Attie Figueira, Profa. Dra. Glória Maria Monteiro de Carvalho, Profa. Dra. Eliane Mara Silveira, Profa. Dra. Maria Viviane do Amaral Veras

**Data da defesa:** 17-09-2012.

**Programa de Pós-Graduação:** Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

Maria Fausta Cahyba Pereira de Castro

*M. Fausta*

Rosa Attie Figueira

*Rosa Attie*

Glória Maria Monteiro de Carvalho

*Glória Carvalho*

Eliane Mara Silveira

*Eliane Silveira*

Maria Viviane do Amaral Veras

*Viviane Veras*

Maria Rita Salzano Moraes

\_\_\_\_\_

Carmen Zink Bolonhini

\_\_\_\_\_

Newton Freire Murce Filho

\_\_\_\_\_

IEL/UNICAMP  
2012



**Dedico esta tese à minha mãe, Cecília, pelo amor  
incomensurável, por sempre acreditar em mim e me  
ensinar a ser forte para enfrentar as adversidades  
com muita garra, confiança, alegria e otimismo!**



## **Agradecimentos**

À minha mãe, Cecília, aos meus irmãos, Ana Cecília e João Eduardo, e à minha tia Gilda, sempre generosos....amores da minha vida!

A Flávia Trócoli Xavier da Silva, amiga e irmã de coração, pela escuta e amizade sincera, pelas leituras, comentários e sugestões, pelos momentos inesquecíveis que compartilhamos... e ainda compartilharemos!

À Profa. Dra. Maria Fausta Cahyba Pereira de Castro pela dedicação e escuta, leituras criteriosas e incansáveis, incentivo e confiança no meu trabalho em todos os momentos.

À Profa. Dra. Viviane do Amaral Veras pelas leituras, sugestões e revisões do texto, pelos momentos de descontração, alegria, carinho e amizade.

À Profa. Maria Rita Salzano Moraes pelas sugestões construtivas na qualificação, pelo acolhimento e alegria.

À profa. Dra. Rosa Attie Figueira pela leitura e sugestões na qualificação.

À Profa. Eliane Mara Silveira pelas contribuições e amizade em vários momentos.

A Maria Elizete Luz Saes pela amizade, apoio, generosidade e disponibilidade em todos os momentos.

Aos amigos queridos: Suely Aires Pontes, José Aparecido Carrilho, Claudio Vasconcelos, Patrícia Aparecida de Aquino, Flávio Galvão Pereira, Renato Ferracini de Oliveira, Regina Lucia Allemand Mancebo e Saulo Neto pelo apoio, carinho e amizade.

Ao meu grupo de pesquisa – GPAL – pela oportunidade de crescimento e convivência, especialmente à Karen Alves Silva e Leandro Alves Diniz.

À FATEC Americana, especialmente, à profa. Dra. Thais Vasquez e ao prof. Me. Rossano Pablo Pinto pelo incentivo e concessão do afastamento para realização deste trabalho.

Aos amigos da Faculdade de Americana pela convivência, incentivo e amizade, especialmente para Adelaine, Carla, Solangela, Emerson, Mabel, Cássia, Cris, Gloria, Marco, Adriana, Ana Paula e Solange.

Aos funcionários do IEL, especialmente ao Claudio Platero, pela eficiência e gentileza com que sempre me atendeu.



## **A língua desconhecida**

**“O sonho: conhecer uma língua estrangeira (estranha) e, contudo, não a compreender: perceber nela a diferença, sem que essa diferença seja jamais recuperada pela sociabilidade superficial da linguagem, comunicação ou vulgaridade; conhecer, refratadas positivamente numa nova língua, as impossibilidades da nossa; aprender a sistemática do inconcebível; desfazer nosso “real” sob o efeito de outros recortes, de outras sintaxes; descobrir posições inéditas do sujeito da enunciação, deslocar sua topologia; numa palavra, descer ao intraduzível (...)”.**

**Roland Barthes – O império dos signos**



## RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir as concepções de erro e de lapso de língua, uma vez que a oscilação entre os termos é responsável por dificuldades na distinção entre os fenômenos. Nosso trabalho parte da noção de erro, no século XIX, associada no debate linguístico às questões de mudança e de variação linguística para entender de que modo as leis fonéticas e a analogia podem operar como fator de mudança. Meringer (1895) foi o primeiro autor a se tornar referência ao apresentar e classificar um *corpus* com mais de 8.000 lapsos ou erros de fala, de escrita e de leitura, cuja categorização permanece atual na área de Psicolinguística. O interesse do filólogo era compreender as regras que regem erros e lapsos e verificar a existência de um mecanismo mental que explicaria de que maneira os sons de uma palavra, de uma frase e também das palavras inteiras entre si acham-se ligados e entrelaçados em tais fenômenos. Freud toma o *corpus* de Meringer para empreender seu estudo sobre os lapsos, tratados como manifestações do inconsciente que se mostram por meio de substituições e contaminações do material linguístico, e a noção de inconsciente emerge como aquilo que definitivamente rompe a relação entre o trabalho de Freud e Meringer. Nosso objetivo consiste em verificar o estatuto dessas concepções e seus limites, em suas diversas manifestações, tanto na língua materna como em uma língua outra. Abordamos os problemas teóricos da área de aquisição de linguagem, a começar pela desnaturalização da definição de língua materna para discutirmos a questão do erro na fala da criança. Com Pereira de Castro (2006) e Milner ([1978] 1987) discutimos o estatuto singular dessa língua para compreender o modo como a língua materna, que constitui um falante, permite o movimento do falante entre as outras línguas, uma vez que a plasticidade do material linguístico tanto o remete à sua língua quanto a um funcionamento psíquico que o guia na enunciação da língua estrangeira. Apresentamos e discutimos textos da obra freudiana para entender a construção da noção de inconsciente que sustenta a noção de lapso de língua. Encaminhamos nossa discussão através da análise de episódios em que o falante se encontra entre línguas. Concluimos que o conceito de *lalangue* une os fenômenos de erro e lapso. Partimos desse conceito, que está presente na Linguística (MILNER [1978] 1987), assim como na Psicanálise, para discutir como a noção de inconsciente se vale da complacência que o material linguístico oferece. Os erros da fala infantil e os erros e lapsos do falante entre línguas, revelam as zonas de equívoco da língua, que desempenham um importante papel na trajetória da criança na sua língua materna e na relação do falante com as línguas outras.

**Palavras-chave:** *Lalangue*, Erro, Lapso de Língua, Língua materna, Língua estrangeira.



## ABSTRACT

The aim of this paper is to discuss the concepts of error and slips of the tongue, as oscillation in the use of these terms makes it difficult to distinguish between the phenomena they describe. We begin in the 19th century with the notion of error, which was associated with studies of linguistic variation and change that attempted to understand how phonetic laws and the analogy could operate as a factor of change. Meringer (1895), the first author to become an important reference in the area, developed a corpus with more than 8,000 slips of the tongue and errors of speech, reading, and writing, and his categorization remains current in the area of psycholinguistics. His interest was to understand the rules governing errors and slips of the tongue, and to verify the existence of a mental mechanism that would explain how the sounds of a word, a phrase, and whole words, are connected and intertwined in such phenomena. Freud used Meringer's corpus in his study on slips of the tongue, treating them as a manifestation of the unconscious material that appears through substitution and contamination of linguistic material. The notion of the unconscious, however, emerges as a definite break between the work of Freud and Meringer. Our goal is to verify the status of the conceptions of error and slips of the tongue, as well as their limits, in their various manifestations both in the mother tongue and in other languages. In order to examine the issue of error in the speech of the child, we discuss theoretical problems in the area of language acquisition, starting with the denaturalization of the definition of mother tongue. Making reference to Pereira de Castro (2006) and Milner ([1978] 1987), we discuss the singular status of the mother tongue in order to understand the way that this language, which constitutes the speaker, permits him or her to move between languages, given that the plasticity of linguistic material refers both to the language itself as well as to a psychic functioning that guides the speaker in the utterance of a foreign language. We present and discuss certain Freudian texts in order to understand the construction of the concept of the unconscious that sustains the notion of slip of the tongue. We develop our discussion through analysis of episodes in which the speaker finds him or herself between languages, and conclude that the concept of *lalangue* unites the phenomena of error and slip of the tongue. Starting from this concept, present in linguistics (MILNER [1978] 1987) as well as in psychoanalysis, we discuss how the notion of the unconscious is based on the complacency that the linguistic material offers. Children's speech errors and speakers' errors and slips of the tongue between languages, reveal areas of equivocity in language which play an important role in the development of children in their mother tongue and in a speaker's relationship with other languages.

**Keywords:** *Lalangue*, Error, Slip of the Tongue, Mother Tongue, Foreign Language.



## SUMÁRIO

Introdução.....	1
Capítulo I – O erro e o lapso e suas presenças na Literatura.....	7
A noção de erro associada à mudança e à variação linguística.....	7
Erro e lapso na Linguística.....	14
O erro e o lapso em língua estrangeira.....	38
Capítulo II – Língua materna e língua estrangeira: erro, desvio e lapso.....	45
Língua materna e seus sentidos.....	45
A língua materna, a criança e o erro em aquisição de linguagem.....	60
<i>Lalangue</i> , erros e lapsos entre línguas.....	76
Capítulo III - Lapsos de língua sob a perspectiva psicanalítica.....	95
A concepção de aparelho psíquico em Freud.....	96
Os lapsos e o erro na teoria freudiana.....	104
Considerações finais.....	131
Referências bibliográficas.....	139



## Introdução

O erro como fenômeno linguístico tem despertado o interesse de vários pesquisadores do campo da linguagem. Ao nos indagarmos sobre o que é o erro, geralmente temos como resposta imediata: trata-se de um desconhecimento da norma, ou de um desvio em relação a ela, mesmo que provocado por falta de atenção ou por um deslize... um lapso. Essa resposta, contudo, parece reduzir os vários elementos e situações que devem ser considerados se quisermos discorrer com mais propriedade sobre a complexidade do fenômeno. Quando se trata de uma língua estrangeira, além de o erro ser compreendido em primeiro lugar como falta de ‘conhecimento’ sobre a língua a ser aprendida, considera-se também o erro causado pela interferência da língua materna.

Este trabalho procura desenvolver uma discussão sobre a questão do erro e do lapso na trajetória do falante na sua língua materna, assim como em seus encontros com outras línguas. O tema foi brevemente tratado em nossa dissertação de mestrado, mas voltou a se impor e a cobrar seus direitos pela necessidade de um trabalho mais extenso, que procuramos realizar neste momento.

O leitor poderá acompanhar, ao longo do debate, a tensão teórica constantemente em jogo entre o ponto de vista da psicolinguística, caudatária da obra de Meringer e Mayer (1895) – *Versprechen und Verlesen: Eine Psychologisch-Linguistische Studie* –, e aquele aberto por Freud (1901), sobretudo a partir de seu livro *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*. Procuramos mostrar, ao longo da tese, que é *lalangue* (LACAN [1972] 1974; MILNER [1978] 1987) que põe em tensão os fenômenos de erro e lapso, explicando, pelo menos em parte, a dificuldade de estabelecer uma nítida distinção entre eles nos campos de indagação aqui contemplados.

A questão do erro pode ser historicamente estudada a partir da mudança linguística (que ocorre com o passar do tempo) e da variação (que ocorre no presente). No início do século XX, os neogramáticos tentam verificar como o erro pode se constituir como variação e mudança na evolução das línguas. Nessa época, a preocupação dos autores era entender como uma palavra se tornava outra, tendo como pano de fundo o papel que as leis fonéticas desempenhavam nas línguas. Nessa linha de raciocínio, as ocorrências que

não pudessem ser explicadas pelas leis fonéticas eram compreendidas como fenômenos analógicos.

Na aquisição de linguagem, o tema do erro na fala da criança tem sido objeto de estudo e debate. A perspectiva de aquisição da qual partimos neste trabalho é a interacionista, a partir das reflexões de De Lemos (1992; 2002). Nessa abordagem, a língua materna é problematizada (PEREIRA DE CASTRO, 2006; 2010; MILNER, [1978]1987), uma vez que se mescla à própria constituição do falante. Podemos então perguntar: Como se delimita a língua materna frente a outras línguas? De que modo o erro se mostra constitutivo, na medida em que revela a trajetória singular que a criança estabelece com a fala do seu interlocutor e com a língua? Por que os erros que estão presentes na fala infantil deixam de comparecer na fala do adulto?

Meringer (1895) foi o primeiro autor a se tornar referência para os estudos sobre os erros e os lapsos ao publicar o livro *Versprechen und Verlesen: Eine Psychologisch-Linguistische Studie*, em co-autoria com Meyer. Os autores apresentam e classificam um *corpus* com mais de 8.000 erros ou lapsos de fala, de escrita e de leitura como transposições pré-sonânticas ou antecipações, pós-sonânticas ou perseverações, contaminações e substituições. Essa categorização, proposta em 1895, permanece atual nos estudos linguísticos. Freud se vale do *corpus* de Meringer para empreender parte de seu trabalho sobre os lapsos, tratados como uma manifestação do material inconsciente que se mostra por meio de substituições e contaminações do material linguístico, mas a interpretação freudiana oferece uma alternativa à explicação filológica, e toma os erros e lapsos como representações de um trabalho do inconsciente que emerge como aquilo que vai definitivamente romper a relação entre seu trabalho e o de Meringer. Freud ([1901] 1987) concebe os lapsos de língua como um tipo de esquecimento que aponta para um funcionamento do aparelho psíquico, por ele nomeado ‘aparelho de linguagem’.

Procuramos, no decorrer deste trabalho, analisar as concepções de erro e de lapso na literatura a partir de suas diversas manifestações, tanto na língua materna como em uma língua outra; nos estudos linguísticos e nos estudos psicanalíticos. A partir disso que irrompe entre línguas, pode-se perguntar: quais são os limites entre erro e lapso? E entre erro e lapso na linguística e na psicanálise? Se erro e lapso são fenômenos distintos, que

mecanismo de formação estaria na origem de tais fenômenos? O que o erro ou lapso de língua nos dizem desse falante que se encontra entre línguas? O que teoricamente implica ser falante e aprender uma língua estrangeira? Quais os efeitos desse (des)encontro entre línguas?

Em todas essas questões está em pauta a questão da língua, da *langue* saussuriana, mas foi o conceito lacaniano de *lalangue* que nos permitiu reconhecer aquilo que está em jogo tanto na formação do erro como na do lapso. É a partir de *lalangue* que se torna possível, com Lacan, reler os lapsos e erros freudianos, e propor uma discussão sobre a forma como a noção de inconsciente se vale da complacência que o material linguístico oferece.

Nosso trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo **O erro e o lapso e suas presenças na Literatura**, apresentamos o debate entre os neogramáticos da primeira e segunda gerações, para compreender de que maneira as leis fonéticas atuavam na mudança das línguas e como o erro era decorrente da analogia. Nesse cenário de discussão sobre mudança e variação linguística, o interesse de Meringer, por exemplo, era compreender as regras que regem erros e lapsos e verificar a existência de um mecanismo mental, que explicaria de que maneira os sons de uma palavra ou de uma frase se entrelaçam, promovendo a ocorrência de erros e lapsos.

É ainda nesse capítulo que acompanhamos parte do debate entre Freud e Meringer, mostrando que é a reflexão deste último que sustenta as hipóteses dos trabalhos sobre erro e lapso na psicolinguística. Isso não impede que alguns autores desse campo, mencionem a noção de lapso elaborada por Freud. Entretanto, o mesmo gesto que, de certa forma, acolhe essa elaboração recusa a noção de inconsciente, alicerces da construção freudiana.

Na língua estrangeira, nosso foco se volta para o entendimento do erro no campo do ensino, discutindo autores como Corder e Selinker, que lançam questões sobre a relação língua materna e língua estrangeira no ensino de segunda língua.

No segundo capítulo **Língua materna e língua estrangeira: erro, desvio e lapso**, abordamos erro e lapso na língua materna e na língua estrangeira. Na seção **Língua materna e seus sentidos**, a definição de língua materna é retomada, buscando

desnaturalizar a forma como essa língua costuma ser compreendida, sem maiores questionamentos teóricos: língua materna é a primeira língua (L1) do falante em relação a outras línguas. O primeiro passo foi o de mostrar ao leitor a importância de se interrogar sobre o entendimento que se tem da língua materna apenas como L1. O artigo *O (im)possível esquecimento da língua materna* de Pereira de Castro (2006) é norteador da concepção de língua materna na qual baseamos nossa pesquisa e da abordagem do ‘erro’ em aquisição de linguagem e em línguas adquiridas posteriormente.

Acompanhamos os argumentos de Pereira de Castro (*op.cit.*), que assevera o estatuto singular da língua materna (cf. MILNER [1978]1987) pelo fato de ela ser, ao mesmo tempo, uma língua como qualquer outra e, para um determinado sujeito, sua língua materna. Nesse ponto, *Lalangue* é convocada, para designar em toda língua o registro que a destina ao equívoco. É o eixo da poesia, que inclui o lapso, o chiste e a língua materna, e que é, segundo Milner, a figuração mais perfeita da *lalangue*.

Na seção **A língua materna, a criança e o erro em aquisição de linguagem**, tratamos dos problemas teóricos da área de aquisição de linguagem e da questão do erro na fala da criança. Apresentamos e discutimos as noções de processo dialógico e de captura, postuladas por De Lemos (1992) para pôr em evidência a importância da inclusão da fala do outro na análise dos episódios discutidos. Partir de episódios que pressupõem a inclusão do outro nos permite entender como a noção de captura opera na fala infantil. Na fala infantil, os erros e variações não se tornam mudanças na língua, uma vez que, na criança que se torna falante, há um esquecimento desses erros e variações (cf. Pereira de Castro). As variações encontradas são discutidas, a partir dos *corpora* dos trabalhos de Pereira de Castro (2010), Figueira (2001; 2003) e De Lemos (2002), para refletir sobre a relação entre *lalangue* e língua materna. Nesses episódios, procuramos destacar o modo singular de produzir equívocos, a partir das relações associativas do falante e de um entrecruzamento de cadeias, tanto no que diz respeito aos erros chamados previsíveis quanto naqueles denominados imprevisíveis.

Realizamos ainda a análise de episódios de falantes em situação de aprendizagem formal de uma segunda língua, e o caso de uma criança ainda em processo de aquisição de sua língua materna e vivendo, ao mesmo tempo, uma situação de imersão na

língua estrangeira. Nos casos de aprendizagem formal de uma segunda língua, verificamos a necessidade de considerar, nos episódios e passagens apresentados, o movimento do falante entre línguas que ora pode resultar em erro, ora em lapso, a partir dos rastros deixados pela língua materna.

No terceiro capítulo, **Lapsos de língua sob a perspectiva psicanalítica**, exploramos os textos freudianos que fornecem os subsídios teóricos para a discussão dos erros e lapsos de língua no campo da Psicanálise. Na seção **A concepção de aparelho psíquico em Freud**, apresentamos os textos freudianos considerados pré-psicanalíticos para entender o percurso do autor na construção da noção de inconsciente. Partimos dos estudos sobre as afasias ([1891] 1977) para mostrar como Freud chegou à formulação de um aparelho de linguagem em que a palavra é uma representação complexa. Em seguida, acompanhamos a linha de raciocínio do autor sobre a passagem de um aparelho de linguagem para um aparelho neurológico e, em seguida, para um aparelho de memória, compreendido como aparelho psíquico. Nesse percurso, mostramos como Freud chega ao conceito de recalçamento e articulamos a noção de esquecimento, por ele estabelecida, como um mecanismo proveniente do funcionamento desse aparelho.

Na seção **Os lapsos e o erro na teoria freudiana**, realizamos uma discussão sobre o livro *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* ([1901] 1987), obra em que Freud se dedica detalhadamente ao estudo dos esquecimentos, lapsos e erros. Essa obra é essencial para apresentar a relação entre as noções de erro, lapso e esquecimento e articulá-las ao conceito de *lalangue*, apresentado no primeiro e segundo capítulos deste trabalho. Para isso, apresentamos e discutimos a análise de vários casos elencados pelo autor e acrescentamos nossa própria análise para realizar essa articulação. Ao longo da análise dos lapsos, Freud também usa ora o termo erro, ora lapso, como equivalentes e essa oscilação entre os termos recoloca a dificuldade, já salientada no primeiro capítulo, de estabelecer uma distinção entre os fenômenos.

Qual seria a diferença entre erro e lapso a partir da perspectiva teórica de Freud? Em determinado momento de sua discussão sobre esquecimento e lapsos, Freud escreve um capítulo sobre os erros, diferenciando-os em dois tipos: os erros de memória e o esquecimento acompanhado por ilusões da memória. Esse capítulo da obra, em especial, dá

visibilidade à complexidade envolta na distinção entre erro e lapso, uma vez que o próprio Freud não é incisivo quanto a tais diferenças: exemplos que o autor trata como lapsos, posteriormente, são referidos como erros. Entretanto, há algo de essencial que torna o livro de Freud imprescindível para qualquer discussão sobre o tema do erro e do lapso de língua, o conceito de inconsciente, esse “saber-fazer com a *lalangue*” (LACAN [1972-1973] 1985, p. 190) que, desde Meringer e passando pela psicolinguística, é alvo de debates.

## **Capítulo I – O erro e o lapso e suas presenças na Literatura.**

Um dos primeiros impasses com o qual nos deparamos ao longo de nossa pesquisa foi a presença do termo *lapso de língua* como sinônimo ao termo *erro*. Erro e lapso teriam o mesmo valor teórico? Neste capítulo, procuramos situar a noção de erro como fator de mudança linguística nos estudos da linguagem e a designação de lapso de língua como fenômeno sinônimo ao erro. Será que erro e lapso de língua têm o mesmo valor teórico na Linguística, uma vez que, esse termo é geralmente associado a Freud e, portanto, à Psicanálise? Em nossa investigação, acreditamos ter encontrado uma diferença, que fundamenta noções distintas para o termo lapso de língua e que remonta, de fato, a um embate entre Linguística e Psicanálise. Quais seriam, então, as implicações teóricas desse embate nos estudos sobre o erro e o lapso entre línguas?

### **A noção de erro associada à mudança e à variação linguística**

A noção de erro em linguagem surge na literatura a partir das descrições sistemáticas de uma língua. O erro pode ser abordado sob diversos aspectos. Por exemplo, ele pode ser decorrente daquilo que, na produção linguística, difere do que é estabelecido como padrão; pode ser usado para denominar a diferença no modo de falar de um determinado segmento social, comparado a outro, de maior prestígio social; pode se referir ao modo de falar da criança em relação ao modo de falar do adulto etc. É importante ressaltar que a noção de erro sempre emerge quando, por exemplo, são colocadas em relação duas produções linguísticas que, comparadas sob a ótica de uma ou outra teoria dão margem a um juízo relativo ao possível e ao impossível linguístico.

Iniciamos nossa discussão com a noção de erro associada às questões de mudança e de variação linguística<sup>1</sup>, observadas na heterogeneidade da língua (PAUL, [1880] 1970). Desde o século XIX, podemos observar uma discussão acalorada subsidiada por dois grupos de estudiosos alemães: os chamados neogramáticos (cf. LIER-DE-VITTO, 1992). O grupo da primeira geração, representado por Hermann Osthoff e Karl Brugmann, concentra-se na crítica ao método comparativo, cuja finalidade é analisar os diferentes

---

<sup>1</sup> A variação linguística levaria ao fenômeno da mudança, pois mediante a formas distintas que competem, uma dessas formas prevalecerá sobre as demais. In WEINREICH, U; LABOV, W. & HERZOG, M.I. ([1968] 2006).

graus de semelhanças entre as línguas e estabelecer correspondências entre elas através da comparação entre suas gramáticas<sup>2</sup>, de modo a desenvolver “uma teoria geral das transformações linguísticas e das relações entre as línguas” (cf. LYONS 1979, p.22). Os neogramáticos defendem, em contrapartida, que as alterações na língua repousam sobre o princípio da regularidade da mudança fonológica, cujas “leis sonoras [...] eram governadas por uma “necessidade cega”, interna e, portanto, independentes da vontade individual” (LIER-DE VITTO, 1992, p.229). Em outras palavras, as leis fonéticas eram elementos determinantes nos estudos sobre mudança linguística, uma vez que agiam sem exceção, a não ser em casos em que se dava uma divisão em dialetos<sup>3</sup>. Para esses teóricos, o que não pudesse ser explicado pela regularidade dessas leis era explicado através da analogia.

O grupo da segunda geração, representado por Hermann Paul<sup>4</sup> ([1880]1966, p.74), toma a mudança como decorrente de um processo de interiorização que se dá no âmbito psicológico/interno em função do externo/social. Paul sublinha a importância que as leis fonéticas têm como “regularidade dentro de um grupo de determinados fenômenos históricos”, mas ressalta que:

Toda categoria gramatical se cria com base numa categoria psicológica. A primeira não é originariamente mais do que a passagem da segunda a fenômeno exterior. Logo que é possível reconhecer a ação da categoria psicológica nos meios de expressão linguística, aquela torna-se gramatical. Mas a criação da categoria gramatical não anula a ação da psicológica. Esta é independente da língua. (PAUL[1880]1966,p.279)

Paul ([1880]1970, p.92) explica que a analogia é o mecanismo pelo qual as palavras se atraem mutuamente. Essa atração sempre depende de uma correspondência parcial do som ou do significado, podendo, no entanto, haver combinação de som e de significado. Para os neogramáticos há uma distinção nítida entre os sons e os aspectos psicológicos e apenas os sons estavam “sujeitos a “leis” de evolução regular” (cf. LYONS 1979, p.37).

---

<sup>2</sup> cf. DUCROT, O., E TODOROV, T. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem* ([1972] 2007).

<sup>3</sup> As mudanças regulares se manifestavam em todas as línguas, independentemente do querer dos falantes – eram chamadas de “leis cegas”. Nos casos de mudanças dialetais, temos, por exemplo, o /s/ intervocálico no latim torna-se /r/ (*genus/generis*); no grego o /s/ cai (*genos/geneos*); no sânscrito o /s/ se mantém (*ganas/ganasas*). (CULLER, 1986, p.72).

<sup>4</sup> Sua obra *Prinzipien der Sprachgeschichte* [1880] traduzida como *Princípios Fundamentais da História da Língua* (edição portuguesa de 1966) e *Principles of the History of Language* (edição inglesa de 1970).

Saussure ([2002] 2004, p.140), em sua segunda conferência na Universidade de Genebra, em 1891, aborda a questão da mudança e, nesse sentido, alinhando-se à corrente dos neogramáticos, afirma que as causas para essas mudanças são, de um lado, a mudança fonética e, de outro lado, a mudança analógica. Saussure convoca o leitor a escutar uma criança com idade entre três e quatro anos, cuja “linguagem é um verdadeiro tecido de formações analógicas”. Por exemplo, se a criança fala “*je venirai*”, é necessário que ela, em primeiro lugar, conheça o verbo “*venir*” e o associe àquilo que deseja exprimir. Em segundo lugar, é preciso que ela tenha ouvido alguém dizer “*punir*” e “*je punirai*”, dando lugar ao fenômeno da analogia: *punir: punirai = venir: venirai*. É o que também ocorre no Inglês, quando uma criança usa a forma “*comed*” em vez de “*came*”; ela associa a flexão do *past tense* do verbo *to come* às formas desse tempo verbal nos verbos regulares, que se dá pelo acréscimo do *-d*, como por exemplo, em *lovelloved*.<sup>5</sup>

Saussure ([2002] 2004, p.140) afirma que esses exemplos não são uma transformação, mas uma criação analógica<sup>6</sup>, uma vez que todos os elementos já estão contidos em formas existentes fornecidas na memória da criança. Na afirmação segundo a qual “os fenômenos analógicos não são mudanças” (SAUSSURE [1916] 2001, p. 189), deve-se entender que não são mudanças da mesma natureza das mudanças fonéticas. A diferença é que na mudança analógica não há necessariamente o desaparecimento da forma substituída, ao passo que na mudança fonética, uma nova forma é introduzida. De acordo com o autor, “não haverá jamais criação *ex nihilo*, mas cada inovação será uma aplicação de elementos fornecidos pelo estado anterior da linguagem” (*op.cit.*). O termo “analogia” é aplicável, pois o resultado dessa operação restabelece uma simetria entre as formas possibilitada pela “associação das ideias representadas”.

---

<sup>5</sup> Exemplo extraído de LYONS (1979, p.36).

<sup>6</sup> O linguista, ainda nessa conferência, lembra ao leitor de que a denominação “operação de analogia”, ou “fato de analogia” refere-se a operações psicológicas, mas ressalta que, para os gregos, esse termo comportava outra ideia, a partir de um ponto de vista diferente do que ele assumia. De acordo com Lyons (1979, p.6), analogia era a palavra grega para designar “regularidade” e era atribuída àqueles que sustentavam que a língua era essencialmente sistemática e regular, os analogistas, em oposição à palavra grega anomalia, que designava “irregularidade”, sendo seus defensores chamados de anomalistas.

Saussure acrescenta que a criança está mais suscetível à operação analógica porque “sua memória ainda não teve tempo para armazenar um signo para cada ideia” (*op.cit.*); logo, ela se verá obrigada a criar, a cada instante, esse signo sempre de acordo com a analogia.

É possível que, se o poder e a precisão de nossa memória fossem infinitamente superiores ao que são, as novas formações por analogia fossem reduzidas a quase nada na vida da linguagem. Mas, na realidade, não é esse o caso, e uma língua qualquer num momento qualquer nada mais é do que um vasto enredamento de formações analógicas, algumas absolutamente recentes, outras que vêm de um passado tão distante que podemos apenas adivinhá-las. (SAUSSURE, [2002] 2004, p.140, grifo nosso)

A outra causa da mudança linguística, citada por Saussure, é a fonética. Para o autor, “o movimento fonético existe em todas as línguas e (...) oferece um caráter de regularidade matemática”. A esse respeito é importante trazer o comentário de Milner ([1989] 2000), ao abordar o problema da combinação entre contingência e necessidade nas leis fonéticas, tal como foram formuladas pelos neogramáticos. Segundo o autor, o caminho teórico de Saussure permite escapar ao paradoxo que tem sua origem na gramática comparativa, que partia da diacronia para explicar a mudança linguística. Saussure propõe que também se considere a relação entre significante e significado sob um funcionamento sincrônico.

Não se deve dissimular o caráter notável dessa combinação entre contingência e necessidade. No âmbito do quadro das indagações gerais dirigidas por Saussure à gramática comparativa, o seu esforço máximo se concentra nesse ponto específico. Conhecemos sua resposta: ela está formulada em termos de *signo* e da *arbitrariedade do signo*. Graças a essas noções, Saussure pôde resolver o que poderíamos chamar de paradoxo da gramática comparativa: não só não há contradição entre o caráter contingente das formas fônicas e a constância de suas relações, senão, e mais do que isso, somente a contingência das formas fônicas permite explicar a constância de suas relações. (MILNER, [1989] 2000, p.100-101 – itálico do autor, tradução e grifo nossos)

O mecanismo de criação de novas formas por analogia como ilustrados nos exemplos *je venirai* e *comed é*, segundo Lyons, uma tendência

[p]orque se julgou que essa tendência era a responsável pela introdução de formas “incorretas” na língua, foi ela considerada como um dos fatores de “corrupção” da língua numa época de decadência e de incultura. E pensava-se que, exatamente como os pais e professores deviam corrigir as formações analógicas falsas das crianças, também os gramáticos deviam corrigir as “falsas analogias”, dos adultos, que ameaçassem tornar-se corrente. (LYONS, 1979, p.31 – aspas do autor)

Lyons não explica por que chama as formações analógicas das crianças de “falsas”, mas supomos que ele o teria feito devido ao caráter temporário dessas formações que eram criadas a partir de padrões regulares de formação na língua. Em relação às “falsas analogias” produzidas pelos adultos, a preocupação de Lyons dizia respeito à questão do que chamava de “corrupção” da língua: caso essas produções não fossem corrigidas, tornar-se-iam correntes.

Saussure não compartilha essa preocupação, à medida que o linguista menciona que os erros das crianças não têm futuro como mudança linguística.

Não é mister que todas as inovações analógicas tenham essa boa fortuna. A todo instante, encontramos combinações sem futuro, que a língua provavelmente não adotará. A linguagem das crianças está cheia delas, porque as crianças conhecem mal o uso e ainda não lhe estão sujeitas; as crianças francesas dizem *viendre* por *venir*, *mouru* por *mort* etc. Mas também a linguagem dos adultos as oferece. (SAUSSURE [1916] 2001, p.196)

De acordo com Pereira de Castro (2006; 2009; 2010), a passagem de Saussure no *Curso* sobre a mudança e a fala da criança pode ser tomada como objeto de reflexão. A passagem anterior diz respeito à analogia, e a que segue remete à mudança fonética: “Saussure menciona também a fala da criança, dessa vez para duvidar das explicações que atribuem aos seus (da criança) erros um papel na evolução fonética da língua” (PEREIRA DE CASTRO 2010, p.98).

Para tratar essa questão, trazemos o artigo *Saussure e o necessário esquecimento da fala infantil: uma leitura para a aquisição da linguagem*, em que Pereira de Castro (2010) parte da concepção de Saussure sobre a mudança linguística para apresentar sua hipótese de que as “inovações infantis” não têm efeito de mudança na língua porque a mudança caracterizada pela aquisição de linguagem implica o esquecimento da

fala infantil, fato que não deve ser considerado dissociado do que Freud ([1899] 1987) nomeia “lembranças encobridoras”.

Embora a autora mencione que a criança e a infância não são para Saussure uma questão, ela afirma que essas duas noções se entrelaçam quando se trata do conceito de mudança, “esse, sim, um tema saussuriano” (*op. cit.*, p. 91). A palavra “infância”, do latim *infantia,ae*, significa tanto ‘ainda não falar’, como ‘infância’, ‘o que é novo’; do latim *infans*, para designar aquele que (ainda) não fala, a criança. A mudança, na aquisição da linguagem, é, assim, a passagem do *infans* para sujeito falante.

Essa passagem é abordada pela linguista Cláudia de Lemos (2002, p.55), na aquisição de linguagem, através da função de captura; função da língua considerada sob dois aspectos: a anterioridade lógica, uma vez que precede o sujeito; o funcionamento simbólico em que a criança é capturada – um funcionamento linguístico-discursivo que a significa e lhe permite significar outra coisa. Essa função da língua faz parte dos processos de subjetivação, que tornam possível a passagem do *infans* para falante, por meio do esquecimento dessa posição de ser ‘aquele que não fala’.

Pereira de Castro retoma a teoria do filósofo Giorgio Agamben (1989 *apud* PEREIRA DE CASTRO, 2010), para quem a infância encontra seu lugar lógico na relação entre linguagem e experiência<sup>7</sup>; uma experiência de língua(gem) de que a criança precisa se expropriar<sup>8</sup> na infância para se tornar falante. De certo modo a criança excede o que Agamben chama de “mundo fechado” do signo ao transformar essa língua(gem) em discurso.

Saussure ([2002] 2004, p.237), por sua vez, no livro *Escritos de Linguística Geral*, afirma que a língua só é criada em vista do discurso e se questiona sobre o que separa a língua do discurso, ou o que permite dizer que a língua entra em ação como discurso. O linguista ressalta que os conceitos isolados já estão prontos na língua, mas que a sequência desses conceitos, quando postos em relação pelo sujeito falante é que constitui o discurso.

---

<sup>7</sup> Um *experimentum linguae*, segundo o autor.

<sup>8</sup> A expropriação, para o autor, tem um sentido específico. Não se trata de se livrar da infância, mas de não ser capaz de traduzir a experiência da infância em narrativa.

Ainda em relação à mudança, citamos mais uma vez Saussure que, ao pensar o fenômeno, se põe na posição do falante para estabelecer o corte teórico entre diacronia e sincronia. Para o autor é no estado de língua que se encontra o falante e, para entender a diacronia, é preciso partir de onde ele está.

A primeira coisa que surpreende quando se estudam os fatos de língua é que, para o indivíduo falante, a sucessão deles no tempo não existe: ele se acha diante de um estado. Também o linguista que queira compreender esse estado deve fazer *tabula rasa* de tudo quanto produziu e ignorar a diacronia. Ele só pode penetrar na consciência dos indivíduos que falam suprimindo o passado. A intervenção da História apenas lhe falsearia o julgamento. (SAUSSURE [1916] 2001, p.97)

A repercussão dessa inovação teórico-metodológica saussuriana é vasta. Tomemos apenas como exemplo a reflexão de Benveniste (1995, p.45), no livro *O vocabulário das instituições indo-europeias*. Em uma crítica aos comparatistas relacionada às mudanças de sentido que os vocábulos possam sofrer, o linguista demonstra essa noção equivocada através de uma análise da palavra \*peku.

Para todos os comparatistas, i.-e. \*peku designa “gado” ou, num sentido mais estrito, o “carneiro”. Assim, o sentido de riqueza, quando aparece nesse termo ou em algum de seus derivados (p. ex., lat. *pecúnia*), é considerado secundário ou é explicado como resultante de uma extensão semântica do termo que designava de início a riqueza por excelência, o gado.

O estudo de \*peku e de seus derivados nos três grandes dialetos em que ele é representado – indo-iraniano, itálico e germânico – leva a uma inversão da interpretação tradicional: \*peku designa originalmente a “riqueza móvel pessoal”: e é apenas por *especificações* sucessivas que ele pôde designar, em certas línguas, o “gado”, o “gado miúdo”, o “carneiro”. (BENVENISTE 1995, p.45)

Benveniste, como Saussure, procura resolver o problema tomando um ponto de vista sincrônico, pelo qual pôde estabelecer a oposição entre \*peku – riqueza móvel pessoal, e outro tipo de riqueza (imóvel).

## Erro e lapso na Linguística

Antes de retomar a questão do erro – que motivou esta passagem pela mudança linguística e pela aquisição de linguagem como fenômeno de mudança –, lembramos que apesar de Paul (*op. cit.*), conforme alega Meringer (1895 *apud* FROMKIN, 1973, p. 13), ter sido um dos primeiros linguistas a sugerir que os erros podiam oferecer pistas importantes para entender essa mudança, foi o próprio Meringer que se tornou referência nos estudos sobre os erros ao publicar dois livros sobre esse assunto.

Em um primeiro livro, em co-autoria com Mayer, em 1895, *Versprechen Und Verlesen: Eine Psychologisch-Linguistische Studie*<sup>9</sup>, Meringer apresenta e classifica um *corpus* com mais de 8.000 erros de fala, de escrita e de leitura. Segundo Celce-Murcia (1980)<sup>10</sup>, os autores recolheram erros de fala de diferentes línguas indo-europeias modernas, em busca de similaridades entre essas línguas, metodologia comum entre os filólogos da época<sup>11</sup>.

Cutler e Fay (1978), ao ler a obra de Meringer<sup>12</sup>, escrevem um artigo introdutório à reedição do livro, no qual demonstram a influência do trabalho do filólogo nos estudos sobre erro e lapso de língua na área de Psicolinguística. Eles elogiam o modo criterioso de coleta de dados e formação do *corpus*, uma vez que é possível encontrar erros de todos os tipos, que foram imediatamente anotados após sua ocorrência, com o cuidado de circunscrever o contexto em que ocorreram, ou quaisquer outros detalhes relevantes. Ressaltam ainda a inclusão de exemplos de erros provenientes da literatura, do teatro e de obras de Shakespeare, além daqueles retirados de piadas e histórias contadas oralmente de geração para geração. Nessa etapa de classificação dos erros, “a gagueira”, considerada não patológica, os trava-línguas e o esquecimento temporário de palavras são fenômenos que

---

<sup>9</sup> O título desse livro foi traduzido como *Lapsos na fala e na escrita* na tradução da obra de Freud *Psicopatologia da vida cotidiana* ([1901] 1987), em que a obra de Meringer é citada. Contudo, não há tradução do livro para o português e nem para o inglês.

<sup>10</sup> Linguista americana que publicou o artigo “Meringer’s corpus revisited”, no livro *Speech errors as linguistic evidence*, organizado por Victoria Fromkin, 1980.

<sup>11</sup> Embora o livro *Versprechen und Verlesen* tenha sido escrito por Meringer com a co-autoria de Mayer, vários autores se referem apenas a Meringer por ele ter sido o principal pesquisador. Nós optamos por citar apenas o nome de Meringer, conforme encontramos nos textos que fazem referência ao livro.

<sup>12</sup> Meringer, R. & Mayer, C. *Versprechen Und Verlesen: Eine Psychologisch-Linguistische Studie*, With an introductory article and a bibliography by Anne Cutler, David Fay, (Classics in Psycholinguistics Ser. 2). O livro de Meringer & Mayer foi reeditado pela Editora Benjamins, 1978, e continua sem tradução para o Inglês, ou para qualquer outra língua. Entretanto, nessa reedição, os linguistas Cutler e Fay escrevem uma longa introdução em Inglês, para situar as contribuições de Meringer e Mayer para a Psicolinguística.

também serviram de exemplos para compor esse *corpus*. Segundo os autores, o estudo de Meringer esperava contribuir para a pesquisa sobre o que é da ordem do interno/individual, com um estudo mais detalhado sobre os erros cometidos na oralidade.

Ainda nesse artigo introdutório, Cutler e Fay (*op.cit.*) tecem considerações acerca da contribuição da pesquisa de Meringer e destacam que a categorização dos erros de fala, proposta em 1895, permanece atualizada. Ou seja, as antecipações, perseverações, trocas ou substituições de sons, sílabas ou palavras são algumas das categorias ainda usadas para descrição e classificação de dados na Linguística, por autores contemporâneos, conforme veremos ao longo do nosso trabalho. Entretanto, os linguistas Cutler e Fay apontam questões metodológicas que fragilizariam a pesquisa dos filólogos como, por exemplo, o fato de alguns erros retirados do campo da ficção em textos literários servirem para comprovar os vários tipos de erro do falante. O capítulo sobre erros de leitura é apontado, por aqueles linguistas, como decepcionante, pois os dados foram coletados de alunos, que não eram falantes nativos, nas aulas de alemão ministradas por Meringer. Os erros teriam acontecido, segundo os autores, por se tratar de uma língua estrangeira, embora os alunos apresentassem um nível de proficiência alto.

De acordo com Cutler e Fay, as conclusões de Meringer sobre esses erros parecem não refletir as idiosincrasias dos falantes e, portanto, não devem ser reconhecidos como uma coleção de dados confiáveis. Poderíamos ponderar essa afirmação, pois tanto os falantes de uma língua quanto os aprendizes do alemão teriam conhecimento heterogêneo sobre essa língua.

O *corpus* reunido por Meringer serviu de base de dados para outros estudiosos, principalmente para os interessados em pesquisar a relação entre a mudança linguística e os erros de fala, como foi o caso de Sturtevant ([1917] 1961), linguista americano que discute a questão da mudança a partir dos pressupostos teóricos dos neogramáticos. Para Sturtevant, no livro *Linguistic change: an introduction to the historical study of language*, a língua é apenas uma convenção realizada por meio da “imitação” (*op. cit.*, p. 25), e a mudança linguística se originaria de uma das duas fontes, a saber, a introdução de mudanças novas no próprio modelo, a que dá o nome de *mistakes*, e outras mudanças entendidas como intencionais, chamadas de “figuras de fala” (*op. cit.*, p. 29).

Em *An introduction to linguistic science*, Sturtevant (1947) menciona haver dois grupos de fatos linguísticos que mereceriam a atenção dos pesquisadores: os dialetos e os lapsos de língua. O autor ressalta que os dialetos estavam sendo estudados há tempos, mas que poucos pesquisadores, até aquele momento, teriam se dedicado aos lapsos de língua. Assim, Sturtevant (1947, p.38) define erro de fala ou lapso de língua como “uma inovação linguística não intencional<sup>13</sup>”. Segundo o pesquisador, essas inovações linguísticas ocorrem, muitas vezes, por exemplo, na fala da criança e, geralmente, são notadas pelo ouvinte como uma fala que causa diversão ou reprovação. Essas inovações não se restringem à fala da criança e podem acontecer a qualquer falante, mas o linguista realça que frequentemente esse falante detecta o seu erro e o corrige imediatamente. Vejamos o exemplo do autor: “*someone must have thrown a pitch*”<sup>14</sup>, que logo é corrigido por, “*I mean, a peach*”. A troca entre os substantivos *pitch* e *peach* é possível pela semelhança fônica entre as vogais, como percebemos pela transcrição fonética \‘pich\ e \‘pēch\. Em função da efemeridade do lapso, o autor assevera que os lapsos não podem ser objeto de repetição; em outras palavras, não é possível pedir ao falante que reproduza a fala em que o lapso ocorreu, sem que ele não a corrija. O caráter não intencional estaria aí suspenso.

Há ainda os lapsos considerados, pelo autor, “menos violentos”, isto é, aqueles lapsos que passam despercebidos, tanto pelo falante quanto pelo ouvinte. Por exemplo, em vez de o falante pronunciar o vocábulo *probably*, ele pronuncia *frobably*<sup>15</sup>, trocando o fonema /p/ por /f/. Pela fugacidade da troca de consoantes, que faz com que o ouvinte venha a se perguntar se ouviu “certo” ou “errado”, é que Sturtevant contesta a ideia de que qualquer pessoa atenta possa facilmente localizar um lapso, alertando que mesmo um foneticista experiente pode, sob certas circunstâncias, ouvir o lapso como se o fonema substituído fosse o fonema da palavra enunciada.

---

<sup>13</sup> “*an unintentional linguistic innovation*”, nossa tradução. A questão do lapso de língua será retomada no capítulo 3.

<sup>14</sup> “Alguém deve ter jogado um piche”, “eu quero dizer, um pêssego”, tradução nossa. Lembramos que ao fazermos a tradução dos dois fragmentos para o português, a troca entre os substantivos *pitch* e *peach* não mantém o jogo sonoro entre ‘piche’ e ‘pêssego’.

<sup>15</sup> “provavelmente”, “frovavelmente”.

Sturtevant (*op. cit.*) acredita que os erros de fala não são aleatórios e podem ser previsíveis, uma vez que considera que a mudança sonora<sup>16</sup> é regular, mas cria irregularidades, enquanto a analogia é irregular, mas cria regularidade, dando continuidade à reflexão de Paul sobre os processos em torno da mudança linguística.

Outro autor que trata o erro na fala espontânea – isto é, em situações de uso da língua – é Cohen ([1966] 1973), no artigo *Errors of speech and their implication for understanding the strategy of language users*<sup>17</sup>. Ele parte do estudo de Lashey (1951) sobre as “camadas”<sup>18</sup> que compõem o processo da fala e resume-as em: (1) um plano sobre o que será dito; (2) um programa em que a ordenação temporal se dá de acordo com as regras de determinada língua; (3) o desempenho atual, em termos de movimentos dos órgãos articulatórios que produzem a fala. Chamamos atenção para algumas conclusões de Cohen nesse estudo: na fala, os falantes estão mais suscetíveis ao surgimento de palavras em seus pensamentos; o efeito dos erros geralmente não é percebido pelos falantes nem pelos ouvintes, apenas nos casos em que há desvio no sentido, comprometendo o significado. Cohen, de um lado, parte de uma intencionalidade do falante, mas o autor admite também que essa intencionalidade pode estar exposta às relações associativas do falante durante a fala, o que de certo modo desarma a hipótese de intencionalidade. O linguista, na conclusão de seu artigo, menciona que o falante e o ouvinte parecem não notar os erros. É o que acontece, por exemplo, quando nenhum dos interlocutores se dá conta do surgimento em sua fala de uma palavra inesperada, contrariando a ordenação imposta pelas regras da língua.

Victoria Fromkin, renomada linguista americana, organizou dois livros sobre erros e lapsos: *Speech errors as linguistic performance evidence* (1973) e *Errors in linguistic performance: slips of the tongue, ear, pen and hand* (1980). Nesses livros, a autora reúne artigos com a colaboração de pesquisadores de diversas áreas do

---

<sup>16</sup> A expressão “mudança sonora” é usada na sociolinguística e tratada diferentemente pelos neogramáticos e dialetologistas. Para os neogramáticos, “a mudança sonora é gradual, afetando todas as unidades sonoras e, portanto, lexicalmente abrupta” [...] para os dialetologistas, “a frequência de uso de uma palavra poderia atuar no processo de mudança sonora” GOMES, C. A.; SOUZA, C.N.R. (2003, p.79) Variáveis fonológicas In: *Introdução à sociolinguística*. Saussure ([1916] 2001), no capítulo sobre a analogia, usa o termo “mudança fonética”.

<sup>17</sup> In: *Zeitschrift für Phonetik* 21 (1/1): 177-81 (1966) republicado no livro *Speech errors as linguistic evidence*, (1973, p. 88-92)

<sup>18</sup> A expressão usada pelo autor no artigo é “*layers in the speaking process*”.

conhecimento que trazem discussões pertinentes sobre dados resultantes de desvios no desempenho linguístico, a partir dos níveis de análise linguística. No prefácio do livro *Errors in linguistic performance: slips of the tongue, ear, pen and hand* (1980), Fromkin explica que denominar os dados desviantes como “erros de fala”, restringe seu escopo. Assim, segundo a autora, a denominação “erros de fala” deve ser ampliada para contemplar quem ouve – por meio dos chamados “lapsos de ouvido”; quem escreve e os mecanismos centrais na escrita – denominados “lapsos de escrita”; ou produções de usuários surdos decorrentes da língua de sinais – “lapsos de mão”. Desse modo, além de salientar que o erro pode ser cometido por aquele que fala, a linguista ressalta ainda a possibilidade de haver uma percepção equivocada de quem ouve ou de quem escreve, e também daqueles que fazem uso da língua de sinais. Não fica claro, no entanto, o que a autora considera uma “percepção equivocada”. Se meu interlocutor escuta *falsa*, em vez de *falta*, seria um lapso de escuta por mera percepção equivocada? Ou devemos considerar também que uma escuta não coincidente pode ter origem em fatores outros, isto é, não determinados pelos fatores perceptuais? O ouvinte pode ser levado para outra direção, a partir de um ponto de deriva possível no enunciado do falante, sem que este último o tenha reconhecido (PÊCHEUX, [1983] 1997, p.53).

Garnes e Bond (1980), no artigo *A slip of the ear: a snip of the ear? A slip of the year?*, afirmam que a percepção ou escuta errada de uma palavra ou frase é denominado lapso de escuta. Um dos exemplos dos autores retoma o título do artigo no qual a frase “*a slip of the ear*<sup>19</sup>” foi ouvida como “*a snip of the ear*<sup>20</sup>” ou como “*a slip of the year*<sup>21</sup>”. Na troca entre “*slip*” por “*snip*”, o fone /l/ alveolar é trocado pelo /n/ que é nasal, apesar de serem articulados em pontos diferentes. As palavras “*year*” e “*ear*”, por sua semelhança fonética são consideradas homófonas e causam várias interpretações. O que nos chama atenção no título do artigo é que os três enunciados fazem sentido.

No estudo conduzido por aqueles linguistas são examinados fragmentos decorrentes da pronúncia equivocada de palavras, mal-entendidos das crianças, etimologia

---

<sup>19</sup> “Um lapso de escuta”, tradução nossa.

<sup>20</sup> “Um recorte da orelha”, tradução nossa.

<sup>21</sup> “Um deslize do ano”, tradução nossa.

popular, piadas e desenhos, trocadilhos, ficção e *malapropismos*<sup>22</sup>, classificados como a) erros que envolvem consoantes – “*Let’s look for the **cape***<sup>23</sup>” ao invés de “*Let’s look for the **cake***<sup>24</sup>”; b) erros que envolvam uma única vogal – “*How do you spell **since***<sup>25</sup>?”, que leva ao ouvinte perguntar “*Which do you mean, **cents** or **sense***<sup>26</sup>?”; c) erros que ocorrem em uma palavra entre duas consoantes, entre duas vogais, entre vogal e consoante, pela inserção de sílaba ou pela elisão da sílaba – “*I teach speech science*<sup>27</sup>” que pode ser escutado como “*speech signs*<sup>28</sup>”; d) metatésis – “*Speech science*<sup>29</sup>” por “*speech sinus*<sup>30</sup>”; e) múltiplos erros nas palavras por substituição de palavras – por exemplo, “*Maybe we ought to give up the **script of linguistics***<sup>31</sup>” no lugar de “*Maybe we ought to give up the **descriptive linguistics***<sup>32</sup>” – e, além disso, há ainda elisão de sílaba, inserção de sílaba, erros na função da palavra, mudança no limite da palavra, elisão no limite da palavra, acréscimo no limite da palavra; e) miscelânea devido à homonímia, palavra estrangeira ou léxico equivocado – “*This will shed **some light** to the problem*<sup>33</sup>” substituído por “*sun light*<sup>34</sup>”.

A hipótese dos autores é a de que o ouvinte tenta dar sentido àquilo que ouve. Assim, para eles, o processo de percepção é ativo e os ouvintes empregam informações gramaticais em nível fonológico, lexical e sintático na percepção da fala. Como observamos, Garnes e Bond se limitam às descrições que não parecem ampliar exemplos de outros estudiosos a respeito dos lapsos.

Entretanto, achamos um episódio relatado pelos autores que nos chamou atenção por apontar que as possibilidades de interpretação decorrentes do ponto de deriva não acontecem apenas com os falantes nativos, há a possibilidade de que o ponto de deriva se dê entre línguas. Ao se referirem aos mal-entendidos produzidos por crianças, Garnes e

<sup>22</sup> *Malapropism*, palavra usada na língua inglesa, para designar a troca de uma palavra por outra devido à semelhança sonora (cf. DICIONÁRIO MERRIAN-WEBSTER online).

<sup>23</sup> “Vamos procurar pela capa”, ou “Vamos procurar pelo Cabo (nome geográfico)”, tradução nossa.

<sup>24</sup> “Vamos procurar pelo bolo”, tradução nossa.

<sup>25</sup> “Como se escreve desde?”, tradução nossa.

<sup>26</sup> “O que você quer dizer centavos ou sentido?”, tradução nossa.

<sup>27</sup> “Eu ensino a ciência da fala”, nossa tradução.

<sup>28</sup> “os sinais da fala”, nossa tradução.

<sup>29</sup> “ciência da fala”, nossa tradução.

<sup>30</sup> “seio da fala”

<sup>31</sup> “script da linguística”, tradução nossa.

<sup>32</sup> “Talvez nós devamos desistir da linguística descritiva”, tradução nossa.

<sup>33</sup> “Isso lançará alguma luz sobre o problema”, tradução nossa.

<sup>34</sup> “luz do sol”, tradução nossa.

Bond relatam o episódio em que uma criança interpreta o verso “*Gladly, thy cross I’d bear*”<sup>35</sup> do hino sacro “*Keep thou my way*”<sup>36</sup>, de Fanny Crosby, da seguinte maneira: “*Gladly, the cross-eyed bear*”<sup>37</sup>. O curioso é que, em nossa pesquisa, encontramos um fragmento similar que também se refere a uma canção, e acontece o mesmo tipo de interpretação em função da escuta equivocada, mas o falante não é nativo. Vejamos o seguinte relato de um brasileiro<sup>38</sup> sobre a interpretação que fez de uma música da cantora Alanis Morissette:

Quando cheguei ao Canadá em 1995, a Alanis Morissette começava a fazer muito sucesso. Fiquei impressionado quando ouvi pela primeira vez a canção “*You Oughta Know*”, do álbum “*Jagged Little Pill*”. Era realmente uma febre porque, onde quer que eu estivesse, no táxi, na academia, no restaurante etc., essa música chegava aos meus ouvidos. Confesso que, no começo, não dei muita bola para a letra. Um trecho, entretanto, me chamou a atenção. Por que razão alguém daria a ela um urso vesgo? Depois, descobri que ela cantava o seguinte:

It’s not fair, to deny me  
[Não é justo, me negar]  
Of the cross I bear that you gave to me  
[da cruz que carrego, que você me deu]

E eu havia entendido “cross-eyed bear”!

---

<sup>35</sup> “Alegremente, sua cruz eu carregaria”, nossa tradução.

<sup>36</sup> Keep Thou my way, O Lord, be Thou ever nigh;  
Strong is Thy mighty arm, weak and frail am I;  
Then, my unchanging Friend, on Thee, my hopes depend,  
Till life’s brief day shall end, be Thou ever nigh.  
Keep Thou my heart, O Lord, ever close to Thee;  
Safe in Thine arms of love, shall my refuge be;  
Then, over a tranquil tide, my bark shall safely glide;  
I shall be satisfied, ever close to Thee.

Keep Thou my all, O Lord, hide my life in Thine;  
O let Thy sacred light over my pathway shine;  
Kept by Thy tender care, **gladly the cross I’ll bear**;  
Hear Thou and grant my prayer, hide my life in Thine.

<sup>37</sup> “Alegremente, o urso vesgo”, nossa tradução.

<sup>38</sup> Esse exemplo foi retirado do site <http://www.teclasap.com.br/blog/2008/04/16/pagando-mico-urso-vesgo/>.

Como constatamos nos dois episódios apresentados, a escuta dos fragmentos “*cross I’ll bear*” e “*cross I bear*” possibilitou aos ouvintes, a criança nativa da língua inglesa e o falante brasileiro, exatamente a mesma interpretação “*cross-eyed bear*”. É importante ressaltar, entretanto, algumas diferenças entre os dois episódios. No episódio em que a criança interpreta a música religiosa, seu universo linguístico possivelmente estivesse atrelado aos bichinhos de pelúcia, chamados, em inglês, *teddy bear*. Além disso, para a criança é difícil compreender a metáfora do enunciado “*the cross I’d bear*”. Para o brasileiro houve a confusão em função de *bear* significar o substantivo “urso” e o verbo *to bear* significar *aguentar, suportar*. Ou seja, o brasileiro não conhecia o significado do verbo *to bear*, fato que impediu a compreensão do enunciado e o levou a associá-lo ao substantivo *bear*.

Interessa-nos chamar a atenção para o que está em jogo nessa observação: a questão da escuta que, a nosso ver, mostra um sujeito dividido entre aquele que fala e aquele que escuta, fundamental para a hipótese que pretendemos desenvolver mais adiante. Outro episódio<sup>39</sup> que corrobora a essa hipótese é o de uma falante brasileira que, ao ler no caderno de cultura de um jornal a sinopse de um filme estrelado pela atriz Julianne Moore, faz o seguinte comentário: “A Julianne Moore está cada vez *more* (com a pronúncia na língua inglesa) fazendo filmes interessantes”. O enunciador parece estar sob efeito da palavra escrita *Moore* ao pronunciar *more* pela proximidade das formas gráfica e sonora entre as duas palavras. Desse modo, o nome da atriz convoca a palavra estrangeira *more* no lugar do advérbio *mais*, um termo da expressão *cada vez mais*, na sua língua materna (“A Julianne Moore está cada vez mais (*more*) fazendo filmes interessantes”). O enunciador, ao se escutar, ri de si mesmo e comenta seu “lapso”<sup>40</sup> em função dos efeitos de sua leitura do nome da atriz, *Moore*, substituído em seu enunciado pelo advérbio *more*. Nesse caso é o próprio falante que aponta a divisão da sua posição entre o que disse e o que escutou.

Celce-Murcia (1980), no artigo *On Meringer’s corpus of “slips of the ear”*, relata que os lapsos de escuta ocorrem em menor quantidade do que os lapsos de língua na fala, na escrita e na leitura. A autora assevera que a explicação de Meringer para a análise

---

<sup>39</sup> Episódio relatado por Pereira de Castro em comunicação individual.

<sup>40</sup> No terceiro capítulo será discutida essa questão do riso provocado pela escuta de um lapso, discutido por Freud na *Psicopatologia da vida cotidiana*.

desses erros é insuficiente, uma vez que o filólogo considera apenas os problemas referentes ao som, aos nomes próprios ou empréstimos de palavras estrangeiras. Segundo a linguista, a explicação para tais erros depende, em grande parte, de se especificar o “contexto conversacional” e os interlocutores. Celce-Murcia relata um episódio no qual estava envolvida e que se passou em um balcão de embarque de uma empresa aérea britânica. A linguista entregou ao atendente quatro passagens aéreas referentes aos membros de sua família. O atendente perguntou-lhe “*How many males?*” (quantos homens?) que ela compreendeu como: “*How many miles?*” (quantas milhas?) Surpreendida pela pergunta sobre as “milhas”, Celce-Murcia tentou fazer uma estimativa da distância em milhas, quando ouviu de novo a pergunta, em tom impaciente, do atendente: “*How many males?*” (quantos homens?) Como ela ainda estava fazendo o cálculo, respondeu ao atendente resmungando: “*How do you expect me to know the mileage to Amsterdam?*” (Como você espera que eu saiba a milhagem até Amsterdam?) E continuou: “*You run the airline*” (você é quem trabalha na empresa aérea). O jovem inglês retrucou balançando a cabeça: “*No. No. In your party – how many males and how many females?*” (Não. Não. Em seu grupo, quantos homens e quantas mulheres?).

Nesse episódio, Celce-Murcia afirma que o mal-entendido foi decorrente de o falante enunciar uma variante do inglês britânico, fazendo que o substantivo “*males*” (ˈmāls) não fosse reconhecido pela ouvinte, cuja variante era do inglês americano. O que foi escutado pela linguista foi “*miles*” (ˈmī(-ə)ls). A zona de equívoco está na variante da pronúncia do fonema referente à vogal –a, cujo som, em sua relação a outros fonemas, pode assumir outras formas. O enunciado que gerou o equívoco foi a pergunta “*How many males?*” e foi a partir dela que a linguista respondeu. Além disso, o fato de a enunciação se dar em um diálogo no aeroporto, no balcão de embarque, fez que a interlocutora pudesse escutar a pergunta “*how many males*” como “*how many miles*”. O equívoco se desfaz no momento em que o balconista, em resposta ao descontentamento da passageira, diz “*No. No. In your party*” (“Não. Não. No seu grupo”) – *how many males and how many females?* (“quantos homens e quantas mulheres?”). A oposição entre os vocábulos *males* (homens) e *females* (mulheres) dissolve o equívoco.

No artigo *Predicting slips of tongue*, Wells ([1951] 1973) discute de que formas a linguística tem condições de prever – no sentido de antecipar – os lapsos de língua através da formulação de paráfrases, considerando as relações fonéticas, semânticas e gramaticais dos vocábulos. De acordo com o autor, há dois aspectos a serem considerados para explicar e prever os lapsos de língua: os aspectos psicológicos, que criam predisposição para a ocorrência de um lapso; e os aspectos linguísticos, que fazem que um lapso possa ocorrer com maior ou menor facilidade. Para o linguista, a hesitação do falante entre enunciar “*I think I’ll drop past his house*<sup>41</sup>” ou “*I think I’ll drop by his house*<sup>42</sup>” pode facilitar o mecanismo de amalgamação entre duas palavras. Se tomarmos como exemplo as preposições “*past*” e “*by*”, teremos as seguintes possibilidades de amalgamação:

- 1) *Py* pela combinação entre *p (past)+y (by)*;
- 2) *Pay* pela combinação entre *pa (past)+y (by)*
- 3) *Pasy* pela combinação entre *pas (past)+y (by)*
- 4) *Pasty* pela combinação entre *past (past)+y (by)*
- 5) *Bast* pela combinação entre *b (by)+ (past)*.

Além da combinação pela troca de sons, há também a possibilidade de um vocábulo ser o resultado do amálgama entre duas palavras que mantenham relação semântica entre si, seja de sinonímia, seja de antonímia. Suponhamos que o falante enuncie “*refudiating*”, palavra inexistente na língua inglesa. Essa palavra, segundo o autor resulta da combinação entre “*refuting*”, que significa *refutar*, e “*repudiating*”, que significa *repudiar*. O fato de haver uma relação semântica de sinonímia entre “*refuting*” e “*repudiating*” pode facilitar a combinação dos dois vocábulos na produção de um terceiro.

De fato, Wells (*op. cit.*) afirma que o lapso ocorreu em virtude da relação semântica de sinonímia entre “*refuting*” e “*repudiating*” e foi facilitado pela proximidade fonética entre partes das duas palavras. Ou seja, o lapso foi sustentado pela homofonia. Observamos que as consoantes /f/ em “*refuting*” e /p/ em “*repudiating*” deveriam funcionar como obstáculo ao deslizamento entre as palavras, uma vez que o modo de articulação

---

<sup>41</sup> Eu passarei em frente à casa dele.

<sup>42</sup> Eu passarei em sua casa, implica fazer uma visita à pessoa.

entre as consoantes é diferente. Sendo o /f/ é uma consoante fricativa e o /p/, uma oclusiva, o ponto de articulação entre elas é diferente: o /f/ é uma consoante lábio-dental, e o /p/ é bilabial. Seria o caso, então, de perguntar, por que o ponto de articulação não interferiu no deslizamento. Segundo Wells, no entanto, a combinação de “*refuting*” e “*repudiating*”, que resultam em “*refudiating*”, é previsível<sup>43</sup>. A noção de previsibilidade adotada pelo autor apoia-se no paradigma de uma ciência explicativa que fará três coisas ao mesmo tempo: “(1) explicará certos fenômenos; (2) tratará esses fenômenos como sinais ou sintomas de outros fenômenos; (3) preverá os fenômenos que não foram observados no momento em que faz sua previsão”.<sup>44</sup>

Para Wells, Freud trata os lapsos como sintomas, mas a crítica que faz ao psicanalista é a de que ele não dá atenção ao último item: a previsibilidade, que se constitui em prova final de uma teoria. De acordo com o linguista, a atitude de Freud reflete sua negligência em relação ao fator linguístico, embora o psicanalista estivesse familiarizado com o trabalho de Meringer.

Para prever e explicar os lapsos de língua, Wells afirma ser necessário considerar dois fatores: os fatores psicológicos e os fatores linguísticos. Freud daria grande importância aos fatores psicológicos e, segundo o linguista, passa a impressão de que os lapsos de língua e os esquecimentos são meros veículos, com caráter incidental e sem importância.

No sentido de esclarecer seu ponto de vista sobre a noção de previsibilidade, Wells explica que a previsibilidade que a ciência linguística pode fazer guarda duas limitações: a de ser condicional e alternativa. Sendo assim, segundo o autor, é provável prever, através de um determinado enunciado, os lugares em que um lapso poderia ocorrer, segundo alternativas, isto é, duas ou mais possibilidades de enunciados.

O autor desenvolve a teoria de que a língua tem lugares de equívoco e que não é necessário recorrer a uma noção de inconsciente para explicar a combinação de palavras como a que mostramos no exemplo acima (*repudiating*, *refudiating*). Para Wells (*op.cit.*),

---

<sup>43</sup> A palavra usada por Wells é ‘*predictable*’.

<sup>44</sup> Now it is generally agreed that an explanatory science will do three things at once. First, it will explain certain phenomena. Second, it will treat those phenomena as signs or symptoms of other phenomena. And third, it will predict phenomena that have not been observed at the time it makes its prediction. WELLS ([1951] 1973, p. 83)

o lapso se dá por razões unicamente linguísticas. Todo o fenômeno se esgota ali e cada língua tem seus possíveis lugares de lapso.

Sabemos que toda língua tem seus lugares de equívoco, mas partir dessa evidência para um passo no sentido da previsibilidade é um argumento que não se sustenta. Em primeiro lugar, reconhecer esses lugares não é garantia de que o falante necessariamente cometerá um erro ali. Além disso, há lapsos que escapam às zonas conhecidas de equívoco. Há algo da relação do falante com a língua que a noção de previsibilidade oblitera. É bem isso que nos leva a recorrer a Freud (1901), no seu livro *Psicopatologia da vida cotidiana*. É com ele que procuraremos desnaturalizar o que Wells chamou, com muita segurança, de evidências.

Para problematizar tal questão, acompanhamos, mais de perto, o diálogo de Freud com a obra de Meringer no momento em que o psicanalista aponta passagens em que o último autor se mostra convencido de que é preciso buscar outras razões para o *lapsus linguae* além, por exemplo, das “perturbações” provocadas pelas aproximações fônicas. Ao se referir aos trabalhos de Meringer & Mayer, Freud afirma que

[n]ão se pode afirmar que Meringer e Mayer tenham descuidado da possibilidade de as perturbações da fala resultarem de “influências psíquicas complicadas”, de elementos externos à palavra, frase ou sequência de palavras como tais. Eles tiveram que observar que, a rigor, a teoria da desigualdade de valência psíquica dos sons só é suficiente para esclarecer as perturbações do som, bem como as antecipações e perseverações de sons. Nos casos em que as perturbações da palavra não podem ser reduzidas a perturbações dos sons (como, por exemplo, nas substituições e contaminações de palavras), eles não hesitaram em procurar uma causa para o lapso fora do contexto intencionado [...] (FREUD [1901] 1987, p. 62-63, grifo nosso)

O que Freud comprova é que Meringer e Mayer não hesitam em perceber que há outra ordem de acontecimento para os lapsos além do papel dos sons; logo, apenas uma abordagem para os lapsos considerando-se os sons já não estava no horizonte desses filólogos. No mesmo texto, na sequência argumentativa, Freud mostra os pontos de encontro com a obra dos autores, mas também a necessidade de ir mais além.

É bastante óbvio que o exame das imagens linguísticas “errantes” que estão abaixo do limiar da consciência sem que se tencione dizê-las, bem

como o pedido de informação sobre tudo o que estaria na mente do falante, são procedimentos que se aproximam muito das condições de nossas “análises”. Também nós estamos à procura de material inconsciente, e até o investigamos pelo mesmo caminho; só que, para ir das ideias que ocorrem à pessoa interrogada até a descoberta do elemento perturbador, temos de seguir um caminho mais longo, através de uma série complicada de associações. (FREUD [1901] 1987, p. 64, grifo nosso)

A inovação de Freud consiste em mostrar que há um caminho que é percorrido pela associação das ideias que se relacionam com os “complexos do sujeito” e irrompem na fala aproveitando-se da proximidade semântica ou fonética, ou mesmo ambas. O passo de Freud, nessa reflexão, é mostrar que o caminho para se chegar às “imagens errantes”<sup>45</sup> em um lapso de língua difere dos caminhos propostos pelos filólogos para chegar ao “material inconsciente”<sup>46</sup>, uma vez que as “imagens errantes” estão abaixo do “limiar da consciência”<sup>47</sup> e implicam uma complicada série de associações.

É nesse aspecto que Freud assevera que os lapsos de língua se aproximam do material onírico.

Ora, em *A Interpretação dos Sonhos* (1900a) demonstrei o papel desempenhado pelo trabalho de *condensação* na formação do chamado conteúdo manifesto do sonho a partir dos pensamentos oníricos latentes. Qualquer tipo de semelhança entre dois elementos do material inconsciente — uma semelhança entre as próprias coisas ou entre as representações de palavra — serve de oportunidade para a criação de um terceiro elemento, que é uma representação mista ou de compromisso. No conteúdo do sonho, esse terceiro elemento representa ambos os seus componentes, e é por se originar terceiro elemento representa ambos os seus componentes, e é por se originar dessa maneira que ele tantas vezes apresenta diversas características contraditórias. A formação de substituições e contaminações ocorrente nos lapsos da fala é, por conseguinte, um começo do trabalho de condensação que encontramos em diligente atividade na construção do sonho. (FREUD [1901] 1987, p. 64, grifo nosso)

Nessa passagem, é o caso de se perguntar por que Freud mostra como a formação de substituições e contaminações que ocorrem nos lapsos de língua é o começo

---

<sup>45</sup> Expressão usada por Meringer e Mayer.

<sup>46</sup> Expressão usada por Freud.

<sup>47</sup> Expressão usada por Meringer e Mayer.

de um trabalho de condensação que ocorre no sonho. Porque a condensação é o processo pelo qual o inconsciente, por meio de semelhança entre as “próprias coisas” ou entre “as representações de palavra”, formará um terceiro elemento que se manifestará no sonho. Nos lapsos de língua, há, inicialmente, apenas as substituições e contaminações nas palavras que podem dar origem a outro termo.

Em *A interpretação dos Sonhos*, Freud afirma que

[t]oda uma série de fenômenos da vida cotidiana das pessoas sadias — como o esquecimento, os lapsos de linguagem, os atos falhos e uma certa classe de erros — deve sua origem a um mecanismo psíquico análogo ao dos sonhos e ao dos outros membros da série. (FREUD [1900] 1987, p.189)

Ao continuar com a análise dos últimos exemplos de Meringer e Mayer, Freud se indaga se as duas classes de lapsos da fala – os que surgem por influência da antecipação ou perseveração de sons e palavras, ou pelo efeito de palavras externas à frase intencionada – podem ser separadas. Para responder a essa indagação, ele se propõe a averiguar a questão recorrendo ao trabalho de Wundt sobre as leis do desenvolvimento da fala nos lapsos de fala.

Para Wundt (1900, p. 380 *apud* FREUD [1901] 1987, p. 65-66), um traço que nunca falta aos lapsos de fala e outros fenômenos correlatos é a “atividade de certas influências psíquicas”. Essas influências psíquicas são compostas por um “determinante positivo sob a forma do fluxo desinibido de *associações sonoras e associações de palavras* evocadas pelos sons falados” (itálicos do autor). Soma-se a isso um fator negativo sob “a forma de supressão ou relaxamento dos efeitos inibidores da vontade sobre esse fluxo, assim como de atenção, que se reafirma nesse ponto como função de vontade”. Não há diferenças na natureza de uma atividade psíquica, seja ela pela antecipação de sons, pela reprodução de sons precedentes, pela repercussão de palavras diferentes dos sons pronunciados, mas que emergem por algum vínculo associativo, apenas há diferenças na direção e no âmbito das associações correntes.

A partir dessas observações “instrutivas” de Wundt, Freud enfatizará que

(...) o fator positivo que favorece o lapso da fala (o fluxo desinibido de associações), bem como o fator negativo (o relaxamento da atenção inibidora), têm invariavelmente um efeito conjunto, de modo que os dois fatores tornam-se apenas maneiras diferentes de encarar o mesmo processo. Acontece que, com o relaxamento da atenção inibidora – ou, em termos ainda mais claros, em consequência desse relaxamento – o fluxo desinibido de associações entra em atividade. (FREUD [1901] 1987, p. 66, itálico do autor, grifo nosso)

Pelo fato de um lapso de língua comportar tanto o fator positivo em que há o fluxo desinibido de associações quanto o negativo em que há o relaxamento da atenção, a proposta de Wells ([1951] 1973) de que a linguística teria condições de antecipar os lapsos fica enfraquecida. Entretanto, a experiência mostra a Freud que esses fatores apenas favorecem (o que não significa que necessariamente antecipam) os lapsos, mas há casos em que esses fatores facilitadores dos lapsos de língua estão ausentes, bem como os aspectos associativos que os facilitam. Além do mais, Wells (*op. cit.*) afirma que se devem considerar os aspectos psicológicos que não são especificados por ele. Seriam a língua e a fala processos totalmente conscientes? Como saber o que se passa na rede associativa do falante de modo a se tentar antecipar ou prever quando e em que ponto um lapso ocorrerá?

As hipóteses de Freud não foram aceitas por Meringer, conforme relatos de Cutler e Fay (1978). Segundo os linguistas, Meringer publica o artigo *Aus dem Leben der Sprache*, em 1908, no qual faz uma digressão sobre o uso inadequado que Freud teria feito de seu livro e o ataca, presumivelmente, pelo fato de o psicanalista se referir a seu trabalho como preliminar ao dele. Nesse artigo, o autor expressa seu desprezo em relação aos padrões científicos sobre os quais o trabalho de Freud se assenta e à hipótese do psicanalista sobre o fato de a maioria dos erros de fala refletir os verdadeiros sentimentos subjacentes ao falante. O filólogo questiona-se sobre o tipo de ciência que Freud estava tentando fazer, pois achava que as explicações do psicanalista para os lapsos de língua eram inadequadas.

Meringer promete ainda escrever um artigo sobre os exemplos analisados por Freud em *A psicopatologia da Vida Cotidiana* em que pretende mostrar que as análises realizadas por Freud não podiam ser sustentadas. Em *Die täglichen Fehler im Sprechen, Lesen und Handeln*, de 1923, tece várias críticas à análise empreendida por Freud – análise

considerada por Cutler e Fay (1978) sem fundamento teórico –, e claramente discorda da posição teórica do psicanalista quanto à noção de inconsciente. Meringer faz as seguintes indagações sobre o trabalho de Freud: 1) “Por que o inconsciente trabalharia tão tortuosamente para emitir avisos ou expressar emoções quando inúmeros caminhos mais diretos de expressão seriam possíveis?”<sup>48</sup> 2) “Por que a repressão de palavras semelhantes a outra palavra com associações desagradáveis seria tão arbitrária quanto a seu efeito; por que há a repressão com apenas palavras marginalmente associadas sendo às vezes mais fortemente reprimidas do que aquelas mais estreitamente associadas; ou por que a repressão é algumas vezes eficaz e outras não?”<sup>49</sup> 3) “Sob quais fundamentos Freud alega que as associações conscientes que seus pacientes produziam, por exemplo para o material esquecido, eram necessariamente as mesmas associações (suas) inconscientes para o mesmo material?”<sup>50</sup> Freud não responde às críticas de Meringer, uma vez que a base para as questões do filólogo era a não aceitação da noção de inconsciente, hipótese fundadora da argumentação freudiana e exemplarmente apresentada no texto *O Inconsciente* (1915).

Como podemos ver, no debate entre Freud e Meringer, os psicolinguistas alinham-se à posição do último, recusando admitir que a noção de inconsciente possa desempenhar um papel nos estudos da linguagem. De acordo com Cutler e Fay (*op.cit.*), essa recusa se deve ao fato de que os argumentos de Freud são irrefutáveis dentro dos paradigmas da psicolinguística, nos quais os lapsos de língua decorrem da falha no monitoramento, ou seja, um processo consciente ou parcialmente consciente.

Os autores que não se rendem aos argumentos de Freud procuram, por outro lado, dar ao falante um poder de monitoramento. Mas o simples fato de supor um falante capaz de monitorar sua própria fala exclui da reflexão a teoria freudiana que, ao comparar

---

<sup>48</sup> “1) why, he (Meringer) asked, should the unconscious work so deviously to issue warnings or express emotions when countless more direct routes of expressions were possible?” Tradução realizada por Cutler e Fay (1978 *apud* Meringer, 1923 p.138) do alemão para o inglês. Nossa tradução do inglês para o português.

<sup>49</sup> 2) “why should the repression of words similar to a word with unpleasant associations be so arbitrary in its effect, with only marginally associated words being sometimes more strongly repressed than more closely associated words, or the repression being effective at some times but not others?” Tradução realizada por Cutler e Fay (1978 *apud* Meringer, 1923 p.128) do alemão para o inglês. Na nossa tradução do inglês para o português percebemos que deve ter ocorrido um problema na tradução do alemão para o inglês, o que nos levou a fazer algumas alterações na versão para o português.

<sup>50</sup> 3) “and on what basis did Freud claim that the conscious associations that his patients produced to, for instance, forgotten material were necessarily the same as their unconscious associations to the same material?” Tradução realizada por Cutler e Fay (1978 *apud* Meringer, 1923 p.125) do alemão para o inglês. Nossa tradução do inglês para o português.

os lapsos com o sonho, traz para a teorização a possibilidade de pensar o funcionamento psíquico do falante.

Boomer e Laver ([1968] 1973, p. 123), no artigo *Slips of the tongue*, definem o que chamam de lapsos de língua como “um desvio involuntário no desempenho corrente fonológico, gramatical ou lexical da intenção do falante<sup>51</sup>” e acrescentam que tal desvio é quase sempre detectado e corrigido pelo falante. É importante, contudo, salientar que os autores são assertivos ao dizerem que os mecanismos dos lapsos podem ser estudados linguisticamente, sem referência ao que os motivou. Se não é necessário fazer referência ao que motivou a produção de um lapso de língua, é preciso, no entanto, indagar sobre as alternativas que determinam a escolha de Boomer & Laver para inferir a intenção do falante, quando este não percebe seu erro.

O desvio é quase sempre detectado e corrigido, não necessariamente de forma consciente, pelo falante. Em qualquer circunstância, a discrepância entre o enunciado aberrante e a correção é o que define o lapso. Em alguns exemplos no nosso *corpus*, onde o desvio não foi corrigido, nós analisamos o lapso como referência à intenção inferida, ou se a intenção não fosse clara, notamos um número de determinações alternativas e categorizamos o lapso como não sendo analisável inequivocadamente pelo nosso procedimento. (BOOMER & LAVER [1968] 1973, p.123 – tradução nossa)<sup>52</sup>

Esses pesquisadores concluem que os lapsos de língua são provenientes do mau funcionamento do sistema de sequência no processo de produção da fala que obedece a restrições linguísticas, apesar de descartarem sua causa.

Um ano depois do artigo de Boomer e Laver, Laver ([1969] 1973) publica o artigo *The detection and correction of slips of tongue*, no qual dá continuidade à discussão em torno da relação entre os lapsos de língua e as funções cerebrais. Nesse trabalho, o autor afirma que, na correção dos lapsos de língua, a função que desempenha papel principal é a do monitoramento. Em outras palavras, a localização e a correção, para o autor, constituem

---

<sup>51</sup> “an involuntary deviation in performance from the speaker’s current phonological, grammatical or lexical intention”, tradução nossa.

<sup>52</sup> “The deviation is almost always detected, not necessarily consciously, by the speaker, and corrected. In any given instance, the discrepancy between the aberrant utterance and the correction defines the slip. In a few instances in our corpus, where the deviation was uncorrected, we analyse the slip with reference to the inferred intention, or if the intention was unclear, we noted a number of alternative determinations and categorized the slip as not being unambiguously analyzable by our procedure.”

evidências de que as funções de monitoramento e de construção de programa estão em operação. Para entender os lapsos de língua, essas funções devem ser estudadas considerando-se também as funções de “ideação”, “programa de planejamento neurolinguístico” e “execução miodinâmica”.

Dessa maneira, para Laver, um programa incorreto distorce a comunicação por comprometer a ideia que o falante quer expressar. Além das funções descritas pelo linguista, ele propõe também que se pense na recepção periférica, na decodificação, na avaliação e na ação, como subfunções inerentes à função do monitoramento.

De acordo com a pesquisa de Laver, quando um lapso não é corrigido ou comentado pelo falante é porque houve a falha nas subfunções de avaliação e ação do monitoramento, ou porque o monitoramento permitiu que a execução miodinâmica do programa continuasse. Além das causas já apontadas, o autor assevera ainda que a atenção tem papel importante na função de monitoramento e, conseqüentemente, na correção de erros. Portanto, se o falante estiver sob a influência de drogas ou álcool, encontrar-se com alto grau de cansaço, sob a influência de stress que cause nervoso, raiva, medo ou vergonha, a percepção e correção de erros pode não acontecer. Não deixa de ser interessante lembrar que, embora em posição teórica distinta e até mesmo antagônica, Laver não deixa de mencionar a influência de fatores externos, já lembrados por Freud, como cansaço, stress, que favorecem a emergência de lapsos de língua. Entretanto, o primeiro não chega a citar o último autor.

No campo da fonologia, com o artigo *Consonant features in speech errors*, Broecke e Goldstein (1980, p.47) realizam suas pesquisas a partir de três bases de dados: uma base de dados em inglês, a outra em alemão e a última em holandês. Para análise desses dados foram usados os mesmos modelos de taxonomia para comparação de características fonológicas. Os erros fonológicos na fala foram elencados como *spoonerismos*<sup>53</sup>, perseverações, antecipações, elisões e substituições. Nos *spoonerismos*, o

---

<sup>53</sup> Dr. Spooner (1844 - 1930) foi reverendo e professor em Oxford e se tornou conhecido por constantemente trocar as letras iniciais ou sílabas de palavras em seus discursos. Muitas vezes, essas trocas ou transposições de sons e de sílabas são relatadas como *spoonerismos*, nos Estados Unidos, em referência ao reverendo. Ademais, Potter (1980, p. 20) menciona ainda que Dr. Spooner era albino e, por conseguinte, tinha sua visão comprometida. Segundo o autor, essa característica é relevante, pois poderia se considerada como fator que comprometeria a produção do Dr. Spooner.

falante mistura os sons como, por exemplo, *keep a tape* por *teep a cape*; nas perseverações ou transposições pós-sonânticas, o som inicial de uma palavra se repete no início da segunda palavra, como *take a rest* por *take a test*. Isso acontece, segundo os autores, porque no momento em que a fala ocorre parte do enunciado ainda está em elaboração.

Nas antecipações ou transposições pré-sonânticas, o som da segunda palavra se antecipa no segmento inicial da primeira palavra como, por exemplo, *bake my bike* por *take my bike*. Para esses linguistas, as antecipações são os tipos de erros mais comuns, em função de o enunciado ainda estar no nível de programação.

Há também as elisões de consoantes como em *try and take* por *tie and take* e as substituições de consoantes em segmentos iniciais como em *back home* por *pack home*. A substituição lexical também poderá acontecer pela proximidade fonético-semântica – *about* por *around* ou trocas morfológicas – *it looks like* por *it look like*. Broecke e Goldstein (*op. cit.*) afirmam que não observam nenhum erro de fala causado primordialmente ou exclusivamente por um fenômeno articulatório.

No campo semântico, em *Semantic similarity as a factor in whole-word slips of the tongue*, Hotopf (1980) afirma que 31,25%, dos lapsos ocorrem entre termos complementares ou antônimos, por exemplo: *early* por *late*; *husband* por *wife*. Os co-hipônimos somam 44,6%, como na troca do vocábulo *hours* por *week*; *breakfast* por *lunch* etc. Há ainda 24,2% referente aos hipônimos em que se diz *Saturday* ao invés de *January*, ou *Britain* no lugar de *Europe*. Ao comparar lapsos de língua aos lapsos de escrita, a pesquisadora nota que as palavras substituídas, no primeiro caso, geralmente produzem um enunciado com significado.

Nos lapsos de escrita, a linguista percebe que a incidência de erros é menor do que na fala. Nesse caso, o que serve como elemento de mensuração é a pressão temporal, na medida em que, na escrita, o sujeito tem mais tempo para escolher as palavras a serem usadas e, portanto, está mais livre da pressão social decorrente das situações de interação face a face. Embora haja uma diferença na incidência de erros, a autora salienta que os erros oriundos de similaridade fonológica são comuns tanto na fala como na escrita.

Apesar de ter mais tempo para a escolha lexical na escrita, ainda assim a similaridade fonológica pode operar em um lapso de escrita. Trazemos o relato de uma

falante que decidiu escrever sobre seu sonho para sua amiga. Ela escreveu: “sabe o que eu sonhei? Eu sonhei que eu era um auto-falante”. A amiga retrucou perguntando se ela percebera o que havia escrito. A sonhadora não havia percebido, embora soubesse, em função mesmo de sua profissão, que o prefixo “auto” significa ‘a si mesmo’. Há, por exemplo, os livros de auto-ajuda. Isto é, livros que fazem com que o próprio sujeito leitor se ajude. O substantivo “auto-falante” não existe, o substantivo composto que existe é alto-falante, em que o adjetivo “alto” deriva do latim *altus* e significa ‘alto’, ‘elevado’, ‘nutrido’. Nesse caso, a derivação foi ignorada pela autora da mensagem.

Ellis (1980, p.123), no artigo *On the freudian theory of speech errors*, afirma que a maioria dos investigadores assume a posição de Boomer e Laver ([1968] 1973), a saber, “os mecanismos dos lapsos podem ser estudados linguisticamente sem referência àquilo que os motivou”. Para levar adiante essa hipótese, Ellis parte de duas premissas expressas por Freud nas *Conferências Introdutórias* ([1916-1917] 1987). A primeira premissa é a de existência dos “erros de fala” (ELLIS, 1980, p.123) que emergem de ações concorrentes, ou de ações mutuamente opostas, de duas intenções diferentes. Segundo Ellis, uma das duas intenções representa o significado que o falante “conscientemente” (*op. cit.*) quer expressar.

Nas *Conferências Introdutórias – Parte I* ([1916-1917] 1987), *conferência III*, Freud aborda os lapsos de língua, de escuta e de leitura como tipos de parapraxias e, em relação a elas, afirma que “não são eventos casuais, porém atos mentais sérios; têm um sentido; surgem da ação concorrente — ou, talvez, da ação de mútua oposição — de duas intenções diferentes” (FREUD, [1916-1917] 1987, p. 24). Em relação às duas intenções referidas por Ellis, Freud chama a primeira de “intenção perturbada” e a segunda de “intenção perturbadora”. A “intenção perturbada” se dá quando a pessoa que comete o lapso a conhece e a admite, o que foi referendado por Ellis como um significado que a pessoa “conscientemente” quer expressar. A segunda premissa diz respeito à “intenção perturbadora” que, segundo o autor, interfere com um propósito “consciente” (*op. cit.*, p.123) e o desfecho desse conflito entre as duas intenções é o que daria origem a um lapso de língua.

Freud (*op. cit.*, p.34), na *Conferência IV*, assevera que a “intenção perturbadora” pode estar relacionada à “intenção perturbada”, o que possibilita uma contradição, correção ou suplemento.

Em quase todos os casos nos quais um lapso de língua inverte o sentido, a intenção perturbadora expressa o contrário da intenção perturbada, e a parapraxia representa um conflito entre duas tendências incompatíveis. ‘Declaro aberta a sessão, porém preferiria que já estivesse encerrada’ é o sentido do lapso de língua do presidente. (FREUD, [1916-1917] 1987, p.34, grifo nosso)

Ellis retoma o exemplo que Freud emprestou de Meringer sobre o Presidente da Câmara de Deputados do Parlamento austríaco que abriu a sessão com a seguinte fala: “Senhores Deputados; Constato a presença dos membros dessa casa em *quorum* suficiente e, portanto, declaro *encerrada* a sessão!” para dizer que a troca de “aberta” por “encerrada” se deu pela oposição dos termos, indicando haver uma intenção consciente de “abrir”, mas uma intenção perturbadora de “fechar”. Freud, ao se referir a esse lapso, na *Psicopatologia da vida cotidiana* ([1901] 1987, p.38), não fala de intenção consciente do falante. A explicação dada pelo psicanalista é a de que o presidente “desejava secretamente” poder encerrar a sessão, pensamento este que irrompeu “parcialmente” em sua fala. Além disso, Freud alega que a permuta de palavras de sentido oposto encontram-se muito próximas em “nossa consciência linguística” (FREUD, [1901] 1987, p.38).

Freud classifica as “intenções perturbadoras” em três grupos. O primeiro grupo se refere aos casos em que a “intenção perturbadora” é do conhecimento de quem fala e foi sentida pelo falante antes de acontecer o lapso. No segundo grupo, a “intenção perturbadora” é reconhecida pelo falante, mas não percebe sua interferência, somente quando comete o lapso, fato que lhe causa surpresa ou espanto. No terceiro grupo, há uma rejeição do falante de que a intenção perturbadora atuou através de um lapso, fato que lhe causa estranheza.

A conclusão de Freud a esse respeito é a de que “a supressão da intenção de alguém que fala, de dizer algo, é a condição indispensável para que ocorra um lapso de língua” (FREUD, [1916-1917] 1987, p.36). Entretanto, em sua leitura, Ellis não realça as

diferentes formulações freudianas sobre as “intenções perturbadoras”, simplificando-as em sua argumentação.

Prosseguindo em sua exposição, Ellis traz informações estatísticas sobre os erros por substituição lexical que compõem o índice de *A psicopatologia da vida cotidiana*. Ellis conclui que os erros por substituições lexicais analisados por Freud para sustentar a teoria de conflito de intenções não diferem dos fundamentos usados pelos psicolinguistas para analisá-los. É preciso ponderar essa afirmação, já que Freud não descarta a função da linguística para analisar os lapsos de língua, embora seu intuito seja entender o que os motiva.

Esse estudo de Ellis, baseado apenas em fragmentos da teoria freudiana, leva-o a rejeitar a hipótese de Freud sobre as intenções conflitantes, pelo fato de os lapsos precisarem de uma análise mais profunda do que uma “generalização empírica”, que não é falsificável. Além disso, o linguista aponta que as explicações de Freud não são verificáveis nem reproduzíveis, o que impossibilita uma análise sistemática dos lapsos de língua.

Ellis, no entanto, não está sozinho em sua tentativa de enfraquecer a teoria freudiana. O fato de a Psicolinguística não recorrer às possíveis motivações que levariam a ocorrência de um lapso (cf. POTTER e ELLIS, 1980) é endossado por Lashey (1951), conforme retratamos na seguinte passagem:

O quanto nós precisamos de Freud para nos ajudar a interpretar esses lapsos? Em nada [...] Nós não precisamos aceitar suas [Freud] teorias de censura e repressão para considerar tais lapsos.<sup>54</sup> (POTTER 1980, p.29, grifo nosso, tradução nossa)

A base de argumento dos autores para não aceitar a teoria freudiana consiste, mais uma vez, no fato de os lapsos poderem ser explicados pelos elementos linguísticos que possibilitam suas formações.

Entretanto, Freud nos mostra que o material linguístico é o ponto de partida para a análise dos lapsos de língua que, seja por meio de esquecimento ou de distorção, estabelece uma ligação com um conteúdo de pensamento inconsciente. Essa ligação pode

---

<sup>54</sup> “How much do we need Freud to help us interpret these slips? Not at all [...] we do not need to accept his [Freud’s] theories of censorship and suppression to account for such slips.”

ser reconstruída através das vias associativas, de uma semelhança entre as próprias coisas ou entre as representações de palavra, para levar um sujeito a cometer um lapso de língua.

O comum a todos esses casos, independentemente do material, é o fato de o esquecido ou distorcido estabelecer uma ligação, por alguma via associativa, com um conteúdo de pensamento inconsciente - um conteúdo de pensamento que é fonte do efeito manifestado no esquecimento. (FREUD [1901] 1987, p.35)

O que os psicolinguistas rejeitam é a noção de inconsciente que Freud explicita com os estudos sobre os lapsos de língua.

Verificamos que permanece a divergência entre o ponto de vista de Meringer e o de Freud, na medida em que a maior parte dos psicolinguistas segue Meringer, para quem – segundo Fromkin (1973, p.3) – os enunciados desviantes decorrem de uma falha mecânica inconsciente no processo articulatório<sup>55</sup>. A questão é que os psicolinguistas debruçam-se sobre o processo articulatório e Meringer não fala sobre a noção de inconsciente que adota. Com que noção de inconsciente trabalha Meringer? Essa questão não é discutida por esses psicolinguistas. Além disso, ao fazerem referência aos exemplos de lapso de língua discutidos por Freud, Potter e Ellis reforçam que o aparato metodológico da Psicolinguística é suficiente para elucidar o que ocorre na formação de um lapso<sup>56</sup>.

Em *Slips of the tongue in normal and pathological speech*, Talo (1980) aborda os lapsos de língua de ordem fonológica, comparando as produções espontâneas de falantes adultos aos dados de pacientes afásicos<sup>57</sup>, cuja língua materna é o sueco. Embora se trate de pacientes afásicos, o artigo da autora traz contribuições interessantes para nossa pesquisa. A linguista divide os erros em dois grupos: erros sintagmáticos e erros paradigmáticos. Os erros sintagmáticos são subdivididos em três categorias: metátese<sup>58</sup>, antecipação e

---

<sup>55</sup>“Meringer's view of the mechanisms involved in such 'deviant' utterances - an unconscious mechanical breakdown of the articulatory process - differed from the view put forth by Freud”. (FROMKIN, 1973, p.3) “O ponto de vista de Meringer sobre os mecanismos envolvidos em tais enunciados “desviantes” – uma falha mecânica inconsciente no processo articulatório – difere daquele posto por Freud”. Tradução nossa.

<sup>56</sup> No capítulo 3 discutiremos os lapsos de língua à luz da teoria freudiana.

<sup>57</sup> Esses dados foram reunidos em conversas nas sessões de terapia.

<sup>58</sup> Sendo o dicionário Houaiss: mudança linguística que consiste na troca de lugares de fonemas ou sílabas dentro de um vocábulo (p.ex.: *capio* > *caibo*; *semper* > *sempre*; *estuprar* > *estrupear*; *depredar* > *depedrar*).

duplicação<sup>59</sup> (ou perseveração). As antecipações podem ainda ser subdivididas em adições, omissões e substituições. Os erros paradigmáticos são todos de substituições.

A autora aponta em suas conclusões que, na fala afásica, os erros paradigmáticos prevalecem, enquanto nos outros *corpora* os erros sintagmáticos são mais comuns. Embora observe que os falantes geralmente corrigem seus lapsos ou fazem uma pequena pausa, indicando que os perceberam, a autora não tira conclusões dessa constatação. Entretanto, pode-se dizer que os falantes afásicos raramente fazem a correção dos lapsos, a não ser ao longo do processo de reabilitação da linguagem pelos quais passam os afásicos.

Em estudos mais recentes, a linguista Nanda Poulisse (1999) publicou o livro *Slips of the tongue: speech errors in first and second language production*, resultado de sua pesquisa de doutorado, em que retoma os estudos de Fromkin (1973; 1980) e propõe um estudo comparativo entre os lapsos de língua produzidos por crianças e adultos nativos e os que são feitos por falantes não nativos. A pesquisadora parte da definição de lapso de língua proposta por Dell (1986, p.284 *apud* POULISSE, 1999), para quem esse lapso pode ser identificado como um desvio, sem intenção, de um plano de fala. O primeiro critério estabelecido pela autora é: deve haver um erro; e o segundo critério é: o falante deve ser capaz de corrigir esse erro. A pesquisadora ressalta que os lapsos de língua não são resultado de falta de competência, mas um problema de desempenho (*performance*). Os resultados da detalhada pesquisa da linguista mostram que a formação dos lapsos em língua materna é semelhante à formação dos lapsos em língua estrangeira. Em relação às unidades fonológicas, por exemplo, os estudos mostram que os lapsos de língua envolvem segmentos individuais; raramente resultam em sequências sonoras impossíveis; as substituições lexicais geralmente abarcam palavras semântica ou fonologicamente relacionadas; as trocas lexicais sempre englobam dois sinônimos ou palavras semanticamente relacionadas.

---

<sup>59</sup> Ou perseveração, mas Talo informa que na área de afasiologia, o termo perseveração é usado com sentido diferente daquele usado em Linguística.

## O erro e o lapso em língua estrangeira

No campo do ensino, Corder (1967), linguista britânico<sup>60</sup>, discute o significado dos erros dos aprendizes no artigo *The significance of learners' errors*, influenciado por teorias de aprendizagem behavioristas e pela análise contrastiva, isto é, o estudo sistemático de duas línguas. Seu objetivo é discutir as semelhanças e diferenças entre as línguas.

Nesse artigo, nossa atenção volta-se para a questão colocada pelo autor e por muitos pesquisadores na atualidade: há paralelos entre os processos de aquisição da língua materna e de aprendizagem de outra língua? Segundo o autor, a aquisição de língua materna e a aprendizagem de língua estrangeira são processos diferentes e os erros são evidências que ora indicam os pontos em que esses dois processos se aproximam, ora aquele em que se separam<sup>61</sup>.

Voltando à argumentação do autor, o ponto de aproximação, em ambos os casos, é que o aprendiz usa “um sistema definido de língua(gem) em cada momento de seu desenvolvimento”(op. cit.,p.24). O fato de a criança, por exemplo, falar “*this mummy chair*” (op. cit., p.22) não deve ser considerado incorreto ou imperfeito, mas uma maneira de comunicação que indica seu estado de desenvolvimento linguístico em determinado momento. Corroboramos a hipótese do autor ao nomear erro as divergências entre a fala da criança e a fala do adulto; contudo, discordamos da noção de língua que concebe tal fenômeno como indicativo de um desenvolvimento linguístico. No próximo capítulo, apresentaremos a noção de erro mostrando que a criança encontra-se em uma posição na qual está submetida a um funcionamento linguístico e não apenas, como quer Corder, atravessando um estágio de desenvolvimento.

Corder distingue entre dois tipos de ocorrências: *errors* e *mistakes*. Os erros não-sistemáticos, chamados de *mistakes*, são aqueles resultantes de estados físicos, cansaço e lapsos de memória e não têm significância no processo de aprendizagem, pois não refletem o conhecimento do falante em sua própria língua. O falante poderia imediatamente

---

<sup>60</sup> Corder é referência nos estudos sobre análise de erros nas teorias de aquisição/aprendizagem de língua estrangeira.

<sup>61</sup> Veremos no capítulo II que a natureza da aquisição de língua materna e de aprendizagem de outra língua diferem, o que confere ao erro um lugar teórico distinto do que é postulado por Corder.

notá-los e corrigi-los. Em relação à segunda língua, ressalta-se que “[n]ão seria razoável esperar que o aprendiz de uma segunda língua não apresente tais lapsos de língua (escrita), pois ele está sujeito às mesmas condições externas ao executar sua primeira ou segunda língua<sup>62</sup>” (CORDER, 1967, p. 24).

Os erros sistemáticos, chamados de *errors*, são os que se referem ao conhecimento intrínseco de determinada língua e constituem evidências desse sistema. Os *errors* são importantes considerando-se três perspectivas: o professor, o investigador e o aprendiz. Na primeira perspectiva, o professor teria como mensurar o progresso da aprendizagem; na segunda, o investigador poderia depreender como a língua é adquirida ou aprendida, e quais estratégias são empregadas; na terceira, o aprendiz testaria suas hipóteses a respeito da natureza da língua que está sendo aprendida.

Ainda em relação à língua estrangeira, o investigador afirma que um enunciado correto não pode ser tomado como prova de que o falante aprendeu a língua, uma vez que pode se tratar apenas de uma repetição da fala do nativo. Alega-se ainda que o contexto situacional é o que permite entender um enunciado como um *error*. Os argumentos até então oferecidos apontam para as semelhanças entre os processos de aquisição/aprendizagem de língua materna e de língua estrangeira. A hipótese do autor sobre as diferenças salientadas seria a de que o aprendiz de língua estrangeira tem como “única hipótese” aferir se os sistemas das línguas a serem aprendidas são iguais ou diferentes da sua língua materna. A ocorrência de erros, usada como estratégia de aprendizagem, é atribuída, dessa maneira, à interferência da língua materna.

Para o autor, falantes nativos e aprendizes de língua estrangeira podem cometer tanto os *errors* quanto os *mistakes*, constituindo-se um problema identificar com precisão qual deles ocorreu de fato em um enunciado. Essa asserção mostra a complexidade do tema, uma vez que o que está em jogo é o conhecimento linguístico.

No artigo *Interlanguage*, Selinker (1972) aborda os aspectos linguísticos da psicologia da aprendizagem de uma segunda língua – L2<sup>63</sup>, sob a perspectiva do aprendiz,

---

<sup>62</sup> “It would be quite unreasonable to expect the learner of a second language not to exhibit such slips of the tongue (or pen), since he is subject to similar external conditions when performing his first or second language”. (Tradução nossa)

que levariam à compreensão de estruturas e processos psicolinguísticos. O interesse do autor assenta-se no que Weinrich (1957, p.7 *apud* SELINKER, 1972, p. 33), ao discutir bilinguismo, denomina “identificações interlinguais”, isto é, quando o aprendiz usa um mesmo fonema, uma mesma relação gramatical, ou uma característica semântica, em função do contato entre duas línguas diferentes.

Selinker parte da hipótese da existência de dois sistemas linguísticos separados quando se trata de uma situação de aprendizagem: o sistema linguístico da língua materna e o da língua estrangeira. O enunciado produzido pelo aprendiz que não reflete nem o sistema linguístico da língua materna nem o da língua estrangeira é chamado interlíngua.

Segundo o investigador, há cinco processos na estrutura psicológica latente<sup>64</sup> que são centrais na aprendizagem de uma L2: transferência de língua(gem), transferência de treinamento, estratégias de aprendizagem de segunda língua, estratégias de comunicação na segunda língua e supergeneralização do material linguístico da língua alvo, isto é, da língua a ser aprendida. Nossa atenção se volta apenas para a transferência de língua(gem), processo que em parte se relaciona com a temática de nossa pesquisa.

Para entender esses processos, faz-se necessário assinalar outro mecanismo que, segundo o autor, existiria na estrutura psicológica latente e neles se presentifica: a fossilização. Os fenômenos linguísticos fossilizáveis referem-se a itens linguísticos e regras que o falante de determinada língua mantém na sua interlíngua, apesar das explicações e correções pelas quais já tenha passado no processo de aprendizagem de L2. Nesse sentido, Selinker propõe equivalência entre fossilização e erro.

O processo de transferência de língua(gem), responsável por itens “fossilizáveis”, regras e subsistemas decorrentes de uma ação da língua materna, é o que tem maior incidência sobre o aprendiz de língua estrangeira. Nessa perspectiva, chama-se “transferência negativa” a ocorrência de erros que acontecem em vários âmbitos da linguagem. Trazemos, como exemplo, o uso do verbo “*have*” e da estrutura “*there is/are*”

---

<sup>63</sup> Segundo Pereira de Castro (2006), a denominação L2, supõe a L1, L3, L4 etc e diz de uma filiação teórica inatista.

<sup>64</sup> O termo “latente” é emprestado de Lennenberg (1967 *apud* SELINKER, 1972, p.33) que, segundo o autor, a) é um arranjo já formulado no cérebro; b) contraparte biológica para a gramática universal; c) a ser transformado pela criança em uma gramática particular de acordo com certos estágios de maturidade.

por falantes nativos de português. A transposição de sentido do verbo *to have*, em inglês, que significa “ter” no sentido de possuir, pode ser facilmente notada quando um aluno diz “*have many girls in my class*” (tem muitas meninas na minha sala). Nesse caso, o aprendiz deveria usar “*there to be*” – “*there are many girls in my class*” (“há muitas meninas na minha sala”), para esse propósito. O foco do problema é o sentido em português do verbo “ter” que se aproxima do espectro semântico de “existir”, que não tem correspondente na estrutura a ser usada no enunciado em inglês. Outra ocorrência que podemos trazer com intuito de ilustrar a transferência negativa são as palavras cognatas. Por exemplo, muitos alunos usam “*actually*”, que em inglês significa “na verdade”, como “atualmente”. Não podemos descartar a confusão que as palavras homófonas causam para o aprendiz, por exemplo, “*two*” – número dois-, “*too*” – advérbio que expressa “também” - e a preposição “*to*” – que indica direção, para.

O autor afirma que a estrutura psicológica latente, que é “ativada” para produzir sentidos, pode também ser “ativada” quando se trata de aprendizagem de L2, comportando algumas diferenças: a) não há um esquema genético envolvido; b) não há uma contrapartida direta para qualquer conceito gramatical.

Apesar de não compartilharmos os pressupostos teóricos do autor, sua reflexão sobre a interferência da língua materna na aprendizagem de língua estrangeira contribui para discutirmos nossos episódios em língua estrangeira na terceira seção do próximo capítulo.

Com a finalidade de ampliar a discussão e mostrar que há outros fatores que operam sobre o erro, retomamos o seguinte episódio, analisado em Vivacqua (2002), e revisitado aqui. A passagem é relatada por um aprendiz ao professor em sala de aula. O aprendiz, recentemente contratado por uma empresa multinacional, frequentava o curso de idiomas para aprender a LE e se comunicar em seu trabalho. O diálogo, conforme relatado pelo aprendiz, aconteceu em uma conversa do aluno com um colega de trabalho americano.

N (nativo) – *How old are you?*

A (aluno) - *I have 30 years old.*

N – *30 ears old....* (gesticulou apontando para as orelhas)

A – risos... *No, I am 30 years old.*

É notável que a troca do verbo *to be* (ser) pelo verbo *to have* (ter) tem sua origem na estruturação da língua materna do aluno, a partir da qual ele enuncia “eu tenho 30 anos”. Entretanto, o verbo *have*, que é traduzido como *ter*, em Português, não tem o mesmo valor; o nativo de língua inglesa o utiliza com o sentido de *posse* de alguma coisa. Já o nativo do português pode usar o verbo *ter* para falar da sua própria idade ou de qualquer outra pessoa. Daí, o engano, que se sustenta na hipótese de haver uma correspondência entre significado e valor dos verbos entre as línguas. O erro produz um efeito cômico, a julgar pelo gesto de interpretação do americano, que dá visibilidade ao equívoco resultante. A similaridade fônica entre os vocábulos *ears* (orelhas) – /ɪr/ – e *years* (anos) – /jɪr/ – sustenta a demonstração do falante nativo. Por outro lado, o verbo *have* é transitivo e admite um objeto, mas sabemos que não é possível que alguém tenha 30 orelhas; é a demonstração por absurdo que parece despertar a correção no aluno.

O fato de o aprendiz ter feito a correção do enunciado leva-nos a crer que o uso do verbo *to be*, ainda atrelado à sua significação na língua materna do aluno, permanece como ponto de resistência na sua relação com o inglês. É nesse sentido que a linguística aplicada usa o termo “fossilização” para se referir a esses fenômenos pontuais de resistência à língua estrangeira. Destacamos, no entanto, que o aprendiz, ao enunciar o verbo *to be*, possivelmente pensa, na sua tradução, no verbo *ser*, descartando a possibilidade de usar o verbo *estar*. Logo, ao tomar o enunciado *I am 30 years old*, o aprendiz o traduz por *eu sou 30 anos*, e não *eu estou com 30 anos*, forma menos usada em português, mas adotada no inglês.

Procuramos neste capítulo situar a noção de erro, inicialmente associada às questões de mudança e de variação linguística, considerando-se a posição dos comparatistas, dos neogramáticos e de Saussure ([1916] 2001), que propõe observar o fenômeno da mudança e da variação sob as lentes da diacronia. Meringer (1895), no entanto, torna-se referência nos estudos sobre erro, pois não apenas faz uma compilação de mais de 8.000 erros de fala e de leitura, como também cria para esses erros uma taxonomia que se perpetua nos estudos sobre o assunto no campo da psicolinguística. Chamamos a atenção para o fato de que boa parte da discussão empreendida pelos autores que se

detiveram na reflexão sobre os lapsos de língua e erros foi marcada pela obra de Meringer e pela sua leitura por Freud que retoma o problema exposto por Meringer a partir da hipótese do inconsciente.

Pudemos acompanhar a preocupação dos autores em descartar a hipótese freudiana, procurando reduzir suas investigações ao campo da psicolinguística. Entretanto, ao longo da exposição sobre os trabalhos desses autores, constatamos a oscilação entre os termos erro e lapso de língua, para designar os fenômenos que se observam em todos os falantes. Essa oscilação entre os termos advém do constante recurso, por parte daqueles investigadores, a certos conceitos como a função de monitoramento (LAVER, [1969] 1973), o papel do contexto na produção do enunciado (CELCE-MURCIA, 1980), a semelhança fonética e/ou semântica entre as palavras (WELLS [1951] 1973), a percepção e a correção do erro por parte do falante (LAVER, [1969] 1973; POULISSE 1999), o que não elucidada uma possível diferença entre erro e lapso de língua.

De fato, esses termos parecem se mesclar e, nesse sentido, procuraremos aproximar esses fenômenos a partir de outra perspectiva, a saber, do conceito de *lalangue*, espaço de equívoco presente em todas as línguas. Em outras palavras, para além de suas diferenças, erro e lapso de língua se explicam pelas relações singulares tecidas na língua, por um ou por outro, ao promover equívoco. Tal reflexão, ver-se-á ao longo deste trabalho, não pode ser feita sem que se convoque a questão da posição do falante na sua relação com a língua.

O termo *lalangue*, cunhado pelo psicanalista Jacques Lacan e trabalhado pelo linguista Jean Claude Milner ([1978] 1987), é um conceito que distingue na língua aquilo que não se submete ao cálculo e à estratificação. A língua tomada pela ciência linguística como idêntica a ela mesma e sempre inscrita na esfera da univocidade contém também *lalangue*, que obriga a que se reconheça que a língua pode cessar de ser estratificada e idêntica a ela mesma.

*Lalangue* é, em toda língua, o que a consagra ao equívoco; um modo singular de fazer equívoco. Sua figuração mais perfeita é a língua materna (cf. MILNER), ambas – *lalangue* e língua materna – são constituídas por um traço de incomensurabilidade que

impede que se as incluam em um lote comum das línguas, qual seja, a constituição de um sujeito falante (cf. PEREIRA DE CASTRO, 2006, p.141).

No terceiro capítulo apresentamos a hipótese freudiana sobre os atos falhos, *lapsus linguae* e erros. Cabe ainda mencionar que a leitura das diferentes hipóteses aqui apresentadas nos indica que tanto os erros quanto os lapsos se enquadram em um funcionamento que sugere os efeitos da *lalangue* como zona de equívoco presente em todas as línguas.

## **Capítulo II – Língua materna e língua estrangeira: erro, desvio e lapso**

No primeiro capítulo, abordamos a noção de erro associada às questões de mudança e de variação linguística possibilitadas pela analogia. Procuramos situar o debate entre os neogramáticos da primeira geração, representados por Hermann Osthoff e Karl Brugmann, para os quais as leis fonéticas eram elementos determinantes nos estudos sobre mudança linguística e os da segunda geração, representados por Hermann Paul, que toma a mudança como decorrente de um processo de interiorização, no qual a analogia opera. Trouxemos ainda a reflexão de Saussure, que não se filiou completamente a nenhuma das duas posições, optando por tratar as causas da mudança linguística, de um lado, como mudança fonética e, de outro lado, como mudança analógica. Nas poucas menções de Saussure à criança, ele explica que alguns tipos de erros como, por exemplo, flexionar verbos irregulares como regulares são criações analógicas e afirma que os erros da criança não têm futuro como mudança linguística.

Neste capítulo, tendo como foco de discussão o erro e o lapso de língua, teceremos considerações acerca da língua materna e da língua estrangeira, tomando a expressão ‘língua materna’ em seus diversos sentidos que, ao longo da história, foram se modificando. De que maneira esse panorama teórico interessa ao nosso trabalho? Veremos que os sentidos de *língua materna* se deslocam nos estudos da linguagem, principalmente se o abordamos como conceito teórico-metodológico, conforme proposto por Pereira de Castro (2006). Nesse percurso, é imprescindível convocar a Aquisição de Linguagem, área em que se inscreve esta pesquisa e que tem como objetivo uma abordagem do erro e do lapso na relação entre língua materna e línguas outras.

### **Língua materna e seus sentidos**

No trabalho de Aquino (no prelo), intitulado *Considerações sobre sentidos da expressão língua materna na Idade Média*, encontramos um histórico sobre o conceito de língua materna, que trazemos como fonte de nossa reflexão para nos auxiliar a compreender as metáforas concernentes a essa locução e que, ao longo do tempo, foram apagadas.

O autor parte das seguintes indagações: “O que é língua materna? Tem ela uma origem? A quem serve? O que ou quem ela representa? Qual seu estatuto social? Há nela significados intrínsecos? Quais? O que a torna diferente de outras modalidades de línguas?”. Procurando respondê-las Aquino traça a origem da expressão língua materna e sua associação ao papel da mulher na sociedade, ao valor dado às línguas regionais, à emergência da escrita, ao surgimento das Nações e ao processo de gramaticalização<sup>65</sup> da Europa. O autor também chama a atenção para a presença do significante *mãe* ou *maternal* nas diferentes formas de nomeação dessa língua: em latim, *materna lingua*; em italiano, *madre lingua* ou *lingua madre*; em francês, *langue maternelle*; em alemão, *Muttersprache*; em inglês *mother tongue*. Note-se que em inglês, o termo *tongue* se refere à língua, órgão muscular parte do aparelho fonatório do falante, expressão que nesse sentido difere das demais.

Embora na Antiguidade houvesse o adjetivo *maternus* e seu uso fosse recorrente, Aquino (*op.cit.*) aponta um único registro de associação desse adjetivo ao significante língua. Segundo o autor, esse registro pode ser encontrado no livro IV, em as *Metamorfoses*, de Ovídio. No entanto, a expressão usada pelos antigos para nomear essa primeira língua ou língua da tradição – atualmente associados à língua materna – era *sermo patrius*. Aquino ressalta que o adjetivo *patrius*, e não o adjetivo *paternus*, é o que figura tanto ao lado do termo *lingua* quanto ao lado do termo *sermo*, embora os adjetivos *patrius* e *paternus* derivem de *pater* (“pai”) (cf. TOMBEUR, 2005 *apud* AQUINO, 2010). A expressão *patria lingua* aparece na obra *As Elegias*, de Propércio, e é mencionada por Batany (1982 *apud* AQUINO, 2010), com empregos semelhantes aos de língua nacional e de língua materna. Há, entretanto, diferença no uso desses termos, sendo o adjetivo *patrius* “mais jurídico e quase político”, enquanto *paternus* era “mais locativo e afetivo”. Segundo Aquino, esse fato mostra o lugar que a língua ocupa e o seu funcionamento na sociedade romana:

---

<sup>65</sup> Segundo o autor: “o processo de gramaticalização se refere a alterações da estrutura fonológica das palavras (fonologização), alterações na estrutura da palavra, no radical ou afixos (morfologização) e alterações na estrutura da sentença, reanálise e arranjos sintagmáticos e funcionais (sintaticização)”. (AQUINO, 2009, p. 101)

a *língua paterna*, o *sermo patrius* ou *patria lingua*, era então a *língua da pátria*, a *língua dos ancestrais* (...) parte do patrimônio, acumulado e transmitido pelos homens, pela figura masculina. Essa era a língua falada em Roma, a *língua patria*, o *sermo patrius*, o latim. (AQUINO, 2010, p. 2- itálico do autor)

Logo, o latim, ou a língua do pai, era a língua da Igreja, responsável não só por liturgias, gramáticas, tratados de lógica e retórica, mas também por diversas atividades intelectuais e científicas. O latim permanece por séculos como a língua da cultura intelectual, da administração, da vida religiosa, mesmo após o aparecimento das línguas neolatinas e o seu desaparecimento vernacular.

No século XII, o abade Guibert de Nogent, escreve a narrativa da primeira cruzada em que afirma que o *sermo maternus* é praticado por leigos, que não faziam parte da Igreja e era aprendida sem a mediação da escrita e da cultura. A oposição entre língua materna e língua paterna está estabelecida. A língua da cultura, mediada pela escrita, pela Igreja, a língua de prestígio social é a língua paterna, cabendo à língua materna um lugar marginal na sociedade da época.

Segundo Heller-Roazen

[o] sintagma *materna lingua*, que é encontrado em um texto do latim médio de 1119, é o termo mais antigo de que se tem notícia para “língua materna”; mas as formas vernaculares românicas, tais como o *parlar materno do Purgatório 26*, aparecem logo em seguida. (HELLER-ROAZEN [2005] 2010, p. 137 – aspas e itálico do autor)

De acordo com o autor, Dante se considerava o primeiro a refletir sobre a “língua materna” (*materna lingua*), fazendo uma diferenciação entre primeira língua (*prima locutio*) e “segunda”. A primeira era aquela adquirida através “daqueles que nos cercam”, “imitando nossas mães sem seguir regras de qualquer espécie” (*op.cit.*, p.137). A segunda era aprendida deliberada e metodicamente, à medida que se domina o sistema. Para Dante, a “segunda” língua era o latim. No tratado *De vulgari eloquentia*, escrito em latim, Dante opõe *materno locutio* e *materna vulgare* à gramática, caracterizando a última como *artificial*, enquanto que a *língua materna* é denominada *natural*.

Com a divisão do Império Romano, o latim vernacular desaparece dando lugar às línguas latinas. Segundo Aquino (2010), a Igreja, interessada em que todos

compreendessem sua filosofia, orientava que todos os sermões fossem feitos em *materna língua*. A partir do século XVI, a “observação metódica da língua” (*op.cit.*, p. 6) a língua materna passa a ser analisada de modo sistematizado. A hipótese era de que, através da aprendizagem sistemática, a língua infantil chegasse ao patamar da língua dos adultos homens. Logo, as imperfeições da fala da criança passam a ser responsabilidade da mãe que ensinou essa língua materna. No século XVII, as línguas ganham contornos de políticas linguísticas, em função da normatização e uniformização atestada pela Era da Razão. Nesse sentido, a língua do pai torna-se oficial, língua da leitura e da escrita, a língua jurídica, política e espiritual, enquanto a língua da mãe é a língua regional, doméstica, língua dos ignorantes, língua sem escrita, pois ela é adquirida antes do falante ter contato com a leitura e com a escrita. A língua do pai se impõe à língua da mãe, visando substituir as línguas regionais para que se estabeleça a língua nacional (cf. AQUINIO, 2010).

Segundo Aquino (*op.cit.*), o paralelismo entre o lugar da mulher na sociedade e a desvalorização da língua materna não desapareceu necessariamente, pois o deslocamento que a concepção de língua materna sofreu mostra uma hierarquização social entre os próprios papéis do homem e da mulher na sociedade. A revalorização da língua materna acontece no século XVIII, com o movimento dos enciclopedistas que visavam classificar e reunir, policiar e normatizar a língua, tendo como viés pedagógico a alfabetização e o ensino de línguas. Como a língua materna era considerada a língua oral, das primeiras palavras, ela passa a ser a língua de aprendizagem. Esse movimento conduz a língua materna a um estatuto de modelo pedagógico que é válido tanto para a aquisição de línguas estrangeiras quanto para a da língua nacional.

Dentro dessa perspectiva “didática” e mediadora, a língua materna passa a figurar como centro de transmissão e de regulamentação linguística uma vez que começa a fazer parte do sistema educativo institucionalizado o que, pouco a pouco, a leva a ser entendida como a língua de uma nação. Concomitantemente, a mulher passa a ser valorizada socialmente, tendo destaque na educação das crianças.

Com a descoberta do sânscrito por William Jones (1786) e com o desenvolvimento do comparativismo, a língua materna é alçada à esfera da origem. Não se trata mais de atrelar a língua materna ao falante, mas, por meio do método comparativo,

descobrir a língua que deu origem às outras línguas. Nesse sentido, surge o indo-europeu como construto teórico de uma língua idealizada, sem falantes que “terá consequências diretas no estabelecimento de uma ciência da linguagem e na tomada da língua materna como objeto de investigação da Linguística” (*op.cit.*, p.5). A partir dessa reflexão de Aquino, pode-se entender os deslocamentos sofridos pelo conceito de língua materna que, na sua história, esteve sempre ligado à questão da aquisição de linguagem pela criança.

No entanto, é importante ressaltar que Saussure se afasta do comparativismo, ao afirmar que

[n]ão existem línguas filhas nem línguas mães, não existem em parte alguma e nem jamais existiriam. Há, em cada região do globo, um estado de língua que se transforma lentamente, de semana em semana, de mês em mês, de ano em ano e de século em século, como veremos a seguir, mas nunca houve, em parte alguma, parturição ou procriação de um idioma novo por um idioma anterior, isso é estranho a tudo que vemos, assim como a tudo o que podemos nos representar em ideia, sendo dadas, simplesmente, as condições em que falamos, cada um, a nossa língua materna. (SAUSSURE, [2002] 2004, p.134)

Definir a língua materna não é tarefa fácil quando a tiramos do lugar comum sobre o qual repousa. Isso quer dizer que qualificar a língua como materna não implica apenas pensar que se trata de uma herança de um país natal, ou da língua falada pela mãe, pois estaríamos nos limitando a uma materialidade linguística e a uma localização geográfica, sem depreender as consequências teóricas de tal gesto.

Visando responder ao problema imposto pelo fato de o *infans* – aquele que não fala – passar a sujeito falante de uma língua que chamamos materna, as hipóteses levantadas no campo de aquisição de linguagem são diversas, segundo Pereira de Castro (2006<sup>a</sup>), e muitas vezes “inconciliáveis no modo como encaram o encontro do *infans* com a língua que o antecede na cultura”. De acordo com a autora, a aquisição de linguagem lida com “dois fatos irrefutáveis: não há aquisição sem o encontro com uma língua ou línguas que vêm pela fala do outro e a fala da criança não coincide com a do adulto” (*op.cit.*, p. 3).

No artigo sobre *O (im)possível esquecimento da língua materna*, Pereira de Castro (2006) ressalta que a resposta cronológica, isto é, entender a língua materna apenas como L1 – denominação usada no inatismo para se referir à primeira língua - é não refletir

sobre a complexidade e a posição singular que essa língua pode revelar frente a outras línguas adquiridas. A pesquisadora traz para o debate as discussões realizadas pelos gerativistas com relação à aquisição de outras línguas, geralmente intituladas L2, L3, (...) Ln com a intenção de mostrar que a seriação L1, L2 (...Ln) cria um paradoxo.

A questão central entre L1 e L2 é saber se o problema lógico da aquisição de linguagem (Chomsky 1981; 1986 etc.), uma das premissas básicas da teoria na aquisição de L1, é ou não o mesmo enfrentado pela L2. Em outras palavras, a pergunta gira em torno do papel da Gramática Universal (GU), na aquisição de L2. (PEREIRA DE CASTRO 2006, p.135)

A autora afirma que o papel da GU acarreta posições teóricas dissonantes a partir do momento em que os investigadores se perguntam sobre o seu papel na aquisição de línguas adquiridas posteriormente pelo falante. A leitura do artigo *Issues in second language acquisition* (CYRINO, 1999) permite a Pereira de Castro mostrar o debate entre os autores gerativistas.

Para White (1982, 1995), Flynn (1983), Cyrino (1986), por exemplo, “se a faculdade da linguagem é biologicamente determinada (...) a GU deve continuar acessível na aquisição/aprendizagem de L2” (*op.cit.*, p.136). Partindo dessa hipótese, as línguas adquiridas ao longo da vida poderiam ser postas em uma sequência L1, L2,.. Ln; o que as diferenciaria seria a ordem de aquisição. Para outro grupo de autores, por exemplo Schachter (1988), a GU não é acessível ao aprendiz de L2. Para sustentar essa hipótese invocam a noção de período crítico de Lennenberg (1967). Segundo Pereira de Castro

[o] conceito de período crítico é uma hipótese forte, que alia cronologia à noção de desenvolvimento. Ao mesmo tempo em que serve de argumento para sustentar o caráter único de L1, a língua materna, ela fragiliza o valor da GU na teoria, limitando seu papel à aquisição de uma primeira língua, abrindo brechas para a contradição teórica: pode-se adquirir/aprender uma segunda língua sem que se acionem as estruturas cognitivas exclusivas da linguagem. O mesmo se pode dizer da hipótese de Jurgen Meisel (1998), para quem, na aquisição de uma língua estrangeira, entram em ação tanto mecanismos indutivos, o contrário do que se configura no problema lógico da aquisição da L1, quanto estratégias acionadas para a compreensão e produção nessa língua. (PEREIRA DE CASTRO, 2006, p. 136)

A certo momento desse artigo a autora vai além da discussão interna às hipóteses lançadas pelos gerativistas e observa que o debate sobre a diferença entre a língua que se adquire na infância e aquela(s) adquirida(s) posteriormente parece ser tocado por outra diferença: aquela proposta por Melman (1992), entre *saber* e *conhecer* uma língua. *Saber* remete à língua materna e *conhecer* implica partir da língua que se *sabe* para empreender um processo de aprendizagem. Essa relação entre *saber* e *conhecer* uma língua é problematizada por Melman ao abordar o bilinguismo do imigrante, que ocupa posições subjetivas distintas frente às línguas: a posição na língua materna e aquela que é efeito do contato com línguas outras.

Saber uma língua é muito diferente de conhecê-la. Saber uma língua quer dizer ser falado por ela, que o que ela fala em você se enuncie por sua boca, como destacado, a título de “eu”[*je*].

Conhecer uma língua quer dizer ser capaz de traduzir mentalmente, a partir da língua que se sabe, a língua que se conhece. Desde então, não falamos mais do mesmo lugar, nos comunicamos. (MELMAN, 1992, p.15-16)

Para o autor, a língua materna – a língua que se sabe – autoriza o locutor a falar como mestre, “o uso dessas línguas [materna e estrangeira] é dessimétrico, uma valendo como língua de mestre, a outra como língua de escravo” (MELMAN, 1992, p. 16), mas ao mesmo tempo para tratar da fronteira movediça entre a língua materna e as línguas outras e das contaminações que pesam sobre a língua materna, o autor afirma que

Do ponto de vista linguístico, nada se opõe à penetração de uma língua por outra língua e a tendência mecânica, espontânea, deveria ser a do apagamento, da assimilação das línguas minoritárias. Por outro lado, o inconsciente não cria nenhum obstáculo à mixagem das línguas. Pode reter em seu seio palavras, locuções, fragmentos inteiros de discurso tomados de uma língua da infância que em seguida tornou-se estrangeira. O inconsciente não é nacionalista, nem xenófobo.

Como explicar então esta subsistência e esta expansão do bilinguismo? (MELMAN, 1992, p.16)

Um paradoxo se produz pela observação sobre a situação do imigrante bilíngue, cuja língua da infância torna-se, ao longo do tempo, estrangeira; e a língua de escravo se torna a língua materna, “que caberia ao sujeito fazer renascer para a maestria” (*op.cit.*, p.

16). Desse paradoxo, Melman extrai consequências teóricas acerca do estatuto do sujeito, a saber:

A mais evidente é que o significante perde ali sua faculdade de representar o sujeito para um outro significante, a fim de ganhar uma função de designação. Neste sistema, transforma-se no signo que designa, que denuncia para alguém um sujeito que se origina de um lugar não mais Outro<sup>66</sup>, mas Estrangeiro. (MELMAN, 1992, p. 17)

De acordo com Pereira de Castro (*op.cit.*), apesar de o autor não trazer uma reflexão sobre a aquisição de linguagem, seus argumentos sobre a relação do sujeito com outras línguas relacionam-se com a questão a partir do conceito de língua materna.

Para Pereira de Castro (2006; 2009; 2010), o trabalho de Jean-Claude Milner ([1978] 1987, p.12), linguista francês, oferece elementos para articular a relação da língua materna com as línguas outras. Em uma discussão linguístico-filosófica sobre o que diferencia uma língua de todas as outras línguas, o autor afirma que nomear uma língua como materna significa tirá-la de uma sequência – cronológica ou classificatória – de línguas. O estatuto singular dessa língua deve-se ao fato de ela ser, ao mesmo tempo, uma língua como qualquer outra e, para um determinado sujeito, sua língua materna.

Segundo Milner, a Linguística repousa sobre o axioma “o real da língua é da ordem do calculável” (*op.cit.*, p.7), mas, por outro lado, há algo que insiste e não se submete ao cálculo. Esse elemento que não é representável pelo cálculo ou matematização é *lalangue*, conceito tomado do psicanalista Jacques Lacan para designar em toda língua o registro que a destina ao equívoco. Em outras palavras, embora a língua possa ser tomada como um sistema de signos que supõe um todo, esse todo é estilizado por *lalangue*, registro que a consagra ao equívoco, que apontará para o não-idêntico da língua. O motor de *lalangue* é a homonímia, a homofonia, pois é sobre os sons que os sentidos se multiplicam. Assim, o linguista expressa que:

(...) é sempre possível também – sem afastar-se da experiência imediata – fazer valer em toda locução uma dimensão do não-idêntico: é o equívoco e tudo o que o promove, homofonia, homossemia, homografia, tudo o que suporta o duplo sentido e o dizer em meias-palavras, incessante tecido de

---

<sup>66</sup> Outro, grafado com letra maiúscula, é um conceito tomado de Lacan para designar tesouro de significantes. A língua como alteridade radical.

nossas conversações. Pois vê-se bem que uma locução, trabalhada pelo equívoco, é ao mesmo tempo ela mesma e uma outra. Sua unicidade se refrata seguindo séries que escapam à contagem, visto que cada uma, apenas nomeada – significação sonoridade, escrita, etimologia, sintaxe, trocadilho ...- se refrata por sua vez indefinidamente (...) pode-se ouvir na célebre asserção de Saussure, “a língua é uma forma e não uma substância”, a fórmula que salva o idêntico, a substância da língua revelando, enfim, o que ela é: o não idêntico a si. MILNER ([1978] 1987, p.13 – grifo nosso)

Para o autor, a figuração mais direta de *lalangue* é a língua materna: ambas – *lalangue* e língua materna – carregam o traço de incomensurabilidade, que impede que a última seja comparável a qualquer outra. Segundo Pereira de Castro (2006, p.141), “a relação *lalangue* e língua materna deve ser compreendida pelo que a aquisição de linguagem nelas imprime como traço de incomensurabilidade, isto é, a constituição de um sujeito falante”. O traço de incomensurabilidade marca a divisão do sujeito entre *lalangue* e a língua e, ao mesmo tempo, une *lalangue* e a língua materna.

O psicanalista francês Jacques Lacan cria o neologismo *lalangue* em decorrência de um lapso de fala durante o seminário *O saber do Psicanalista* (Saint Anne, 04 de novembro de 1971). Ao invés de citar o livro *Vocabulário de Psicanálise*, de Laplanche e Pontalis, ele menciona o livro *Vocabulário de Filosofia*, de Lalande. A partir da metonímia entre os nomes próprios, Laplanche e Lalande, que surge *lalangue*, metáfora que Lacan sugere para dizer como o inconsciente se estrutura. Em um momento posterior, Lacan retoma o neologismo, afirmando que

Faço *lalangue* porque isso quer dizer lalalá, a lalação, ou seja, porque é fato que muito cedo o ser humano faz lalações, assim, basta olhar um bebê, escutá-lo, e que pouco a pouco há uma pessoa, a mãe, que é exatamente a mesma coisa que *lalangue*, exceto que é alguém encarnado que lhe transmite *lalangue* ... então, para vocês *lalangue* é a língua italiana, para mim, acontece que é a língua francesa – uma vez que foi a que me ensinou a mãe que era minha. (LACAN, [1974] 1978 – tradução nossa)<sup>67</sup>

---

<sup>67</sup> “*Je fais lalangue parce que ça veut dire lalala, la lallation, à savoir que c’est un fait que très tôt l’être humain fait des lallations, comme ça, il n’y a qu’à voir un bébé, l’entendre, et que peu à peu il y a une personne, la mère, qui est exactement la même chose que lalangue, à part que c’est quelqu’un d’incarné, qui lui transmet lalangue... ... alors, pour vous lalangue c’est la langue italienne, pour moi, il se trouve que c’est la langue française – puisque c’est celle que m’a enseignée la mère qui était la mienne...*”, em Jacques Lacan: *Conférence donnée au Centre culturel français le 30 mars 1974, suivie d’une série de questions préparées à l’avance, en vue de cette discussion, et datées du 25 mars 1974. Parue*

Lacan ([1974] 1978) evoca *lalangue* como a lalação do bebê, repleta de sons e equívocos na língua materna. *Lalangue* não antecede a língua, no sentido de um estágio depois ultrapassado, mas entra em funcionamento, segundo Pereira de Castro (2006, p.141), marcando os efeitos da fala do outro no corpo do *infans*, à medida que a língua é adquirida: “na relação entre elas deve-se reconhecer a dimensão da própria língua, que suporta o não-todo da *lalangue*. Uma não existe sem a outra”.

De certo modo, a dificuldade encontrada por Haroldo de Campos (1995, p.187-188 *apud* PEREIRA DE CASTRO, 2006, p.141-142) na tradução do termo *lalangue*, para o português, parece reforçar a interdependência entre *lalangue* e língua materna. O autor nos chama atenção para um problema na colocação do prefixo: se o tradutor usasse o prefixo *a-*, *alíngua*, a significação apontaria para a não-língua, o que não comportaria o campo semântico que essa junção provoca. Por isso, Haroldo de Campos preferiu manter o neologismo ao traduzir o termo como *lalíngua*, de modo a perpetuar a evocação que Lacan faz à lalação do bebê, ao se referir a *lalangue*. Erudito e poeta da língua portuguesa, ele acrescenta que [...] *Lalia*, lalação, derivados do grego *lalé*, têm acepções de “fala”, “loquacidade”, e também por via do latim *lallare*, verbo onomatopaico, “cantar para fazer dormir as crianças”, o que reforça a afirmação sobre o fato de o som ser o aspecto primordial para provocar o deslizamento de sentidos.

A referência a Lacan, no texto de Campos, pode ser mais bem entendida pela seguinte passagem do primeiro autor:

A linguagem, sem dúvida, é feita de *lalangue*. É uma elocubração de saber sobre *lalangue*. Mas o inconsciente é um saber, um saber-fazer com *lalangue*. E o que se sabe fazer com *lalangue* ultrapassa de muito o de que podemos dar conta a título de linguagem. (LACAN [1972-1973] 1985, p. 190)

Ao retomar a reflexão de Campos e Lacan sobre *lalangue*, Pereira de Castro entende que a fala da criança e sua heterogeneidade escapam ao cálculo e à categorização da linguística. Ao transportar tal reflexão para o debate em aquisição de linguagem pode se reconhecer a singularidade da fala da criança, marcada por enunciados insólitos que se

---

*dans l'ouvrage bilingue: Lacan in Italia 1953-1978. En Italie Lacan*, Milan, La Salamandra, 1978, p. 104-147. Tradução nossa.

originam de processos de incorporação, vistos sob a noção de captura, postulada por De Lemos.

É a linguagem, ou melhor, *le langage* – e nela está incluído o outro enquanto semelhante e, na sua diferença, enquanto “outro” – que precede e determina a trajetória da criança do estado de *infans* para o de falante. Em outras palavras, a criança é capturada por *le langage*, atravessada e significada como é pela *parole* do outro, matriz de sua identificação como semelhante – e membro de uma comunidade linguística e cultural – e como dessemelhante, referido a uma subjetividade figurada como individual. (DE LEMOS, 2006, p.27)

É a partir da noção de captura (DE LEMOS 2000), “entendida como estenograma ou abreviatura (sobre esse conceito metodológico, ver MILNER, [1989] 2000) de processos de subjetivação”, que se instaura um modo de funcionamento do sujeito dividido entre a língua e *lalangue*; ou, como quer Lacan, *lalangue* designa o “que é uma ocupação de cada um de nós, *lalangue* dita materna, e não por nada dita assim” (LACAN [1972-1973] 1985, p.188). Ainda segundo o autor, *lalangue* “serve para coisas inteiramente diferentes da comunicação”, como se pôde também notar pela discussão empreendida por Melman sobre a diferença entre *saber* e *conhecer* uma língua, e pela relação estabelecida por Milner, a partir de Lacan, entre *lalangue* e língua materna.

É o fato de poder flagrar o sujeito a partir desse momento lógico de captura, dividido entre *lalangue* e língua, que leva Pereira de Castro a afirmar que a língua materna é uma experiência única e inaugural, “impossível de ser esquecida mesmo quando a julgamos perdida; mesmo se não a reconhecemos mais na superfície da fala, mesmo se falamos uma língua estrangeira” (PEREIRA DE CASTRO, 2006, p. 143).

Ao compreender a língua materna como constitutiva de um determinado sujeito falante e não apenas a primeira língua da criança, Pereira de Castro (2006, p.144) afirma que em certas situações a língua materna pode ser tecida por “materialidades linguísticas diversas, provenientes de mais de uma língua”. A autora adverte ainda que sua hipótese não é sobre o bilinguismo, que supõe a relação “entre duas totalidades de línguas bem definidas, mas, sobretudo de uma experiência – entendida como um vivido – atravessada por línguas, etnias ou culturas diversas” (*Idem.*). No âmbito deste trabalho, em que a relação língua materna e línguas outras está posta permanentemente, é importante ainda lembrar que para

Pereira de Castro nem sempre o sujeito reconhece esse saber que constituiu, na sua diversidade, a sua língua materna. Por outro lado, a afirmação da autora de que a língua materna é inesquecível vem do fato de que não se esquece a posição de falante, não se volta à posição de *infans*.

Pereira de Castro (2009/2010), movida por essa reflexão e pela indagação que a aquisição de linguagem e a fala da criança permitem formular, salienta que o caminho singular da trajetória da criança é marcado por erros e variações que não são fator de mudança, mas de esquecimento dessas variações, à medida que a criança se torna falante. A hipótese da autora converge para o pensamento de Saussure sobre a mudança, quando este duvida das explicações que são atribuídas aos erros da criança na evolução fonética da língua.

É ao cabo de muitos tateios, tentativas e retificações que a criança chega a pronunciar o que ouve em tórno [sic] de si, nisso estaria o germe das mudanças; certas inexatidões não corrigidas predominariam no indivíduo e se fixariam na geração que cresce. Nossos filhos pronunciariam frequentemente *t* por *k*, sem que nossas línguas apresentem em sua história mudança fonética correspondente; o mesmo não acontece com outras deformações; (...) com efeito, não se vê por que convém a uma geração reter tais inexatidões com exclusão de outras semelhanças, sendo todas [sic] igualmente naturais; com efeito a escolha de pronúncias viciosas aparece como puramente arbitrária, e não se percebe bem a razão delas. Outrossim, por que o fenômeno logrou penetrar esta vez e não outras? (SAUSSURE [1916] 2001, p.173, itálico do autor, grifo nosso)

Essa situação é interessante, sem dúvida, pois no caso das crianças não há penetração do fenômeno, conforme assinala Saussure. A essa hipótese, acrescenta-se outra reflexão do autor sobre a posição do falante na mudança linguística.

A primeira coisa que surpreende quando se estudam os fatos da língua é que, para o indivíduo falante, a sucessão deles no tempo não existe: ele se acha diante de um estado. Também o linguista que queira compreender esse estado deve fazer *tabula rasa* de tudo quanto produziu e ignorar a diacronia. Ele só pode penetrar na consciência dos indivíduos que falam suprimindo o passado. (SAUSSURE, [1916] 2001, p. 97)

Se o falante não tem consciência da mudança, como pode reconhecer as variações decorrentes dessa mudança? Saussure diferencia dois momentos na inovação: o da esfera da fala, em que há o surgimento da inovação acidental e contingente entre os

indivíduos; e a inovação que se tornou um fato de língua, exteriormente idêntico, mas adotado pela comunidade. Segundo De Lemos ([2000] 2006), o segundo momento permite compreender como se dá o reconhecimento dos processos de identificação como condição para que um evento individual de fala seja incorporado pela comunidade.

De acordo como Pereira de Castro (*op.cit.*), o falante não se dá conta da mudança linguística, assim como a criança não percebe seus erros e variações, uma vez que a mudança, na aquisição da linguagem, implica o esquecimento da fala infantil.

Na aquisição, a heterogeneidade da fala da criança composta de erros e variações é esquecida na medida em que essa fala se aproxima da fala do adulto que a interpreta. Para Milner, o esquecimento é um fato estrutural.

Ora, a partir do momento em que ele fala, e que continua a falar, o ser falante esquece o acontecimento impossível e irrepresentável que seria o encontro decisivo e inaugural. Sobre esse fundamento se constroem as diversas figuras da continuação e do laço: a realidade, certo, mas também, e vemos agora em que sentido, a linguagem. (MILNER 1988, p.73 *apud* PEREIRA DE CASTRO, 2006)

Apesar de Milner estar se referindo, nessa discussão, ao esquecimento do falante na sua relação com a origem da linguagem, Pereira de Castro observa a relevância de sua reflexão em relação às questões relativas à criança. Ademais, a linguista nos chama atenção para o fato de que esse esquecimento está correlacionado ao que Freud discute em seu artigo *Lembranças Encobridoras*, datado de 1899.

Para Freud ([1899]1987), as lembranças da infância mostram uma diferença fundamental do funcionamento psíquico das crianças e dos adultos, pois, quando se tenta vasculhar a memória à procura de algum fato da infância, há poucas recordações, e as que restam são de procedência duvidosa ou enigmática. A memória, nesse artigo, é posta em questão, pois, segundo Freud, na produção das lembranças encobridoras estão em jogo duas forças psíquicas que não se anulam e que não têm predominância uma sobre a outra. Há um princípio que atua no esforço de fixar impressões importantes de modo a estabelecer imagens mnêmicas reproduzíveis. Contudo, há um conflito, e a imagem que é reproduzida é associadamente deslocada da imagem original, produzindo outra imagem. À medida que os elementos que impediram a reprodução da experiência são esquecidos, os elementos

importantes são substituídos por algo trivial. Isso é que faz com que algo que seja lembrado se torne sem valor, em função do que foi suprimido e falsificado. Trata-se de uma conciliação, segundo Freud,

[e] a conciliação é a seguinte: o que é registrado como imagem mnêmica não é a experiência relevante em si — nesse aspecto, prevalece a resistência; o que se registra é um outro elemento psíquico intimamente associado ao elemento passível de objeção — e, nesse aspecto, o *primeiro* princípio mostra sua força: o princípio que se esforça por fixar as impressões importantes, estabelecendo imagens mnêmicas reproduzíveis. O resultado do conflito, portanto, é que, em vez da imagem mnêmica que seria justificada pelo evento original, produz-se uma outra, que foi até certo ponto associativamente *deslocada* da primeira. E já que os elementos da experiência que suscitaram objeção foram precisamente os elementos importantes, a lembrança substituta perde necessariamente esses elementos importantes e, por conseguinte, é muito provável que se nos afigure trivial. (FREUD [1899]1987, p.158)

A reflexão de Freud, segundo Pereira de Castro (2009), reforça o caráter estrutural do esquecimento ao qual se refere Milner ([1978] 1987) e diz respeito ao sujeito. Ao retomar o artigo de Milner (1988) *Le matériel de l'oubli*, Pereira de Castro (2009, 2010) observa que, para o linguista levar adiante a hipótese de o esquecimento ser um fato estrutural, é fundamental a hipótese do inconsciente freudiano: “o inconsciente é tanto o lugar onde permanece a matéria do esquecimento como é ele também o lugar de sua causa”. Mas não é só isso, como lemos nas palavras de Milner:

Mais exatamente, para responder à questão “por que o sujeito esquece?”, é certamente necessário (...) exibir o nome do inconsciente, mas não devemos nos limitar a essa questão. Outras proposições são exigidas. Uma entre todas: que o sujeito fale.

A doutrina é então: o sujeito capaz de esquecimento é sempre um ser falante (...) e o ser falante é sempre capaz de esquecimento. (MILNER, 1988 *apud* PEREIRA DE CASTRO, 2010 p.100)

Essa reflexão converge para o que diz a autora a respeito da aquisição da linguagem pela criança: uma vez “submetida ao funcionamento linguístico, a criança esquece a fala infantil”, e acrescenta em seguida que

voltando ao esquecimento da fala infantil, se ela retorna já não é mais como fala infantil, mas como equívoco, submetida à escuta do falante de

língua materna, que estranha o que ouve porque já não se lembra de tudo o que foi preciso esquecer quando foi por ela capturado. (PEREIRA DE CASTRO 2010 p.101)

Pereira de Castro, ao tratar do esquecimento, recorre ao conceito de inconsciente em Freud e, portanto, de recalque. Daniel Heller-Roazen ([2005] 2010), filósofo americano e professor de literatura comparada, aborda a questão do esquecimento partindo de uma “capacidade articulatória” do bebê e não de uma fala (*parole*) da criança com suas características de heterogeneidade, erros etc.

Heller-Roazen (*op.cit.*) realiza uma interessante reflexão sobre a função do esquecimento em relação à habilidade linguística das crianças na produção de quaisquer sons ao longo do processo de aquisição de linguagem. Segundo o filósofo, as crianças têm à sua disposição “capacidades articulatórias” (*op.cit.*, p.7) que as habilitam a produzir todos os tipos de sons. Acompanhando a argumentação de Jakobson (1939-1941) em *Linguagem infantil, afasia e universais fonológicos*<sup>68</sup>, Heller-Roazen se indaga sobre o que ocorre com essa capacidade articulatória ao longo do processo de aquisição da linguagem. Segundo o autor, Jakobson observa que

em seus balbucios, uma criança pode acumular articulações que nunca serão encontradas em uma única língua, ou mesmo grupo de línguas: consoantes com os mais variados pontos de articulação, consoantes palatalizadas e redondas, sibilantes, fricativas, cliques, vogais complexas, ditongos, e assim por diante”. JAKOBSON ([1939-41] *apud* HELLER-ROAZEN [2005] 2010, p.7, grifo nosso)

Jakobson afirma que a criança consegue articular quaisquer sons, e acrescenta que seria plausível, portanto, pensar que a aquisição de uma língua pudesse ser rápida e fácil. Isso, no entanto, não se confirma e Heller-Roazen ressalta que entre os ruídos do bebê “existem evidências de uma interrupção decisiva, algo como um salto no qual as habilidades fonéticas ilimitadas do primeiro parecem vacilar” (*op.cit.*, p. 8). O autor se questiona sobre o que acontece com esses sons que a criança emitia com facilidade e o destino dessa habilidade de produzir sons, antes de a criança aprender os sons de uma

---

<sup>68</sup> Jakobson, *Kindersprache, Aphasie, und allgemeine Lautgesetze* (1940-1942), reproduzido em Jakobson, *Selected writings, Vol.1 – Phonological Studies*, p.335; em Inglês, *Child Language, Aphasia, and Phonological Universal*, p.21 – *apud* Heller-Roazen ([2005] 2010, p.7), tradução de Fábio A. Durão

língua específica. Sua hipótese é a de que a aquisição da linguagem parece apenas ser possível por meio de um “ato de esquecimento, um tipo de amnésia linguística infantil”, ou melhor, uma “amnésia fônica”, já que aquilo que o bebê esquece é uma “capacidade aparentemente infinita para uma articulação indiferenciada” (*Idem.* p. 8). Cogitando sobre tais asserções, pergunta-se então:

Seria o caso de a criança ficar tão presa à realidade de uma língua, que abandonaria o reino ilimitado, porém, em última instância estéril, que contém a possibilidade de todas as outras? Ou seria necessário, ao invés, procurar a explicação na nova língua: é a língua materna que, apoderando-se de seu novo falante, não tolera nele a mais leve sombra de outra? (HELLER-ROAZEN, [2005] 2010, p. 9)

O autor parece duvidar de que não haja um resto e um rastro, tanto que ressalta o processo de esquecimento, pela retirada dos sons, como operação necessária no auge do balbucio, para que dois entes dessa voz apareçam: uma língua e um ser falante. A suposição é a de que esse esquecimento talvez seja uma forma “para conseguir dominar o sistema finito de consoantes e vogais que caracteriza uma determinada língua” (*op. cit.*, p. 9).

Conjecturando sobre as línguas dos adultos, o autor se pergunta se elas retêm alguma coisa do balbucio infinitamente variado do qual surgiram? A resposta comporta a seguinte teoria: se as línguas dos adultos retêm algum traço desse balbucio “seria apenas um eco de uma outra fala e de algo outro que a fala: uma ecolalia, que guardasse a memória do balbucio indistinto e imemorial que, ao ser perdido, permitiria a todas as línguas que existissem” (*op.cit.*).

Partindo da reflexão de Heller-Roazen, seria possível fazer uma analogia entre o resto – sons que a criança esquece, mas que não a abandonam – e o funcionamento de *lalangue*, zona de equívoco que permitiria a insurgência de erros e lapsos em língua estrangeira?

## **A língua materna, a criança e o erro em aquisição de linguagem**

Depois de tratar da relação entre *lalangue* e língua materna, faremos nesta seção uma passagem obrigatória por um dos problemas teóricos da área de aquisição de linguagem, a saber: a questão do erro na fala da criança.

Trataremos, nesta seção, da trajetória da criança entre a posição de *infans*, isto é, não falante e a de sujeito falante. O lapso não será trabalhado ainda uma vez que, do ponto de vista da psicanálise, para haver lapso de língua é essencial reconhecer um sujeito constituído. Nessa perspectiva, a noção de recalque é fundamental para entendermos os atos falhos e, dentre eles, os lapsos de língua. No texto intitulado *Repressão*<sup>69</sup>, Freud ([1915] 1987) afirma haver uma primeira fase do recalque (recalque primário) que marca a cisão entre a atividade mental consciente e a inconsciente. A consequência dessa divisão – consciente/inconsciente – permite o acesso da criança à posição de sujeito na aquisição de linguagem. A segunda fase do recalque (recalque secundário) atuaria sobre todos os representantes ideacionais que estabelecem uma relação associativa com o primeiro representante recalcado. Essa relação causa desprazer e pode dar origem a uma formação substituta que emerge na consciência de maneira deslocada, através de atos falhos, lapsos de línguas, chistes e sonhos.

Antes de iniciamos nossa discussão, é importante dizer que para tratar do problema da aquisição de linguagem partiremos da hipótese interacionista<sup>70</sup>, elaborada pela linguista Cláudia de Lemos (1992, entre outros). Pereira de Castro (1998, p.248) alerta que não se deve entender “interação” como equivalente à comunicação entre os interlocutores ou “estender essa hipótese àquela que toma a interação como processo de aprendizagem, conduzido pelo falante mais experiente”. O adulto, sob a perspectiva do interacionismo, é aquele que sabe a língua que um dia a criança virá a saber, tendo como característica a de ser uma instância – a de funcionamento da língua constituída.

Sabe-se que a condição para que a língua materna seja adquirida é a de haver um falante que se relacione com a criança. Lembramos que muito antes de o bebê articular os sons, ele já se encontra imerso em um universo de linguagem, no qual ocupa um lugar discursivo referido pelos seus pais e familiares. Após seu nascimento, o bebê é banhado por esse universo de linguagem que abarca a língua como um todo: sintaxe, morfologia, fonética e prosódia. Assim, os gritos, choros, gestos e olhares e, posteriormente, balbucios e

---

<sup>69</sup> O termo *Die Verdrängung*, traduzido por ‘repressão’ nas Edições Standard, pode ser traduzido também como ‘recalque’, conforme discussão sobre a terminologia freudiana no livro *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (2004, p. 30). Optamos por usar o termo ‘recalque’.

<sup>70</sup> Para as várias concepções de interacionismo, conferir o capítulo Aquisição de linguagem, de Pereira de Castro e Figueira In: *Introdução às ciências da linguagem: linguagem, história e conhecimento*, 2006.

fragmentos de fala são, sob a perspectiva interacionista, interpretados como demanda de significação pelo adulto, já submetido à ordem do simbólico. Para Jakobson e Heller-Roazen, o bebê quando começa balbuciar consegue articular todos os sons, mas devemos acrescentar a essa observação o fato de ser a mãe quem interpreta cada som, grito e olhar como incômodo, fome, dor etc. Esse é o começo de um movimento que se torna bidirecional, isto é, a criança também começa a fazer gestos e a emitir sons endereçados à mãe. Não quer dizer, contudo, que a fala que a mãe dirige à criança seja compreendida por ela. Os gestos de interpretação da mãe causam efeitos no bebê, fazendo com que ele incorpore significantes que, na devolução para a fala do adulto, são ressignificados por este último. Esse movimento de interpretação se inicia pela identificação da mãe com a fala da criança, mesmo que a réplica lhe cause um estranhamento.

Ao analisar a atividade interpretativa da mãe, Pereira de Castro (1998) serve-se da elaboração de Milner sobre os registros lacanianos: Real, Simbólico e Imaginário, para mostrar o lugar que a relação mãe-criança ocupa.

O lugar da mãe é, a um certo ponto, o da identificação imaginária, registro pelo qual se dá o efeito de unidade, de semelhança; tudo aquilo que faz ligação entre a fala da criança e a do adulto, por que se reconhece a reposição de um segmento. Mas, ao mesmo tempo, há um movimento da criança na linguagem, um deslocamento, que a mãe persegue na interpretação e que impede o fechamento sobre o mesmo. É no registro do simbólico que um significante pode sempre tornar-se um outro, pela ação do real, criando a tensão entre reconhecimento e estranhamento. (PEREIRA DE CASTRO, 1998, p. 250)

A partir do momento em que a criança começa a falar – e tomemos a fala aqui como fragmentos de enunciados do outro –, esses gestos de interpretação podem ser observados na medida em que o diálogo é tomado pela teoria como unidade de análise (DE LEMOS 1992). Esse deslocamento teórico e metodológico do investigador é importante, porque graças a ele é possível reconhecer que há, por parte da mãe uma aposta nesse vir a ser falante, identificação imaginária necessária para tomar a fala infantil como a de um ser semelhante. É bem verdade que essa relação é assimétrica, mas através dela é possível vislumbrar a singularidade da língua materna.

Um modo singular de produzir equívoco, eis o que é uma língua entre outras. Assim, ela se torna uma coleção de lugares, todos singulares e heterogêneos; de qualquer lado que se a considere, ela é outra para ela mesma, incessantemente heterotópica. Assim, ela se faz igualmente substância, matéria possível para os fantasmas, conjunto inconsistente de lugares para o desejo; a língua é, então, o que o inconsciente pratica, prestando-se a todos os jogos inimagináveis para que a verdade, no domínio das palavras, fale. (MILNER [1978] 1987, p. 15)

A questão do diálogo como unidade de análise é observada por De Lemos (1992), no trabalho de Scollon (1979), um dos primeiros a notar a imbricação da fala da criança e a do adulto, ao acompanhar a produção fonológica de uma criança de 1 ano e 7 meses, Brenda, conforme relatado em *A real early stage: an unzipped condensation of a dissertation on child language*. Desse artigo, destacamos dois episódios, com um intervalo de uma semana entre eles, para mostrar como a língua materna se faz presente na fala da criança e na do adulto.

Transcrevemos o primeiro episódio, em que o investigador<sup>71</sup>, que é também pai de Brenda, está observando e coletando dados da interação com ela.

C (criança) enuncia: /k<sup>h</sup>a/, /k<sup>h</sup>a/, /k<sup>h</sup>a/, /k<sup>h</sup>a/ (*car, car, car, car* -carro)

I (investigador): *what?* (o quê?)

C: /gɔo/, /gɔo/ (*go, go* -vai)

C: /bais/, /bais/, /bais/, /bais/, /bais/, /bais/, /bais/, /bais/, /bais/ (*bus, bus, bus, bus, bus, bus, bus, bus* -ônibus)

I: *what? Oh, bicycle? Is that what you said?* (O quê? Bicicleta? É isso que você disse?)

C: /na`/(*no* - não)

I: *No?* (não?)

C: /na`/ (*No* - não)

I: *I, No I got it wrong* (eu, não eu entendi errado)

---

<sup>71</sup> Usarei a palavra ‘investigador’ no momento em que houver uma reflexão sobre o diálogo.

No momento da produção desses enunciados, o pai não compreende o que Brenda queria dizer; contudo, ao ouvir a gravação, nota que antes de Brenda enunciar *car* /k<sup>h</sup>a/, havia um ruído de carro passando na rua.

O que dizer desse episódio? Inicialmente a criança repete “*car*”(carro), o que não parece fazer sentido para o pai (*what?*). A menina enuncia então “*go*” (ir). Diante do silêncio do pai, passa a repetir “*bus*” (ônibus). A sequência “*car, go, bus*”, usada por Brenda para se “fazer entender”, pode ser interpretada como um processo de substituição dos termos que estão em um mesmo campo semântico, sustentado por relações associativas (Saussure, [1916] 2001, p. 146). Entretanto, como o pai não escuta o primeiro enunciado como “*car*”, ele não acompanha a associação da criança quando esta enuncia “*go*”. Depois que Brenda enuncia “*bus*”, observamos que o investigador faz um primeiro gesto de interpretação com a pergunta “*What?*” (o quê?), seguida de “*Oh, bicycle? Is that what you said?* (O quê? Bicicleta? É isso que você disse?). Por que o investigador sugere a palavra “*bicycle*”? Supomos que ele se ateuve aos fonemas da palavra “*bus*” /bais/ e os aproximou de “*bicycle*” \bī-si-kəl/. Se nossa suposição estiver correta, a homofonia operou na aproximação entre os dois vocábulos.

Esse episódio só foi compreendido pelo investigador na semana seguinte, quando a mãe de Brenda, descrevendo o percurso que havia feito com a filha para uma consulta médica, conta que, olhando para uma senhora que vestia uma saia com a mesma estampa do cobertor da irmã, Brenda havia enunciado: “*lady* (senhora), *blanket* (cobertor), *blanket* (cobertor). Nesse momento do relato da mãe, Brenda enuncia “/ brendɔ / sip<sup>hi</sup>/ bas/bas/” (*Brenda sleep bus, bus* – Brenda dormir ônibus, ônibus). Scollon (*op.cit.*) demora a entender a conexão que Brenda aparentemente tentara estabelecer entre o conteúdo da conversa entre seus pais e o enunciado “*Brenda sleep, bus, bus*”, e pergunta à mãe de Brenda como elas foram ao médico e o que Brenda fez ao longo do caminho. A mãe responde que foram de ônibus e Brenda dormira no caminho para o médico. Isso o levou a observar que as duas vezes em que a criança enunciou /bais/ era a palavra *bus* que ela enunciava, o que fez com que ele retomasse o primeiro episódio, que acontecera na semana anterior, e, então compreendesse que a menina tinha falado repetidamente “*bus*”, presumivelmente no lugar de *car* /k<sup>h</sup>a/ (carro).

O primeiro episódio que, inicialmente, se mostrou obscuro para o pesquisador parece ter sido ressignificado a partir do segundo episódio, quando o vocábulo /bais/ *bus* é escutado por ele (com o significado de ônibus). Podemos supor a partir desses episódios o funcionamento associativo que provocou os enunciados de Brenda.

No capítulo sobre as relações sintagmáticas e associativas, Saussure ([1916] 2001, p.143) nos diz que “num estado de língua tudo se baseia em relações” que colocadas em um sintagma, isto é, numa articulação linear, um termo adquire valor porque se opõe a outro que o antecede ou que o segue. O autor ressalta ainda que, na memória, as palavras formam grupos em que relações diversas imperam, e uma palavra pode ser o centro de uma constelação de outros termos que a ela sejam relacionados.

No primeiro episódio, a referência ao verbo “*go*” está inserida em uma constelação que pode também conter *car* e *bus*, na medida em que o verbo pode estar ligado ao modo como uma pessoa se desloca de um ponto ao outro: “*go by car*”, ou “*go by bus*”. Nas palavras de Saussure:

Os grupos formados por associação mental não se limitam a aproximar os termos [sic] que apresentem algo em comum; o espírito capta também a natureza das relações que os unem em cada caso e cria com isso tantas séries associativas quantas relações diversas existam. (SAUSSURE, [1916] 2001, p.145)

É também digno de nota o fato de a criança não fazer referência a algo que estava vendo, mas ao que estava ouvindo. A interferência do barulho de um veículo não foi notada pelo pai que, inicialmente, se deteve nas palavras isoladas enunciadas por Brenda; só posteriormente o linguista reconheceu a relação entre o primeiro e o segundo bloco de enunciados. Mais um fato que destacamos desses episódios é que Brenda já se encontra em um funcionamento linguístico, pois seus enunciados são guiados por associações e substituições semânticas e fônicas possíveis na sua língua materna, Segundo M. T. Lemos (2002, p. 179), “Scollon sugere que este tipo de interação com o outro poderia ser o meio pelo qual a criança aprenderia a construir sentenças, num primeiro momento”. Ainda segundo a autora, apesar de o trabalho de Cláudia de Lemos sobre os processos dialógicos ser contemporâneo ao de Scollon, a linguista apresenta um ponto de vista distinto, e que nos interessa particularmente neste trabalho.

Do ponto de vista do investigador da linguagem, a noção de processos dialógicos postulada por De Lemos é importante, pois, não só inclui a fala do outro na análise dos episódios, como também dá visibilidade ao modo como a criança vai sendo capturada pela língua materna.

Se retomarmos o episódio apresentado, podemos nos perguntar se é plausível tomar o enunciado da criança como evidência de conhecimento linguístico: foi essa uma das questões levantadas por De Lemos ao longo de seu percurso teórico. Marcada por variações, nomeadas “erros” (Cf DE LEMOS, 1982, 2002), que mostram sua divergência em relação à fala do adulto, a fala da criança, de fato, longe de se colocar entre “acerto e erro”, coloca a língua materna em relevo. É surpreendente notar as subversões a que a criança submete a língua, criando novas palavras, deslocando significados. Através da heterogeneidade da fala infantil pode-se ver o não-todo da língua, que se refrata por *lalangue*, razão pela qual Milner ([1978] 1987) coloca a língua materna no mesmo eixo da poesia, em que o deslizamento do significante se dá pela materialidade da língua para significar outra coisa. É nesse fazer e desfazer com a língua que se vê a trajetória do *infans* a falante.

Passo a um episódio, relatado por Pereira de Castro (2006; 2010), em que há um cruzamento entre a prosódia e outros elementos linguísticos do enunciado da criança, revelando, segundo a autora, a sua posição na constituição familiar, junto a uma irmã mais velha e a seus pais. M. (com 1;10) usa a exclamação “nossa” para tudo o que a surpreende, agrada, espanta. Após alguns dias de uso dessa exclamação, a mãe é recebida por M., que gesticula com braços e olhos bem abertos.

**M. Mamãe, nossa! (exclamativa)**

**Papai meu.**

A. (A mãe pede que a filha explique o que está contando. E a criança repete)

**M. Mamãe, nossa!**

Papai meu.

- A. Sem entender, a mãe se dirige à filha mais velha que explica: pouco antes a criança dissera “mamãe (é?) minha”, a que irmã teria retrucado corrigindo: “não, a mamãe é nossa”. (M.1;9)

A autora se indaga sobre o que sustenta, na cadeia falada, a troca de **nossa**, pronome possessivo, por **nossa!**, exclamação e afirma que

[é] a homonímia que sustenta nesse episódio o deslocamento de uma exclamação (**nossa!**) para a posição do pronome possessivo na cadeia falada. Mesmo repetindo a irmã –“(a) mamãe (é) nossa”- a entonação de **nossa!** na fala da criança traz a marca da exclamação, o vestígio de um outro ato enunciativo, que se sobrepõe prosodicamente ao enunciado da criança promovendo o equívoco, o não entendimento. A explicação da irmã mais velha esclarece em parte a origem do enunciado e permite que se reconheça o movimento do significante entre categorias gramaticais, pelo efeito do discurso. (PEREIRA DE CASTRO, 2010, p. 95)

Lembramos que a homonímia é o motor de *lalangue*, pois ela aponta para uma função de excesso da língua. A função de excesso à qual Milner se refere é

o conjunto de todas as cadeias possíveis, aquelas que a ciência representa – etimologia, paradigmas diversos, derivações, transformações, etc; e aquelas que ela recusa: homofonias, homossemias, palíndromos, anagramas, tropos e todas as figuras imagináveis da associação. A alíngua (*lalangue*) é, pois, uma multidão de arborescência pululante, onde o sujeito enlaça seu desejo, qualquer nó podendo ser eleito por ele para fazer signo. O ponto de subjetivação é sempre um entre outros, e a cadeia onde ele se distingue é apenas cercada e já surgem mil outras análogas: em enxame, diz Lacan. (MILNER, *op.cit.*, p.64-65)

Segundo o autor, a cadeia de qualquer língua, uma vez que um sujeito possa nela fazer signo, é uma definição de *lalangue* (“conjunto virtual dos dizeres do desejo”) aos quais “oferece suas vias, que ele tomará haja o que houver – inclusive na sua dimensão de inconsciente” (*op. cit.*, p. 65).

Pereira de Castro salienta ainda que a oposição e a combinação entre os vocábulos “nossa” e “meu”, “pai” e “mãe”, revelam tanto os aspectos discursivos quanto o funcionamento da língua em um sistema de oposições com sua ordem própria. De fato, Saussure ([1916] 2001) recorre à oposição entre “pai” e “mãe” para introduzir a noção de “positividade do signo”, no capítulo sobre o *Valor Linguístico*.

Quando se comparam os signos entre si – termos [sic] positivos – não se pode mais falar de diferença; a expressão seria imprópria, pois só se aplica bem à comparação de duas imagens acústicas, por exemplo *pai* e *mãe*, ou de duas idéias [sic], por exemplo a idéia [sic] de “pai” e a idéia [sic] de “mãe”; dois signos que comportam cada qual um significado e um significante não são diferentes, são somente [sic] distintos. Entre eles [sic] existe apenas *oposição*. Todo o mecanismo da linguagem, que será tratado mais adiante, se funda em oposições desse [sic] gênero e nas diferenças fônicas e conceptuais que implicam. (SAUSSURE [1916] 2001, p. 140, itálico do autor)

Saussure afirma que o que é verdadeiro para o valor também o é para a unidade. Valor e unidade são regidos pelo “princípio da diferenciação” (SAUSSURE [1916] 2001, p. 141), isto é, o que constitui o signo – significante e significado – é também o que o distingue.

Retomando o episódio em que a composição e oposição dos termos “pai/mãe” e “nossa/meu” nos enunciados “mamãe nossa” e “papai meu”, Pereira de Castro afirma que a língua promove seus efeitos e “na teia dessas relações é dito mais do que podemos atribuir à criança como um ‘querer dizer’ ou como ‘conhecimento de língua’” (PEREIRA DE CASTRO, 2010, p. 96). Pode-se depreender, a partir desse episódio, que a criança diz algo que ultrapassa um “conhecimento da língua”.

Outro aspecto que merece ser destacado é que só o primeiro enunciado da criança é afetado pela correção da irmã, o que coloca a questão da escuta em relevo. Antes de a criança ter falado “**mamãe, nossa!**”, ela havia dito “mamãe (é) minha”, a que a irmã havia retrucado e corrigido: “não, mamãe é nossa”. Assim, apesar de a criança enunciar “**mamãe, nossa!**” com a correção, o enunciado “**papai meu**” não sofreu alteração, o que leva a autora a se questionar sobre o que se deve atribuir a essa escuta que falha em determinado ponto da cadeia.

A argumentação da autora se desenvolve ao inserir em sua análise uma observação sobre o entrecruzamento linguístico em que cada um dos seus elementos encontra-se em “um intrincado sistema simbólico” (*op.cit.*, p. 96). A esse respeito, convoca a seguinte passagem Lacan:

(...) todo símbolo linguístico facilmente isolado não é solidário somente do conjunto, mas se recorta e se constitui por toda uma série de afluições,

de sobredeterminações oposicionais que o situam ao mesmo tempo em vários registros. Esse sistema da linguagem, no qual se desloca o nosso discurso não será algo que ultrapassa infinitamente toda intenção que ali podemos colocar, e que é somente momentânea? (LACAN, [1953-1954] 1979, p. 68)

Embora Lacan se refira inicialmente à experiência psicanalítica sobre a posição do sujeito no sistema simbólico, esse comentário aponta para o fato de que o sujeito diz mais do que pensa dizer, o que, segundo a autora, oferece a possibilidade de entrever “um aspecto singular em jogo na relação da criança com o outro, com a língua e com sua própria fala” (*ibid.*, p.97).

Para retomar o episódio analisado por Pereira de Castro, convocamos a teorização de De Lemos sobre as três posições subjetivas em que a criança se encontra, como explicativas de mudança, tanto na língua quanto na criança.

(...) na primeira posição, pela dominância da fala do outro, na segunda posição, pela dominância do funcionamento da língua e, na terceira posição, pela dominância da relação do sujeito com sua própria fala. É na terceira posição que a criança enquanto sujeito se divide entre aquele que fala e aquele que escuta sua própria fala, sendo capaz de retomá-la e reformulá-la e reconhecer a diferença entre a sua fala e a fala do outro, entre a instância subjetiva que fala e a instância subjetiva que escuta de um outro lugar. (DE LEMOS, 2000, p. 3)

Voltando ao episódio, podemos dizer que a escuta da criança põe em questão a segunda posição. Na segunda posição, M. está submetida a um funcionamento linguístico ao falar “**mamãe, minha!**” e se desloca para a terceira posição ao escutar o enunciado da irmã mais velha que a corrige: “não, a mamãe é nossa”. Essa escuta a leva a refazer o enunciado pela troca do pronome possessivo “minha” para o pronome “nossa” quando enuncia “**mamãe, nossa!**”. Na relação de substituição entre os pronomes, podemos ver que pelo fato de não transpor a correção da irmã para o enunciado “**papai, meu!**”, M. permanece na segunda posição, e eis aí o que podemos flagrar como um “rastro”, “um eco de outra fala”, “uma ecolalia”, a que se refere Heller-Roazen ([2005] 2010, p.9).

No campo dos estudos em aquisição de linguagem destaca-se a referência ao aparecimento, na fala da criança, de “erros” de dois tipos: os previsíveis e os imprevisíveis, ou produções consideradas insólitas. Os “erros” previsíveis são decorrentes de um padrão

linguístico como, por exemplo, quando a mãe pergunta à criança se ela fez alguma coisa e a resposta da criança é: *eu fazi*. A criança segue o paradigma verbal que rege os verbos regulares da segunda conjugação, por exemplo, *beber* e *comer*, que flexionados em uma resposta seriam *bebi* e *comi*, e aplica a mesma flexão, para o verbo *fazer* que é irregular, oferecendo a resposta *fazi*.

Os erros imprevisíveis são os que têm efeito de enigma, segundo Maria Teresa Lemos (2002), pois não obedecem a uma regra de conhecimento linguístico e causam estranhamento da fala da criança sobre a do adulto. Discutindo um dado registrado por Beluggi (1982), M.T. Lemos (2002) caracteriza-o como enigmático:

No meio de uma sessão Adam podia, de repente, abrindo bem os olhos, me brindar com diálogos especiais. Numa dessas ocasiões, Adam tinha acabado de afirmar que tinha um relógio, mas ele nunca havia tido um de fato e, mais ainda, nem sabia ler as horas:

Eu: “Eu achei que você tinha dito que tinha um relógio.”

Adam: “Eu tenho sim” (com dignidade ofendida), “o que você pensa que eu sou, um não menino com um não relógio?”

Eu: “Que tipo de menino?”

Adam: “(enunciando bem claramente)”- “Um não menino com um não relógio”. (BELLUGI in KESSEL 1982, p.55 *apud* M.T. LEMOS, 2002, p. 110)<sup>72</sup>

Esse dado será retomado por De Lemos (2002) ilustrando o entrecruzamento de estruturas linguísticas como “*nobody*”, “*nothing*” e “*no one*”, como o que viabiliza a irrupção de “*no boy*”. A autora observa que estruturas manifestas podem revelar estruturas latentes com as quais mantêm relações. Nesse sentido, podemos assinalar que o uso do “*no boy*” remete a estruturas latentes como “*nobody*”, “*no one*” (ninguém).

Notemos que um dos enunciados que poderia ser elaborado pela criança seria: “*A boy with no watch*”. No entanto, a estrutura que compareceu para a negação foi outra. Se

---

<sup>72</sup> In the middle of a session Adam would open his eyes wide and provide me with special dialogues. In one case, Adam had just claimed he had a watch, but he never in fact had one, and what’s more, couldn’t tell the time:

Me: “I thought you said you had a watch”

Adam: “I do have one” (with offended dignity), “What d’you think I am, a no boy with no watch?”

Me: “What kind of boy?”

Adam: (Enunciating very clearly) “A no boy with no watch”. (traduzido por M.T. LEMOS, 2002, p. 110)

colocarmos em um contexto em que se pergunta: “*Who caught the ball?*” (quem pegou a bola?), pode-se ter como resposta: “*nobody*” ou “*no one*” (ninguém). Em ambas as respostas, a seleção de estrutura linguística que compareceu foi a partícula “*no*” antes do substantivo, o que frequentemente é usado em enunciados informais: “*there is no food at home*” (não há comida em casa) e repetido na segunda parte do enunciado: “*no watch*”. Nesse episódio, podemos dizer que houve o cruzamento de cadeias latentes, “*I am not a boy*” (eu não sou um menino) e “*I have no watch*” (eu não tenho relógio), em que a seleção da partícula “*no*” prevaleceu na cadeia manifesta em dois lugares para compor o enunciado em sua forma negativa. A paráfrase possível desse enunciado poderia ser “*A boy with no watch*”, estrutura que não é canônica, mas seria uma maneira possível de na língua expressar “*A boy without a watch*”. Se tomarmos o enunciado “*A boy with no watch*”, podemos supor que houve predomínio da preposição *with* sobre a preposição *without*, na medida em que a forma negativa foi garantida pela presença da partícula “*no*” em dois pontos da cadeia falada. Ou seja, é possível dizer “*I am with no time*” (eu com tempo nenhum) ao invés de dizer “*I am without time*” (eu estou sem tempo). A expressão “*with no*” pode servir de substituta à preposição “*without*”.

Além dos erros denominados imprevisíveis, encontramos também trabalhos que abordam outro tipo de erro em aquisição de linguagem. Tratam-se dos erros previsíveis, mencionados anteriormente.

Em *Erro e enigma na aquisição da linguagem*, publicado em 1995, Figueira trabalha a distinção entre o erro denominado “reorganizacional” – como aquele tipo de erro que pode ser interpretado como resultante de um processo de sistematização ou alinhamento de estruturas – e o “enigmático” (cf. M.T. LEMOS, 2002) – aquele que não é facilmente interpretado como procedente de um processo de sistematização.

Ao caracterizar o “erro reorganizacional”, a autora explica que ele está presente no trajeto de construção de subsistemas e marca um momento da fala da criança, que produz formas ou estruturas desviantes interpretáveis, posteriormente a formas aparentemente corretas. A linguista ressalta haver dois momentos:

Um, em que a forma ou estrutura comparece na fala da criança com o estatuto de não analisada, como material incorporado especularmente da

fala do Outro, submetido pois a uma dependência dialógica; outro, em que tais formas e estruturas, antes independentes e isoladas (presas a discursos fixos), passam – graças a um movimento que inclui a experiência da criança com a própria linguagem (ou, na visão de resignificação de De Lemos, o efeito da linguagem sobre a própria linguagem) – *a integrar um subsistema*. É neste segundo momento que se registram os erros (...) (FIGUEIRA, 1995, p.147, itálico do autor)

Segundo a autora, a interpretabilidade e a previsibilidade, características dos erros reorganizacionais, não comparecem nas ocorrências enigmáticas. A partir da análise de episódios da fala da criança relativos à classe semântica dos reversos propiciados por prefixos *–des*, *–di*, Figueira (*op.cit.*) infere que as crianças reconhecem o recurso morfológico, mas não os limites de seus usos. Vejamos um episódio de uma criança de quatro anos e seis meses de idade:

(A criança observa a mãe no banheiro, que, indecisa, abre o chuveiro e depois, desistindo, fecha-o; depois, torna a abri-lo)

J. (em tom de crítica). Desfecha...e abre.(=fecha)

A análise que a linguista empreende do episódio é a de que, ao criar o termo desfechar, a criança estaria fazendo uso do morfema *–des*, por uma relação sintagmática na qual esse prefixo pode ser recortado do restante de cadeia sonora em que aparece; ao mesmo tempo, há uma relação associativa (ou paradigmática) com outras palavras em que esse prefixo cumpre a função de designar o oposto dos verbos aos quais se ligam: desamarar, desligar, desabotoar etc. A autora alerta que o investigador deve estar atento ao momento em que a criança começa a produzir formas “ultrageneralizadas” que comparecem por um funcionamento já presente no mecanismo da língua, e conclui que a associação possibilita a interdependência entre o “reorganizacional” e o enigmático.

No artigo *A Aquisição do Paradigma Verbal do Português: as Múltiplas Direções dos Erros*, Figueira (2003) aborda algumas ocorrências que afetam a morfologia flexional dos verbos enquadrados como regulares. Partindo das anotações do diário de A. , quando esta tinha dois anos e dez meses de idade, a mãe-pesquisadora depara-se com as seguintes ocorrências do verbo “dirigir”, que lhe causam espanto por esse verbo já fazer parte do vocabulário de A. em formas “corretas”: 1) “Eu tô dirigindo”, 2) “Eu vô dirijá” e

3)“Mamãe não sabe dirigir”. O estranhamento da pesquisadora se deve ao fato de que, ao percorrer o diário no período em que A. tinha entre dois anos e dez meses e três anos e dez meses, havia outras anotações com ocorrências relacionadas também com verbos da terceira conjugação, como *cair* e *ouvir*, que foram flexionados como verbos pertencentes à primeira conjugação, tal qual ocorrera com o verbo *dirigir*. Entretanto, ao voltar a examinar o diário de A., quando esta tinha 3 anos e onze meses, a pesquisadora percebe o mesmo item *dirigir*, sendo flexionado como verbo da segunda conjugação. A autora é levada a concluir que não era possível levar a hipótese de construção de um paradigma para os verbos da terceira conjugação, uma vez que esses verbos só foram conjugados como se pertencessem à primeira conjugação durante um período.

Apesar de poder considerar tais ocorrências dentro de uma perspectiva reorganizacional, em que há acerto-erro-acerto, Figueira (*op.cit.*) filia-se à hipótese de De Lemos (1992) e afirma que essas formas podem ser afetadas por cruzamentos “previsíveis”, uma vez que existe certo grau de recorrência, mas podem também ser afetadas por cruzamentos imprevisíveis passíveis de influências das relações que se estabelecem entre material latente e material manifesto, presentes ou apenas evocados na cadeia de enunciados. Segundo a autora, “É o movimento da língua atravessando a fala da criança, tornando visível a heterogeneidade das marcas – neste caso morfológicas – que concorrem em um ponto da cadeia ou da estrutura, à expressão de um sentido” (FIGUEIRA, 2003, p. 498).

Nesse sentido, a autora assevera que, se a língua está em processo de constituição, o que acontece na fala da criança se dá pelo significado, pelo significante ou por ambos, conforme salienta Saussure ([1916] 2001), no capítulo sobre as relações associativas.

É assim que a língua revela seu movimento de organização, em instanciações que têm a particularidade de mostrar combinações diferentes, mas *possíveis*, anteriores àquelas que, mais tarde, na língua adulta, imobilizar-se-ão em produtos cristalizados. Produtos cuja imobilidade de combinação não poderá ser desfeita a não ser em um certo tipo de evento muito original da fala adulta: o *lapsus linguae*. (FIGUEIRA, *ibid.*, p. 499, itálico do autor)

No artigo *Marcas Insólitas na Aquisição do Gênero* (2001), a autora procura flagrar o momento em que a criança começa apresentar sinais de uma nova posição frente à língua – como ter uma escuta sobre sua própria fala – e discute as ocorrências que apontam para a construção de gênero gramatical. O material apresentado pela pesquisadora é de duas crianças, entre dois e seis anos de idade, A. e J.

Dentre os vários episódios discutidos pela autora, elegemos trazer dois para nossa exposição. O primeiro episódio trata-se de um diálogo entre J., que está com quatro anos e seis meses de idade, e sua mãe.

J brinca de fazer entrevistas, como se fosse o repórter na televisão

M: Eu tava perguntando se ia sair ou não a reportagem, Ju. E você é a repórter.

J: (levantando a voz) Reporta.

M: (rindo) “reporta”? Por que “reporta”?

J: Por que reporta é mulher. Que eu não quero ser homem. Eu sou reporta, vai.

Nesse episódio, observa-se a alteração de um substantivo masculino que, na fala da criança, é flexionado no feminino, podendo ser interpretada como uma marca do sexo feminino, uma vez que há vários substantivos na língua que incluem os dois gêneros. Entretanto, Figueira ressalta que esse substantivo, dentre outros, comporta os dois gêneros sem que haja flexão. O que explicitaria o fato de se tratar de um repórter do gênero feminino ou do gênero masculino seria a anteposição dos artigos *o* e *a*, antes do substantivo. Portanto, para se referir a uma repórter mulher, o enunciado deveria ser *a repórter*. A construção linguístico-discursiva explicita a relação gênero-sexo e possibilita saber a posição que J. ocupa frente à língua, isto é, sua condição de menina, portanto do sexo feminino, portanto do gênero feminino. A explicação da menina sobre a marca de gênero prossegue e reforça a sua posição, ao dar a explicação a sua mãe: “porque reporta é mulher. Que eu não quero ser homem. Eu sou reporta, vai.”

Além desse tipo de “erro”, no artigo *“Dados anedóticos: quando a fala da criança provoca o riso... humor e aquisição da linguagem”*, Figueira (2001) traz episódios

“engraçados”, intitulados anedóticos, de crianças aprendendo a falar o português brasileiro. Nesses episódios, a produção ou a compreensão linguística provoca riso ou surpresa em seus interlocutores. Esse riso seria comparável ao do adulto depois de ouvir um dito espirituoso de outro adulto? A resposta da autora para tal pergunta é negativa, pois a criança está alheia ao efeito cômico produzido por sua fala. No caso do chiste do adulto, cuja posição na língua é diferente, há um reconhecimento desse efeito apesar de o material ser semelhante. Um dos episódios relatados pela autora é de J., quando esta tinha dois anos e oito meses de idade.

J ouve a avó se despedir de alguém, dizendo “Vai com Deus”.

J complementa: Não, vai comigo.

Para a autora, J. toma a expressão “vai com Deus” em sua literalidade, interpretação que não é convergente a do adulto, o que causa um efeito de gracejo. Essa réplica se deve ao fato de a criança ignorar o caráter formulaico da expressão e tratar suas partes constituintes de forma independente.

Os chamados erros previsíveis e imprevisíveis apontam para uma relação material e estrutural dos processos de composição interna da ordem própria da língua, que convoca uma interpretação. Essa interpretação atravessa o sujeito e se caracteriza pelo efeito da fala do adulto na fala da criança e vice-versa, o que denota a posição da criança dentro de um funcionamento linguístico na estrutura da língua.

Antes de fecharmos esta seção, retomemos brevemente o que se procurou refletir até o momento. Discutimos a relação entre *lalangue* e língua materna, a partir de uma hipótese interacionista que inclui o outro como uma instância de funcionamento linguístico. Para isso, consideramos a necessidade de identificação imaginária dos gestos de interpretação da mãe em relação à fala infantil que demarca a captura da criança pela língua que tanto constitui seu psiquismo como a coloca na posição de sujeito. Mostramos que os gestos de interpretação ganham lugar na teorização em aquisição de linguagem quando se trata os episódios a partir de uma relação dialógica e não apenas da palavra ou da sentença. A consequência imediata de tratar os episódios sob a relação dialógica é poder vislumbrar o funcionamento da língua atravessando a criança; movimento que deixa rastros que revelam

sua organização através das relações associativas que a criança faz pela língua materna, figuração de *lalangue*, como um modo singular de produzir equívoco. Trouxemos episódios em que procuramos destacar o modo singular de produzir equívoco, a partir das relações associativas do falante em que há um entrecruzamento de cadeias. Apresentamos trabalhos sobre a noção de erros previsíveis e imprevisíveis, com a finalidade de expor outras vias de interpretação para os erros na fala infantil e que remetem à posição da criança frente à língua materna.

A partir de um sujeito constituído, quais as consequências teóricas do encontro entre a língua materna e a língua estrangeira? Como podemos analisar os episódios classificados como erro em língua estrangeira?

### ***Lalangue*, erros e lapsos entre línguas**

A tentativa de pensar o encontro da língua materna com a língua estrangeira está presente desde nossa pesquisa de mestrado<sup>73</sup>. Naquela época, nosso esforço era diferenciar erro de lapso de língua em língua estrangeira. A questão que perseguimos desde então é compreender o que significa ser falante e aprender uma língua estrangeira, nessa visada, pela inclusão do sujeito da linguagem, cindido pela língua materna e *lalangue*, na produção de erros e lapsos de língua.

A aprendizagem de uma língua estrangeira apresenta diferenças significativas da aquisição da língua materna, uma vez que a língua materna implica a passagem do *infans* para falante. Nessa seção, discutiremos episódios de aprendizes de língua estrangeira, bem como um episódio em que a língua estrangeira atravessa a trajetória da criança na própria língua materna. Como fazer a passagem de uma língua para outra? Ou, como tematiza Heller-Roazen ([2005] 2010) a respeito da dificuldade de adquirir outra língua:

[c]omo seria possível jamais começar a aprender uma “língua” por meio de estudo, se até então se aprendera falar “imitando” [...] sem seguir regras de qualquer espécie”? E, caso se conseguisse aprender uma “segunda” língua dominando os princípios da gramática, tal aquisição não

---

<sup>73</sup> *My clean is dirty*: erro ou lapso? Dissertação de mestrado defendida no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Unicamp, 2002.

teria consequências para aquela que a precedeu? Não é certo que, após terem-se instalado no sistema ordenado de uma gramática estrangeira, os falantes possam retornar completamente ao meio selvagem de sua “primeira fala”. (HELLER ROAZEN [2005] 2010, p. 138, aspas do autor)

Aprender ou adquirir uma língua estrangeira requer vários deslocamentos por parte do falante, pois o faz entrar em contato com outro universo fonético, trilhar diferentes caminhos para construir significações, transformar palavras que inicialmente encontram-se desprovidas de carga afetiva para se expressar, deixar-se levar por uma nova musicalidade, descobrir posições inéditas do sujeito na enunciação. Esses elementos pertencentes à aprendizagem de outra língua desestabilizam a relação do falante com a língua materna, que lhe é aparentemente familiar.

Iniciamos nossa reflexão a partir do contato entre os universos fonéticos, fonte de estranhamento não só porque promovem um reconhecimento da diferença entre letra e som, mas pela percepção de que determinados fonemas da língua a ser aprendida não existem na língua materna. É o caso, por exemplo, do “th” do inglês (seguido de *i*), que geralmente é pronunciado como “s” ou “f” pelo falante de português. Desse modo, quando o falante pergunta “*what do you think?*” (o que você acha?), o verbo “*think*” acaba por ser pronunciado como “*sink*” \ 'sɪŋk\ (afundar) ou “*fink*” \ 'fɪŋk\ (informar, denunciar), mudando o sentido da sentença que o falante pretende enunciar. O “j” no espanhol também possibilita deslizamento de sentidos: se o falante disser “Yo quiero un poco de jamón” (eu quero um pouco de presunto) e pronunciar o “j” como “r” no português, ele estará dizendo “eu quero um pouco de Ramon (nome próprio)”.

Se, por um lado, a pronúncia de fonemas que não pertencem à língua materna do falante se torna um problema, por outro, tentar pronunciar esses fonemas é retornar à liberdade de produzir sons, que à medida que a língua materna se estabelece são esquecidos (cf. HELLER-ROAZEN [2005] 2010). Essa liberdade não é vista por todos os aprendizes como algo positivo: alguns se adaptam e têm sucesso na aprendizagem, mas outros silenciam face à nova língua e não conseguem aprendê-la. O fato é que nesse processo muitas vezes é possível perceber o eco da língua materna que se faz presente, conforme veremos nos episódios a seguir.

Ano retrasado fui ao Canadá e passei uns dias em Toronto, na casa de uns amigos. Era uma manhã de sexta-feira, eu estava de pé às 8h mas sabia que o pessoal iria acordar mais tarde. Resolvi, então, dar uma voltinha pelo bairro e acabei encontrando uma lanchonete. Como ainda não havia comido nada, decidi tomar meu café da manhã lá mesmo. Sentei-me à mesa e aguardei a garçonete. Quando ela me perguntou o que eu gostaria de pedir, disse-lhe “COF, PLEASE”, no que ela imediatamente retrucou com duas tossidas: “COF, COF”. Dei uma risadinha meio sem graça e corrigi: “OKAY: COFEeeeeeeee, PLEASE”. Na manhã do dia seguinte retornei à lanchonete e novamente aguardei a garçonete, que era muito bonita. Quando ela se aproximou, logo me reconheceu. Perguntou-me, então: “WOULD YOU LIKE TO ASK?”, no que retruquei: “YES. WILL YOU MARRY ME?”. Ela riu e respondeu: “NO, THANKS. BUT I CAN BRING YOU SOME COFEeeeeeee...<sup>74</sup>”.

Poderíamos dizer que a troca da palavra *coffee* (café) por *cough* (tosse – substantivo, ou tossir – verbo) se deu pela vizinhança fonética entre \kɒfi\ e \kɒf\, o que sustentou o deslizamento no eixo sintagmático. O fato de o falante de português brasileiro não ter pronunciado a vogal longa no final da palavra *coffee* foi o que deu à garçonete a possibilidade de identificá-lo como estrangeiro, como se pode notar pela sua reação ao tossir; dando a ver o deslizamento ocorrido. Ou seja, a garçonete, como suposta falante nativa de inglês, em vez de interpretar o pedido como um erro ou de ficar presa ao referente, partiu do deslizamento do significante viabilizado pelo efeito de homonímia entre *cough* e *coffee* e tossiu, dando a ver outras possibilidades de significação. A reação da garçonete fez com que o homem percebesse o que havia dito, o que posteriormente o levou a se corrigir.

No decorrer do episódio, o homem retorna à lanchonete e aguarda pela garçonete bonita, que faz a seguinte pergunta: *would you like to ask?* (“você gostaria de pedir?”). Arriscamos dizer, nesse momento, que essa forma de pergunta usando o verbo *to ask*, no lugar daquele que comumente se usa nessa situação, isto é, *to order* (pedir), abriu a possibilidade para o chiste: “*Will you marry me?*” (“você quer casar comigo?”) perguntou o interlocutor. Se partirmos da premissa de que a garçonete fosse um falante nativo, ela teria sobretudo feito perguntas com o verbo *to order*, como por exemplo, *may I take your*

---

<sup>74</sup> Episódio retirado do site: <http://www.teclasap.com.br/blog/category/humor/micos-em-ingles/page/6/>, acessado em 10/01/2011.

*order?, can I take your order?, would you like to order?, are you ready to order?, can I get you anything?, is there something I can get you?*

A pergunta “*would you like to ask?*” (“você gostaria de pedir?”) pode ser compreendida na cena do episódio, mas difere daquelas em que o verbo *to order* é usado. Como verbo, *to order*<sup>75</sup> significa dar uma ordem de maneira que o pedido seja atendido, por exemplo, “*I ordered a drink*” (“eu pedi uma bebida”). O verbo *to ask*<sup>76</sup> é usado para fazer um pedido de algo ou de um favor a alguém, por exemplo, “*Julia asked me a favor*” (“Julia me pediu um favor”), ou “*I asked them to dinner*” (“Eu os convidei para jantar”). Em outras palavras, os dois verbos têm valores distintos em inglês.

No episódio descrito, a pergunta *would you like to ask?* é um ponto de deriva para o qual há uma gama de possibilidades de interpretações. Uma das possibilidades que parece ser a escolhida por um dos interlocutores se faz pelos seguintes enunciados: “*would you ask Lucia out?*” (“você chamaria Lucia para sair?”), supondo um encontro; “*would you ask Lucia?*” (“você perguntaria à Lucia?”) supondo uma solicitação de informação ou permissão a ser dada pela Lucia; “*would you like to ask Lucia to marry you?*” (“você pediria Lucia em casamento?”) Ou “*would you like to ask Lucia*”, elidindo o verbo *marry* para um pedido de casamento.

O interlocutor demonstra familiaridade com a língua inglesa, pois nota o deslizamento de sentidos decorrente da enunciação ao dar uma resposta perguntando se a garçonete quer se casar com ele: “*Will you marry me?*” A garçonete primeiramente ri, fato que denuncia que foi flagrada em sua enunciação, isto é, a escolha lexical para elaborar a indagação “*would you like to ask?*” pode não ter sido ingênua. A segunda reação da garçonete foi a negação seguida pela brincadeira: ela lhe trará em troca o café – marcando a vogal longa da palavra “*coffee*”, indicando que o apagamento anterior da vogal deu origem a nova cena e, conseqüentemente, a outras interpretações.

---

<sup>75</sup> No site do dicionário <http://www.thefreedictionary.com/order>, dentre as acepções para o verbo “*to order*” ressaltamos tratar de dar uma ordem ou instrução para, tradução nossa para “*to give a command or instruction for*”; ou da uma ordem para, pedir para ser fornecido com, tradução nossa para “*to give an order for; request to be supplied with*”.

<sup>76</sup> No site do dicionário <http://www.thefreedictionary.com/order>, dentre as acepções para o verbo “*to ask*” salientamos que se refere a procurar uma resposta para tradução nossa para “*to seek an answer to*”; fazer um pedido de ou para tradução nossa para “*to make a request or for*”; convidar, tradução nossa para “*to invite*”.

Nesse episódio, a interpretação fica aberta em virtude da zona de equívoco em função da homonímia entre “*cough*” e “*coffee*” e da possibilidade de interpretações imposta pela pergunta “*would you like to ask?*”, que nos faz resgatar a reflexão de Saussure sobre o discursivo.

Todas as modificações, sejam fonéticas, sejam gramaticais (analógicas), se fazem exclusivamente no discursivo. Não há nenhum momento em que o sujeito submetta a uma revisão o tesouro mental da língua que ele tem em si, e crie, de espírito descansado, formas novas (por ex. calmamente [ ] (sic) que ele se proponha (prometa) a “colocar” em seu próximo discurso. Toda inovação chega de improviso, ao falar, e penetra, daí, no tesouro íntimo do ouvinte ou no do orador, mas se produz, portanto, a propósito de uma linguagem discursiva. (SAUSSURE [2002] 2004 p. 86-87 – grifos nossos)

A importância dessa reflexão para o episódio aponta para que as alterações da fala sejam compreendidas a partir do discurso em que o ouvinte e o falante têm um papel ativo, segundo supõe Saussure (*op.cit.*), o que abre brechas para que o erro cometido pelo brasileiro seja visto não apenas como um comprometimento fonético. A pronúncia de “*cough*”, ao invés de “*coffee*”, configura um erro denunciado pelo ato de tossir da atendente, que se vale da emergência de uma palavra homófona no enunciado, para expor a posição do falante como aquele que não tem domínio sobre a língua estrangeira. Já a pergunta “*what would you ask?*” desencadeia um outro arranjo discursivo, que permite um improviso do ouvinte a partir da relação dessa pergunta com outras dentro do sistema. A partir do erro na pronúncia da palavra “*coffee*”, o episódio pode ganhar um caráter de chiste pela resposta da atendente. Portanto, reduzir a análise do episódio a uma questão meramente linguística impossibilita incluir o falante na teorização, ao descartar os sentidos produzidos no diálogo que se segue à troca lexical.

Outra passagem que nos interessa trazer para discutir a transliteração entre os sons de uma língua e de outra é o relato de um falante de português, que se encontrava em Paris, e foi pedir um chocolate em um café<sup>77</sup>. A atendente pergunta: “*chaud?*” (quente?). O rapaz, possivelmente pensando que não havia sido compreendido, responde pausadamente: “cho-co-la-te”. Evidentemente, o erro teve origem pela homofonia entre o adjetivo

---

<sup>77</sup> Relatado por Leandro Alves Diniz em comunicação individual.

“*chaud*”, /ʃo/, em francês e a primeira sílaba da palavra chocolate, “cho”, /ʃo/, em português, que levou o rapaz a evocar o restante da palavra em sua língua materna.

Se tomarmos a nomeação ou escolha lexical em língua estrangeira, por exemplo, a ilusão de que há possibilidade de tradução termo a termo é estilizada, pois abre possibilidade para que se veja que a relação do sujeito é com os significantes da língua materna. Isso é o que mostra Saussure ([1916] 2001, p. 134) ao discutir a teoria do valor. Ao comparar as palavras *sheep*, *mutton*, *mouton* e carneiro<sup>78</sup>, Saussure mostra que elas podem ter a mesma significação, isto é, carneiro, mas não têm o mesmo valor. Para o inglês *sheep* refere-se ao animal vivo, mas quando o animal é morto e sua carne é servida, a palavra para designá-la é *mutton*. O mesmo acontece com o porco que se diz *pig*, na língua inglesa, quando vivo, e que, morto, é servido *pork*.

Isso nos interessa, principalmente, para refletirmos sobre o erro que o falante comete quando está aprendendo uma língua estrangeira, pois muitas vezes o aprendiz parte da ideia de que basta achar uma palavra na língua estrangeira correspondente àquela que ele precisaria na língua materna para compor um enunciado. Não estamos afirmando que não há correspondência de palavras entre as línguas – **cão** é em inglês *dog*, em alemão *Hund*, em francês *chien* e em espanhol *perro* – mas que cada língua tem um nome arbitrário para um conceito. Se o falante está submetido a um sistema linguístico, com o qual mantém uma relação de valores, ao aprender outra língua, é necessário haver um deslocamento da relação significante a partir do sistema de valores da língua estrangeira.

Trazemos outro episódio, coletado em aula ministrado no curso de Letras, em que o erro se dá na escrita da língua estrangeira.

A professora escreveu a seguinte atividade na lousa:

“Write down a composition about your first day at college, what has changed, and what you expect to do after being graduated”.

A expectativa era a de que os alunos usassem tempos verbais que remetessem ao passado, presente e futuro. Os alunos dispuseram de uma aula de cinquenta minutos para realização da atividade. Ao término, a professora recolheu as redações para as anotações e

---

<sup>78</sup> *Sheep* e *mutton* (inglês), *mouton* (francês) e carneiro (português).

reescrita na semana seguinte. Durante a leitura dos textos, a professora deparou-se com os seguintes fragmentos: “*My first day went good*”; “*My first day went very good*”; “*My first day went very bad*”.

Após a leitura de vários textos com repetição desses fragmentos, a professora, intrigada, se perguntou como os alunos podiam enunciar “*my first day went (...)*”. Ela já deveria ter identificado logo a origem do erro ao perceber que o enunciado, ao ser traduzido para o português, dá visibilidade à zona de equívoco possibilitada pela transliteração na qual o enunciado seria: “meu primeiro dia foi (...)”.

Na semana seguinte, ao devolver esses textos, a professora perguntou aos alunos qual seria o correspondente em português para o verbo *went* (em *my first day went...*), forma flexionada do verbo *go*. Eles responderam que *go* significava “ir” e *went* significava “foi”. A professora brincou e disse: “nossa! o dia vai para o supermercado, shopping etc?” (“*the day goes to the supermarket, the mall and so on?*”). A partir dessa paráfrase, os alunos notaram não se tratar do verbo “ir”, mas do verbo “ser”.

A professora, no entanto, ainda consternada diante do episódio e da reação dos alunos que não perceberam a homonímia entre os verbos, propôs-se a elucidar a questão ao mostrar-lhes a flexão desses verbos, no tempo pretérito perfeito, como ilustramos a seguir:

Tempo	Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito
	IR	SER
Eu	Fui	Fui
Tu	Foste	Foste
Ele	Foi	Foi
Nós	Fomos	Fomos
Vós	Fostes	Fostes
Eles	Foram	Foram

A flexão dos verbos *ser* e *ir*, no pretérito perfeito, dá lugar a vocábulos classificados como homófonos perfeitos. Isto é, a grafia dos verbos é a mesma, mas os

significados são diferentes. Isso poderia provocar um efeito ao mesmo tempo de surpresa e de estranhamento. A surpresa seria decorrente de haver sentido na transliteração do enunciado “*my first day went good*” no português, língua materna do aluno e do professor. O estranhamento seria em função de não perceber os sentidos promovidos pelo erro na transliteração, que nasce da equivocidade possibilitada pela homonímia, no português entre os verbos *ir* e *ser*. Isso é extremamente interessante na medida em que professores de língua, geralmente, estão atentos à interferência da língua materna no aprendizado de língua estrangeira, mas muitos não se dão conta das zonas de equívoco da língua materna. Nessa passagem, o que deu margem ao erro foi o ato de tradução dos alunos. A tradução é amplamente usada pelo aluno como recurso para a aprendizagem de língua estrangeira, embora o professor sempre alerte para a impossibilidade de haver palavras com sentidos totalmente correspondentes.

Jakobson ([1963] 1992, p.65), no capítulo *Aspectos linguísticos da tradução*, tece interessante discussão sobre o processo de tradução e aponta certo grau de interpretabilidade do tradutor, quando “não há equivalência completa entre as unidades de código”. Entretanto, no episódio apresentado, não se pode dizer que não haja equivalência de unidades entre a língua materna e a língua estrangeira. É justamente pelo fato de haver correspondência entre as unidades que o erro acontece.

Observemos o seguinte exemplo discutido por Possenti (2003), em nota sobre um livro, no qual destacará a diferença entre a homonímia e a polissemia baseando-se nos enunciados: *Which do you prefer: roses on your piano or tulips on your organ?*<sup>79</sup> A homofonia acontece entre os termos *tulips* – *tulipas* que pode ser escutado como *two lips* – dois lábios, e a polissemia no vocábulo *organ*, que seria tanto uma alusão aos órgãos sexuais quanto remeteria ao instrumento musical órgão em um contexto jocoso. A homofonia coloca em xeque a questão da complexidade da unidade linguística, uma vez que a mesma unidade pode se fazer presente em um ato de fala pela relação entre *tulips* e *organ*. Nesse ato de fala, a homofonia é escutada porque *tullips* se articula a *organ*.

---

<sup>79</sup> Qual você prefere: rosas sobre o seu piano ou tulipas sobre o seu órgão?

O conceito de homonímia engloba homofonia e homografia e traz para a cena do jogo linguístico o papel do sujeito que enuncia e do sujeito que escuta, como essenciais na produção de sentidos.

Ao transpormos o episódio de sala de aula relatado acima, para a hipótese de Melman (1992), apresentada no início deste capítulo, entre *saber* e *conhecer* uma língua e compará-la ao exemplo de Possenti, salientamos a distinção de posições subjetivas do falante. Enunciar “*my day went good*” (“o meu dia foi bom”) reforça a posição do falante de conhecer a língua estrangeira. Por outro lado, o exemplo de Possenti sobre o enunciado “*Which do you prefer: roses on your piano or tulips on your organ?*” mostra que a polissemia entre *tulips* e *two lips* é possível pela ação da homonímia, o que permite dizer que se o falante consegue escutar o caráter polissêmico do enunciado, ele está ocupando uma posição de submissão ao funcionamento linguístico, isto é, a posição de saber a língua.

Poderíamos pensar que em situações controladas e dirigidas, isto é, através de exercícios de repetição, as chances de ocorrerem erros ou lapsos de língua sejam menores. Fomos surpreendidos, conforme veremos no episódio seguinte, pela fala de um aluno que cometeu um lapso, sobretudo devido ao pouco conhecimento que possuía na língua estrangeira.

O episódio ocorreu em atividade aplicada a aprendiz em nível básico, em que a professora usou *drills*, isto é, a repetição de uma estrutura linguística que faz substituições de uma categoria a ser explorada e obteve resultados inesperados. Esse tipo de exercício geralmente é utilizado como uma estratégia para a memorização de vocabulário, gramática e apreensão fonética. Em função da dificuldade para pronunciar alguns dos adjetivos, a professora decidiu propor que o aluno usasse a frase: *My street is*, e acrescentasse a ela os adjetivos que ele deveria repetir. Segue parte da aula transcrita.

Professor (P) – *My street is quiet.* (minha rua é calma)

Aluno (A) – *My street is quiet.* (minha rua é calma)

P – *Dangerous* (perigosa)

A – *My street is dangerous.* (minha rua é perigosa)

P- *Clean* (limpa)

A - My street is clean. (minha rua é limpa)

P – Noisy (barulhenta)

A - My street is noisy. (minha rua é barulhenta)

P – Crowded (cheia/ lotada)

A – My street is crowded. (minha rua está cheia/ lotada)

P – Dirty. (suja)

A- My clean is dirty. (meu limpo é/está sujo)

Pausa do professor devido à surpresa com o enunciado feito pelo aluno. Ele (professor), então, retoma a sentença inicial.

P – My street is dirty. (minha rua é/ está suja)

O aprendiz já havia tido contato com os adjetivos *quiet*, *dangerous*, *clean*, *noisy*, *crowded* e *dirty*, em lições anteriores. Embora não se possa afirmar com certeza o que fez com que o aluno produzisse o enunciado “*my clean is dirty*”, não se pode descartar o alinhamento no eixo associativo dos adjetivos *clean* e *dirty*, o que se configura pela relação de oposição entre esses dois itens lexicais. O fato de o exercício ter como função fazer com que o falante substitua os adjetivos não impediu o efeito de deriva do enunciado, que escapa ao falante. Esse efeito de deriva se deu pela inserção do adjetivo “*clean*” na posição de sujeito na frase. Ao se referir à função gramatical do sujeito no discurso, Lyons (1979) cita Sapir e comenta que

[d]eve haver algo sobre que falar e algo a ser dito sobre esse sujeito no discurso (...) O sujeito no discurso é um substantivo” (...) Nessa passagem, Sapir implicitamente define o sujeito como a pessoa ou a coisa sobre que se diz algo e o predicado como o que se afirma sobre essa pessoa ou coisa. (LYONS, 1979, p. 354)

Deve-se ter cuidado ao entender tal afirmação, na medida em que a língua comporta outras formas de expressão que excedem aquelas impostas pela gramática normativa. Se a gramática normativa fosse compreendida como única forma de o falante se expressar, não teríamos alguns tipos de poesia que a subvertem. Não esqueçamos que a

poesia é meio pelo qual os sentidos deslizam e Milner ([1978] 1987) pensa a poesia, ao lado da língua materna, como lugar no qual *lalangue* opera.

Assumindo que há uma interpretabilidade para o enunciado, a sequência: verbo *to be* acrescida pelo pronome possessivo *my* que antecede o adjetivo *clean*, indica que o aprendiz faz uso desse adjetivo para que algo que se refira a ele, sujeito. Entretanto, percebemos que o enunciado vai além do enunciador e revela, para o professor, a divisão entre o sujeito do enunciado e o sujeito da enunciação.

O aprendiz, mesmo com poucos recursos linguísticos na língua estrangeira, produz um deslizamento de sentidos na substituição do vocábulo *street* pelo adjetivo *clean*. Essa substituição implica analogamente operações metafóricas e metonímicas.

(...) a metonímia é a estrutura fundamental em que se pode produzir esse algo novo e criativo que é a metáfora. Mesmo que alguma coisa de origem metonímica seja colocada na posição de substituição (..) isso é diferente de uma metáfora. Numa palavra, não haveria metáfora se não houvesse metonímia. A cadeia em que é definida a posição na qual se produz o fenômeno da metáfora está, quando se trata da metonímia, numa espécie de deslizamento ou equívoco. (LACAN, [1957-1958] 1999, p. 80)

Sendo assim, ao pensarmos em cadeia manifesta e cadeia latente, vemos que houve um cruzamento das cadeias na produção do enunciado. Ou seja, uma vez que se encontrava latente o par de opostos *clean/dirty*, o enunciado mostra que a cadeia latente se sobrepôs à cadeia manifesta através do processo metafórico/metonímico. Nesse enunciado, não podemos dizer que o aprendiz tivesse recorrido a sua língua materna, pois foi na enunciação que algo escapou e nos revelou, de alguma maneira, a criação de uma nova significação.

Podemos observar outro episódio<sup>80</sup> que pode ser interpretado como lapso possibilitado pela homofonia, semelhança fonética e ambiguidade verbal. Trata-se de um diálogo entre professora e aluno que está em grupo avançado, em uma escola de idiomas. O assunto em discussão, durante a aula, era comida e hábitos alimentares. A professora perguntou se a esposa do aluno gostava de carne e ele respondeu:

---

<sup>80</sup> Episódio discutido em Vivacqua (2008)

Aluno – *My wife is a vegetable.*

A professora replica – *I'm sorry.*

O aluno, sob o efeito da réplica da professora, diz: *Oh! She is not a vegetable. She's vegetarian.* Faz uma pausa, ri e enuncia: *Well, sometimes she is a vegetable.*

O enunciado *My wife is a vegetable* é ambíguo, pois poderia ser interpretado como se a esposa do aluno pudesse estar no hospital em estado vegetativo, ou ser compreendido como um desvio provocado pela semelhança fonemática entre *vegetable* e *vegetarian*.

Entretanto, o efeito da escuta do aluno se dá a ver pelo estranhamento da professora ao replicar *I'm sorry*. Esse estranhamento pode ser alcançado ao menos por duas vias. Suponhamos que ela tenha entendido que a esposa do aluno estava no hospital, em estado vegetativo; nesse caso, sua réplica seria um lamento. Por outro lado, se a professora achou que o aluno enganou-se em sua escolha lexical, a réplica seria ouvida como um pedido para que o aluno repetisse o que foi dito. Embora não tenhamos conhecimento da entonação usada pela professora na enunciação (uma vez que essa ocorrência foi relatada em uma conversa informal), o fato é que ela fez com que o aluno se escutasse, já que o estranhamento da professora seja lá como foi ouvido, desdobrou-se na fala dele, ao usar a interjeição “*Oh!*”. Além disso, a sequência foi “*She is not a vegetable*”, uma denegação – em que ele afirma algo que depois é negado, posteriormente, uma correção “*She's vegetarian*”. Outro fato curioso foi o riso do aluno antes de enunciar a frase elíptica “*Well, sometimes, (I can say) she is a vegetable*” e, o efeito de chiste provocado por essa elipse.

Poderíamos supor o lapso através de outro mecanismo do esquecimento que entrou em operação no episódio – “a perturbação de um pensamento pela contradição interna proveniente do recalçado” (Freud 1987:30[1901]). Nesse caso, o que foi distorcido “*vegetable*” estabelece ligação com “*vegetarian*”, pela proximidade no eixo associativo, viabilizando outras possibilidades de significação para um conteúdo de pensamento inconsciente. Esse conteúdo de pensamento inconsciente, até então é encoberto pelo enunciado *My wife is a vegetable*; portanto, o efeito cômico é realçado pela denegação seguida de um assentimento.

O fato de classificarmos os episódios como lapsos merece algumas considerações. Geralmente, um lapso é compreendido como “desvio”, “escorregadela” (a *slip*, em inglês), ou “erro” que se contrapõe a “acerto”. Não seria, portanto, possível abordar um lapso sem que haja um erro. Mas como caracterizar um lapso? Retomamos as seguintes definições:

Um lapso é uma inovação linguística não intencional. (STURTEVANT, 1947, p.38 – grifo nosso)

Um lapso é um desvio involuntário no desempenho corrente fonológico, gramatical ou lexical da intenção do falante. (BOOMER & LAVER [1968] 1973, p. 123 – grifo nosso)

O uso dos vocábulos “não intencional” e “involuntário”, que caracterizam um lapso, remeteria a um fenômeno linguístico que não depende do falante? É importante salientar que tanto erro quanto lapso estão inseridos em um funcionamento linguístico e obedecem a determinados princípios da língua na qual se manifestam. Lembremos que Meringer (1895) notou que além da interferência dos sons, havia algo de outra ordem que causava os lapsos. Se compreendermos que o erro seria um desvio, podemos admitir que o lapso seria o cruzamento entre cadeias discursivas que permitem uma significação, seja pela substituição lexical por uma palavra inadequada, seja pela construção sintática de um enunciado. Nesse sentido podemos interpretar o caráter “involuntário” e “não intencional” do lapso como uma irrupção do pensamento latente que excede a intenção do falante.

De acordo com Freud, a formação de um lapso acontece pela emergência de elementos do conteúdo latente (inconsciente) no enunciado, que aparece junto, mesclado, entremeadado aos elementos manifestos, graças a um processo que o autor chama de *condensação*. No caso em que há a substituição de um elemento por outro com o qual guarda alguma relação semântica ou fonológica, temos outro processo que o psicanalista nomeia *deslocamento*, que não se dá por uma escolha consciente do falante, mas obedece a leis de funcionamento psíquico inconsciente.

Em todos os episódios (Julianne Moore, *my clean is dirty, my wife is a vegetable*) configurados como lapso observamos o funcionamento de *lalangue* operar pelo

entrecruzamento de cadeias, de modo a possibilitar outras interpretações para os episódios que ultrapassam a noção de erro.

Embora algumas metodologias do ensino de línguas se esforcem por aproximar a aprendizagem da língua estrangeira às condições de aquisição de língua materna, esse retorno às origens é imaginário, pois o falante já constituído não pode voltar à condição de *infans* (cf. REVUZ [1992] 1998, p.215). Lembremos que antes de produzir qualquer som, a criança já se encontra imersa em universo de linguagem. Isso não quer dizer, contudo, que a subjetividade do aprendiz, seja criança ou adulto, não sofra efeitos do contato com a língua estrangeira.

É o que podemos encontrar em um relato que não diz respeito a uma experiência de aprendizagem formal de línguas, mas de atravessamento da língua estrangeira na trajetória da criança na própria língua materna. Como se daria esse encontro da criança com uma ‘língua outra’ no decorrer de sua trajetória como falante do Português Brasileiro?

Para levar adiante tal discussão, nos propomos analisar as notas preparadas por Pereira de Castro sobre a exposição de Laura à Língua Estrangeira. Na época (1998) Laura tinha dois anos e onze meses e fora morar com os pais em Paris.

Ao longo do percurso entre o aeroporto e o apartamento onde a família moraria, Laura escuta a avó ler o nome de uma rua: “Rue Averno”. Intrigada com o que a avó tinha lido, ela pergunta sobre o que havia sido dito e tenta reproduzir o que ouviu “aglu, hui...”, comentando a seguir: “porque eu num sei falá?”. No mesmo dia, a criança observa uma senhora que falava em francês e comenta “blá, blá, blá”. No segundo dia, Laura já ensaia suas primeiras palavras na língua estrangeira usando uma entonação ascendente para dizer “ça y va?”, como se fosse uma pergunta em francês, talvez por já ter ouvido algumas pessoas usarem a expressão “ça va?” (“tudo bem?”). Nos dias subsequentes, Laura já consegue dizer “bon jour” e não se acanha em falar português com as crianças francesas, pois já passa algumas horas na escola. A posição de Laura frente a sua língua já a faz reconhecer que a língua que ela escuta não é a sua. Entretanto, o fato de se tratar de uma língua estrangeira não a impede de, através de tentativas de reproduzir os sons do francês,

se relacionar com as outras crianças. A sonoridade da língua francesa ronda o universo da criança que dá os seus primeiros passos para falar outra língua.

Depois de cinco dias de sua chegada a Paris, Laura vai brincar na pracinha, cercada de crianças francesas e estrangeiras. A avó, em certo momento, pergunta o nome de algumas meninas que estão por perto. Uma das meninas também se chama Laura, que na pronúncia francesa, se ouve “Lorrá”. Laura fica encantada com a coincidência de a menina ter o mesmo nome dela e pergunta à avó se não é verdade que ela também se chamará “Lorrá”. Observe-se que antes de partir para a França, a família comenta com Laura que ela será chamada pelos franceses de Lorrá, fato que a aborrece, provocando uma reação a essa possibilidade. Entretanto, como se observa por esse episódio narrado já estão em funcionamento a identificação coletiva entre Laura e as crianças. O que antes havia sido motivo de aborrecimento agora é de identificação. A avó explica que a menina nasceu na França e, por isso, se chama “Lorrá”. Laura então pergunta: “Eu também não nascê na França?”.

Nessa passagem, a identificação de Laura com “Lorrá” tem origem no nome próprio, que na sua forma escrita – Laura – é igual, mas cuja pronúncia, na língua francesa – Lorrá –, é diferente. Além disso, Laura faz uso do advérbio “também” e da negativa em sua réplica à avó, o que parece mostrar a sua tentativa linguística de pertença a um país.

Outra passagem que trazemos do diário ocorre no seguinte contexto: a mãe de Laura diz que elas irão visitar o Museu D’Orsay, pronuncia-se [ɔʁsɛ]. Laura dirige-se à amiga da mãe e fala: “nós vamos no museu do céu”. A necessidade de atribuir sentidos ao enunciado pode ser notada pela aproximação entre “D’Orsay” e “do céu” possibilitada pela junção da preposição em francês “de”, que sofre uma elipse quando colocada junto ao nome “Orsay”, iniciado por uma vogal, permitindo assim escutar a preposição “do”, em português. Além disso, houve também a proximidade entre parte dos fones da palavra “Orsay”, [ɔʁsɛ], em francês, para “céu”, [sɛw], em português.

Em outro episódio, Laura pede à mãe: “põe *la* calcinhá em mim?”. Possivelmente, Laura já escutara o artigo “*la*” em alguns enunciados como, por exemplo, “*la maison*”, “*la capitale*”, artigo definido feminino que precede um substantivo feminino,

em francês. Laura o introduz em seu enunciado, em substituição ao artigo definido feminino “a”, que também precede os substantivos femininos, em português.

Nesse trânsito entre as línguas, vemos o funcionamento de *lalangue* operar pela homofonia, seja pela proximidade entre os fones em “D’Orsay” e “do céu”, de modo a construir sentidos a partir de sua língua materna, ou pela introdução do fonema [l] para constituir o artigo definido feminino “la” para se remeter ao substantivo feminino “calcinha”, mostrando uma tendência da acentuação da língua francesa em que a sílaba tônica geralmente é no final ao pronunciar “calcinhá”, o que aponta para o início da contaminação da língua francesa na língua materna de Laura. Em outras palavras, ela não cria obstáculos para o atravessamento dos sons e palavras da língua francesa em sua língua materna. Ao tratar da fronteira movediça entre a língua materna e as línguas outras e das contaminações que pesam sobre a língua materna, Melman afirma que

Do ponto de vista linguístico, nada se opõe à penetração de uma língua por outra língua (...). Por outro lado, o inconsciente não cria nenhum obstáculo à mixagem das línguas. Pode reter em seu seio palavras, locuções, fragmentos inteiros de discurso tomados de uma língua da infância que em seguida tornou-se estrangeira. O inconsciente não é nacionalista, nem xenófobo. (MELMAN, 1992, p.16)

Finalmente, nossa atenção se volta ainda para um diálogo encenado por Laura com breves enunciados em francês. No momento em que se encontra respondendo a *e-mails*, a mãe percebe que Laura enuncia algumas frases enquanto brinca sozinha: “ça va Laura?” (tudo bem, Laura?), “comme s’appelle?” (como se chama?). A primeira frase “ça va, Laura?” (tudo bem, Laura?) é falada como se fosse dirigida a ela, ouvinte. Já a pergunta “comme s’appelle?” (como se chama) poderia tanto ser dirigida a Laura como feita por ela a outra pessoa. Nesse diálogo a menina é falante e interlocutora. Esse “falar sozinha” mostra o movimento de Laura ao ocupar várias posições enunciativas forjando uma alteridade constitutiva do diálogo, encarnando um outro, a quem se dirige em francês. Horas antes, Laura havia saído com a mãe, esbarra em uma senhora e fala baixinho “padon”, elidindo o “r” da interjeição “pardon”, interjeição que se aproxima de “perdão”, também usada por alguns falantes do português de determinada geração para se desculpar o que Laura certamente desconhecia.

Antes de fecharmos esta seção, é importante salientar alguns aspectos que procuramos discutir em relação à aprendizagem formal ou informal de língua estrangeira. Mesmo que haja uma tentativa de controlar a aprendizagem de outra língua, conforme discutimos nos episódios *my clean is dirty* e *my wife is a vegetable*, há algo que escapa ao falante já submetido a um funcionamento linguístico.

Mesmo que o falante tenha como apoio a língua materna, conforme visto nos episódios *my first day went good* e *coffee*, os efeitos de *lalangue* operam sobre o erro dando a ver a o deslizamento de sentidos. No episódio *my first day went good*, o erro aponta para a homonímia na flexão dos verbos *ir* e *ser* e, sobretudo, para o apagamento da diferença de sentido entre os verbos, o que denota que não há um monitoramento do falante sobre seus enunciados, conforme advogam alguns dos autores apresentados no primeiro capítulo desta tese. No episódio *coffee*, o erro provém também de uma homonímia parcial entre os substantivos *coffee* e *cough*, abrindo possibilidade para se pensar o ponto de deriva e deslizamento de sentido no prosseguimento do diálogo.

Compreender a língua como mero instrumento de comunicação é um engano, mesmo que essa língua seja estrangeira. A subjetividade do falante sofre efeitos do contato com a língua estrangeira, como assinalamos nas passagens em que Laura se confronta com o francês como língua estrangeira. Nesse episódio, procuramos mostrar como *lalangue* vai pouco a pouco operando nos enunciados da fala infantil, levando a criança a incorporar fragmentos da língua estrangeira.

As considerações que fazemos a partir dos episódios e passagens apresentadas referem-se ao movimento do falante entre línguas que ora podem resultar em erro, ora em lapso pelos rastros deixados pela língua materna. O nosso esforço foi no sentido de mostrar que, contrariamente ao que se pensa, não há reprodução na língua estrangeira, *lalangue* opera nos erros e lapsos de língua na língua estrangeira. A homonímia parece assim servir a dois propósitos: a produção de erros e de lapsos e a função de captura da língua estrangeira, no caso de Laura. A crítica que nos cabe é a de que a aprendizagem de língua estrangeira, apesar de compreendida por muitos estudiosos como consciente, também é permeada por um funcionamento linguístico que escapa ao falante, mas ao qual ele está submetido. A nossa pesquisa mostra a necessidade de incluir a noção de sujeito falante para a teorização,

uma vez que ele emerge através de *lalangue* nos erros e lapsos de língua. Nesse sentido, corroboramos a hipótese da psicanalista Christine Revuz de que “aprender uma língua é sempre, um pouco tornar-se um outro” (REVUZ [1992] 1998, p.227). Um outro diferente daquele da língua materna, mas que mantém uma ligação íntima com a língua que o funda.

No próximo capítulo, apresentaremos a fundamentação teórica de Freud sobre os lapsos de língua a fim de compreendermos de que maneira a noção proposta pelo autor se separa ou se aproxima daquela advogada pelos linguistas.



### Capítulo III - Lapsos de língua sob a perspectiva psicanalítica

No primeiro capítulo deste trabalho abordamos o erro como fator de mudança linguística operada pela analogia. Em seguida, apresentamos as pesquisas em Linguística sobre erro e lapso de língua, que têm como ponto de partida o trabalho de Meringer (1895), em co-autoria com Mayer, intitulado *Versprechen Und Verlesen: Eine Psychologisch-Linguistische Studie*. A partir do corpus de mais de 8.000 erros, Meringer extrai as seguintes conclusões: 1) os erros de fala não são aleatórios, há regras que os governam; 2) a palavra é a unidade da fala; 3) as palavras podem ser divididas em componentes estruturais que diferem das suas representações internas; 4) todos os falantes produzem erros da mesma maneira. Esse *corpus* e a reflexão do filólogo serviram de base tanto para estudos no campo da psicolinguística como para Freud, como já mencionamos na primeira parte de nossa reflexão. Os linguistas, citados no primeiro capítulo, filiam-se à hipótese de Meringer e usam a expressão “lapso de língua” para se referir a um erro tomado como uma falha no processo de monitoramento, ou seja, em um processo consciente, ou parcialmente consciente, que se opõe à teoria freudiana. Nessa concepção, um lapso de língua também remete a uma falha, mas a uma falha no funcionamento do que Freud nomeou aparelho psíquico e que inclui a hipótese de uma instância do inconsciente.

No segundo capítulo abordamos o erro como vestígio da trajetória da criança na linguagem, a partir do quadro teórico da aquisição da linguagem. Nesse processo, assinalamos a maneira como a criança é capturada pela linguagem em uma relação dialógica assimétrica (cf. DE LEMOS, 1992). Convocamos os trabalhos de Milner e Pereira de Castro, que partem do conceito lacaniano de *lalangue* para tratar a língua materna a partir de seu traço de incomensurabilidade, isto é, a constituição de um sujeito. Nesse sentido, considerada na sua função de constituição de falante, sempre dividido entre língua e *lalangue*, a língua materna não pode ser comparada a outras línguas (cf. PEREIRA DE CASTRO, 2006).

Apesar de vários autores tomarem determinadas ocorrências da fala da criança como “erros”, isto é, como uma forma de distanciamento da fala do adulto, essa denominação ganha outras dimensões quando apresentamos ou empreendemos a (re)análise de alguns episódios de fala infantil. Procuramos mostrar a homonímia como operadora de

equivocos nos chamados “erros previsíveis” e nos “erros imprevisíveis”, que podem ocorrer na língua materna e no contato com outras línguas. As zonas de equívoco nos mostram a posição do sujeito na língua e, na língua materna permitem que vejamos/escutemos os deslocamentos da criança ao ser capturada pela língua(gem). Nesse processo, os “erros” cometidos por ela revelam-se singulares e, posteriormente, quando ela ocupa a posição de falante, são esquecidos. No contato entre línguas diversas, aprendidas posteriormente, o sujeito já é falante, portanto, os “erros” não são da mesma natureza daqueles que ocorrem na língua materna. Em outras palavras, ao aprender uma língua estrangeira, o sujeito é marcado pela anterioridade lógica da língua materna, e é possível reconhecer que o erro na língua estrangeira geralmente é causado pelas aproximações semânticas e fonológicas entre essa língua e a língua materna. O fato de haver essa distinção, no entanto, não significa que não possa haver lapso em língua estrangeira, mas o lapso na língua estrangeira remete, de um modo ou de outro, à posição do sujeito falante na língua materna.

Neste capítulo, apresentaremos uma fundamentação teórica sobre os lapsos de língua construída a partir do percurso de Freud, que os concebe como uma manifestação do funcionamento do inconsciente. Os estudos sobre as afasias<sup>81</sup> são precursores da teorização sobre os fenômenos da linguagem, dentre eles, os lapsos de língua. Partimos, assim, de “*Para uma concepção das Afasias – um estudo crítico* ([1891] 1979)<sup>82</sup>, texto fundamental para compreendermos os postulados que precedem o que virá a ser a noção de inconsciente e suas manifestações na obra freudiana. Esse percurso teórico nos interessa para compreendermos como se constituem as noções de erro e de lapso, questão central de nossa tese.

## **A concepção de aparelho psíquico em Freud**

Nas *Conferências Introdutórias* ([1916-1917] 1987), Freud faz também uma retrospectiva sobre as afasias e afirma que:

Nada se conhece da origem, do mecanismo ou das mútuas relações dos sintomas dos quais se compõem essas entidades clínicas; ou *não* há

---

<sup>81</sup> O termo afasia é usado como distúrbio da linguagem.

<sup>82</sup> Trabalhamos com a edição portuguesa de *A interpretação das afasias: um estudo crítico* publicada em Lisboa, em 1979.

alterações observáveis, no órgão anatômico da mente, que correspondam a esses sintomas, ou há alterações nada esclarecedoras a respeito deles. Esses distúrbios mentais apenas são acessíveis à influência terapêutica quando podem ser reconhecidos como efeitos secundários daquilo que, de outro modo, constitui uma doença orgânica.

Essa é a lacuna que a psicanálise procura preencher. Procura dar à psiquiatria a base psicológica de que esta carece. Espera descobrir o terreno comum em cuja base se torne compreensível a consequência do distúrbio físico e mental. (FREUD [1916-1917] 1987, p. 11- 12)

Essa é a tônica do texto *Para uma concepção das Afasias (op.cit)*, cujo objetivo é apresentar, através de casos clínicos, uma proposta que incluía a “psicologia<sup>83</sup>” e uma noção distinta de memória na formação do aparelho psíquico, que difere dos caminhos que *a priori* a consciência oferece. É necessário ressaltar que a psicologia representava, para Freud, a possibilidade de rebater uma tendência de autores da época: a de atribuir aos acontecimentos psíquicos uma localização cerebral. Apesar de não incluídos nas *Obras Psicológicas*, esse estudo e a *Carta 52* ([1896] 1987) de Freud para Fliess são textos essenciais para compreender os postulados que antecedem a construção da hipótese sobre o inconsciente.

No texto sobre as afasias, Freud se propõe a revisar dois pressupostos que embasavam os estudos da época: o primeiro é o da diferenciação entre as afasias causadas pela destruição de centros e aquelas causadas pela destruição de caminhos; o segundo remonta à relação ‘topográfica’ entre os centros individuais da fala. Ao questionar o primeiro pressuposto e aceitar parcialmente o segundo, Freud rompia com as tentativas de explicar os distúrbios da fala por meio de uma referência direta à localização cerebral. Tendo como ponto de partida a revisão das pesquisas de outros neurologistas, e sob influência de filósofos como J.S. Mill e do neurologista J. Hughlings-Jackson, Freud pretende propor outra via para o entendimento das afasias. Esses distúrbios da fala foram denominados por Freud *Fehlleistung*, termo traduzido para o português como *parafasia*<sup>84</sup>. Freud define parafasia como “(...) uma perturbação da linguagem em que a palavra

---

<sup>83</sup> No volume 1, nas *Obras psicológicas* de Freud, no início do texto sobre o relatório dos estudos de Freud em Paris e Berlim, datado de 1886, o editor ressalta o desvio dos interesses científicos de Freud da neurologia para a psicologia. Ademais, não podemos esquecer outra importante obra do autor intitulada *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895. O termo psicanálise começa a circular no discurso acadêmico a partir de 1914 (cf. HOUAISS)

<sup>84</sup> O termo parafasia pode ser encontrado na versão portuguesa e nas *Obras Completas*.

apropriada é substituída por uma outra não apropriada que tem no entanto uma certa relação com a palavra exacta [sic]”<sup>85</sup> (FREUD [1891] 1979, p. 35).

Assim, era possível encontrar, nesse tipo de fenômeno, o enunciado “minha visão está óptica!”<sup>86</sup> ao invés de “minha visão está ótima”. Contudo, ao comparar pessoas saudáveis com pessoas que haviam sofrido algum tipo de lesão neurológica, Freud acrescenta que

a parafasia observada em alguns doentes não se distingue em nada daquela troca ou mutilação de palavras que quem é saudável pode encontrar em si próprio em caso de cansaço ou de atenção distraída ou sob a influência de estados afectivos [sic] que o perturbam (...).(FREUD [1891] 1979, p. 35)

Como explicar o fato de os sujeitos não-afásicos produzirem enunciados semelhantes àqueles dos afásicos? Freud reconhece nessa semelhança entre enunciados de falantes afásicos e trocas lexicais em enunciados de sujeitos não-afásicos uma brecha nas teorias localizacionistas. Considerando a atenção, os estados físicos – como o cansaço – e os estados psicológicos – como a tensão, Freud afirma que se deve “(...) considerar a parafasia na sua vasta concepção como um sintoma puramente funcional, como um sinal de funcionalidade reduzida do aparelho associativo da linguagem” (FREUD [1891]1979, p. 35).

Abordar as perturbações da linguagem por uma perspectiva funcional interroga a hipótese que explica o distúrbio como causado por uma lesão. Essa posição é extremamente importante para problematizar o que é da ordem do patológico e o que é da ordem de um funcionamento do aparelho da linguagem. Esses primeiros passos, permitem que, posteriormente, Freud reflita sobre a ocorrência dos lapsos de língua como “um estágio preliminar das chamadas “parafasias” que surgem em condições patológicas” ([1901] 1987, p. 60), e os discuta a partir dos processos de associação, que discutiremos adiante<sup>87</sup>.

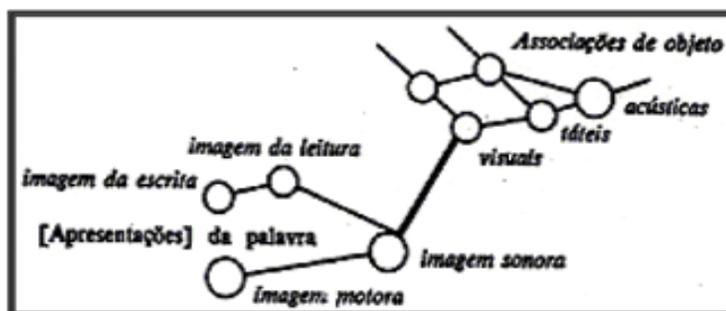
---

<sup>85</sup> No texto freudiano encontramos os termos parafasia e parapraxia. O termo parafasia é um termo geral que se refere aos problemas de linguagem. O termo parapraxia refere-se a um problema na ação articulatória.

<sup>86</sup> Exemplos retirados de Rapp (2003, p.1).

<sup>87</sup> Em um primeiro momento, é possível aproximar o que Freud chama de associação, no tratamento das afasias, às “relações sintagmáticas” e “relações associativas” postuladas por Saussure ([1916] 2001, p. 142-143) no *Curso de Linguística Geral*, e a dupla operação apontada por Jakobson ([1963] 1992) para descrever o fenômeno da afasia: a

O fenômeno das parafasias permite a Freud observar que não há uma relação de correspondência direta entre o ponto inicial (a lesão) e o ponto final (o distúrbio). A proposta de Freud é que se observe a passagem e a possível modificação de uma excitação ou um estímulo para uma representação, tendo em vista o aparelho de linguagem como campo complexo e dinâmico de associações, no qual estão inseridos os elementos acústicos, óticos e motores, de que se constituem as representações. O autor, portanto, se propõe a separar o que é psicológico do que é anatômico e recorre à psicologia, cuja “unidade da função de linguagem” (FREUD [1891] 1979, p. 67) é a palavra; uma representação complexa, composta de elementos acústicos, visuais e motores e apresentada por Freud como um “esquema psicológico de representação-palavra e associações de objeto”:



(vol. XIV 1998:221)

A representação não é compreendida como uma simples reprodução do objeto externo, nem tampouco seu sentido deriva desse objeto, mas da relação que as várias representações estabelecem umas com as outras. A representação-palavra se dá em sua ligação com as associações de objeto, por meio da imagem acústica; a representação-objeto se refere a um complexo associativo decorrente de impressões sensoriais, demonstrado no esquema como aberto. Isso ocorre em consequência de uma excitação (estímulo externo) que, através da percepção, produz uma sensação que é imediatamente associada a uma representação. A recorrência das excitações e os diferentes efeitos que ocorrem durante

---

seleção e a combinação de unidades linguísticas. Para este linguista, os distúrbios afásicos se constituem em torno da metáfora (distúrbio da similaridade) e da metonímia (distúrbio da contiguidade). Esses processos linguísticos são relacionados por Jakobson à elaboração freudiana sobre o material onírico, cujos mecanismos básicos são os processos de condensação e deslocamento. Contudo, a associação da condensação à metáfora e do deslocamento à metonímia é uma retomada de Lacan ([1957-1958] 1999).

esse processo aparecem como imagens mnêmicas. Ressaltamos que o processo descrito não obedece a uma ordem cronológica, mas a uma simultaneidade, pois não há como separar sensação e associação. Portanto, o conjunto dos processos associativos relativos à linguagem é o que se constitui para Freud como aparelho de linguagem, cujo estatuto é dinâmico.

Nesse estudo, Freud observa que há uma ordem de importância na perda das capacidades de expressão na língua e verifica que todas as atividades da linguagem localizam-se nas mesmas áreas da primeira língua. Isso quer dizer que se o sujeito aprende outras línguas, elas estarão nas mesmas áreas da primeira língua aprendida. Desse modo, o afásico perderia primeiro o que é mais trivial, por exemplo, a habilidade de falar uma língua estrangeira, enquanto a língua materna permanece preservada. Ao discutir a aprendizagem de outras línguas, ele menciona que

(...) a capacidade linguística adquirida em primeiro lugar pode sobreviver de modo relevante mesmo em relação à mais bem exercitada. Mas nunca se encontra uma relação explicável com uma localização diferente e com os dois momentos funcionais já adoptados [*sic*]. Evidentemente, as associações da língua com que trabalha a nossa capacidade linguística são capazes de uma *superassociação* e nós damos-nos claramente conta deste processo porquanto só com dificuldade executamos as novas associações, pelo que o *que é superassociado é danificado antes do associado primário, em todo o lado onde existe lesão*. (FREUD [1891] 1979, p. 61 – itálico do autor)

De modo a avaliar a função da linguagem em condições patológicas, Freud propõe considerar a formulação de Hughlings-Jackson, segundo a qual

Em todos os casos perder-se-á portanto uma ordem associativa superior desenvolvida sucessivamente e permanecerá uma mais simples, adquirida anteriormente.

A partir deste ponto de vista, explica-se uma grande quantidade de manifestações de afasia.

- 1) Antes de mais, a perda de novas aquisições linguísticas enquanto superassociações com conservação da língua mãe na sequência de uma qualquer afecção [*sic*] do aparelho de linguagem. Além disso, explica-se assim a natureza dos restos da linguagem no caso de afasia motora em que tantas vezes ficam à disposição do doente apenas o

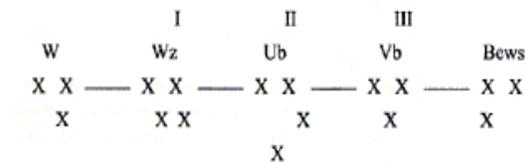
<<sim>> e o <<não>> e outras palavras usadas desde quando a fala teve início. (FREUD [1891] 1979, p. 80)

Freud usa, portanto, a formulação de Hughlings-Jackson como suporte à hipótese de que em todos os casos o falante afásico perde primeiro as associações que são posteriores àquela que foi adquirida anteriormente.

A formulação sobre o aparelho de linguagem fundamentará o modelo de aparelho psíquico, apresentado pelo autor na *Carta 52*, datada de 06 de dezembro de 1896, trabalho fundamental da obra freudiana, que dialoga tanto com o *Projeto para uma psicologia científica* (1895), como também com a *A Interpretação dos sonhos* (1900). É nessa carta que Freud faz a passagem de um modelo neurológico, desenvolvido no *Projeto para uma psicologia científica*, para a formulação de um modelo teórico do aparelho psíquico, no qual grande parte da formação da imagem mnêmica é separada da consciência.

Para entender o percurso trilhado, retomamos o *Projeto para uma psicologia científica* (1895), no qual Freud formula a hipótese de um aparelho neurológico composto por três sistemas ordenados como: sistema de percepção, sistema de memória e o sistema responsável pela produção das qualidades sensoriais, segundo o qual a memória precederia a consciência.

Essa hipótese é retomada por Freud, na *Carta 52*, em que afirma haver pelo menos três registros referentes à memória, conforme figura abaixo:



*W* [*Wahrnehmungen* (percepções)] são os neurônios em que se originam as percepções, às quais a consciência se liga, mas que, nelas mesmas, não conservam nenhum traço do que aconteceu. Pois a consciência e a memória são mutuamente exclusivas.

*Wz* [*Wahrnehmungszeichen* (signo de percepção)] é o primeiro registro das percepções; é praticamente incapaz de assomar à consciência e se dispõe conforme as associações por simultaneidade.

*Ub [Unbewusstsein (inconsciência)]* é o segundo registro, disposto de acordo com outras relações (talvez causais). Os traços *Ub* talvez correspondam a lembranças conceituais; igualmente sem acesso à consciência.

*Vb [Vorbewusstsein (pré-consciência)]* é a terceira transcrição, ligada às representações verbais e correspondendo ao nosso ego reconhecido como tal. As catexias provenientes de *Vb* tornam-se conscientes de acordo com determinadas regras; essa *consciência secundária do pensamento* é posterior no tempo e provavelmente se liga à ativação alucinatoria das representações verbais, de modo que os neurônios da consciência seriam também neurônios da percepção e, em si mesmos, destituídos de memória.

Apesar de a composição do aparelho apresentar quatro registros, há apenas três registros de memória, a saber, *Wz [Wahrnehmungszeichen (signo de percepção)]*, *Ub [Unbewusstsein (inconsciência)]* e *Vb [Vorbewusstsein (pré-consciência)]*. Os dois primeiros – *Wz [Wahrnehmungszeichen (signo de percepção)]* e *Ub [Unbewusstsein (inconsciência)]* – são inconscientes, e o terceiro registro – *Vb [Vorbewusstsein (pré-consciência)]* – remete à representação-palavra e à associação de objeto. Ou seja, as representações-objeto só atingirão o registro pré-consciente se ligadas às representações verbais.

Freud conseguiu chegar aos dois registros inconscientes após estudo de casos clínicos, nos quais observou uma defesa patológica contra um traço de memória de uma fase anterior. Sua hipótese é a seguinte:

o mecanismo psíquico formou-se por um processo de estratificação: o material presente em forma de traços de memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo segundo novas circunstâncias – a uma retranscrição. (FREUD [1896] 1987, p. 317)

Segundo Freud, o que há de novo na sua hipótese é o fato de a memória não se fazer presente de uma só vez, mas se desdobrar em vários tempos, ao longo de diversas vezes, com diferentes “tipos de indicações” (FREUD [1896] 1987, p.208). O aparelho psíquico, nessa perspectiva, é um aparelho de memória complexo, composto por “retranscrições” das inscrições, de tal modo que o traço mnêmico sofre reordenações. A memória não é, portanto, apresentada como um lugar no aparelho, mas como uma rede de associações e “retranscrições”.

Nesse funcionamento, os sucessivos registros representam a realização psíquica de épocas sucessivas da vida e na fronteira entre essas épocas deve ocorrer uma tradução do material psíquico, cuja retranscrição inibe a anterior. Contudo, há a possibilidade de que a tradução não ocorra em todo material psíquico, isto é, que haja uma falha na tradução. Essa falha é reconhecida clinicamente como “recalcamento”, processo de defesa do aparelho psíquico contra lembranças que causam desprazer em uma tradução. A parte do material mnêmico que não foi traduzida, isto é, os traços que foram recalcados, permanecem na memória e poderão dar sinais distorcidos de sua existência, sob a forma de lapsos, chistes e sonhos<sup>88</sup>.

O que procuramos configurar nessas primeiras páginas deste capítulo foi o desenvolvimento teórico de Freud sobre a concepção inicial de um aparelho de linguagem, a partir do qual a palavra deve ser compreendida como um complexo processo associativo, entre representação-palavra e associação de objeto. Em seguida, nos detivemos na hipótese de um ‘aparelho neurológico’ composto pelo sistema de percepção, sistema de memória e o sistema responsável pela produção das qualidades sensoriais (cf. *Projeto para uma psicologia científica*, 1895). Essa hipótese dá subsídios para Freud conceber um ‘aparelho psíquico’, caracterizado na primeira tópica, por uma organização dividida em três sistemas: o inconsciente (Ics), o pré-consciente (Pcs) e o consciente (Cs). Nessa formulação, o aparelho psíquico se forma por um processo de estratificação, no qual os traços de memória são concebidos como inscrições que podem sofrer retranscrições, o que os leva a reordenações. A memória seria, portanto, um resultado de um processo de associações de linguagem, pois, desde a hipótese sobre o aparelho de linguagem, Freud menciona que a percepção produz uma sensação que sofre imediatamente associações (cf. *Carta 52*, [1896] 1987). Os deslocamentos teóricos de Freud entre as diversas hipóteses sobre o aparelho nos mostram a imperiosa tarefa de considerar o conceito de inconsciente no tratamento da questão relativa a erros e lapsos de língua, lidos agora através de uma hipótese sobre o funcionamento psíquico.

---

<sup>88</sup> Exemplos podem ser encontrados nos livros *A interpretação dos sonhos* e *A psicopatologia da vida cotidiana*.

## Os lapsos e o erro na teoria freudiana

Dez anos após *A interpretação das afasias: um estudo crítico*, Freud publica *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* ([1901] 1987)<sup>89</sup> dedicando-se nele, de forma detalhada, ao estudo dos esquecimentos, lapsos de língua, equívocos na ação, superstições e erros. Esse livro é essencial, uma vez que ele nos dará subsídios teóricos para encaminhar nossa hipótese de que erro e lapso podem ser pensados em relação ao funcionamento de *lalangue*, e examinar como Freud faz a distinção entre esses fenômenos.

No primeiro capítulo sobre o esquecimento de nomes próprios, Freud retoma o artigo *O mecanismo psíquico do esquecimento*, publicado em 1898, para discutir quando a memória, entendida como função psíquica, “se recusa a funcionar” (FREUD [1901] 1987, p.19). No esquecimento temporário de nomes próprios, Freud chama a atenção do leitor para o fato de esses nomes não serem apenas esquecidos, mas também, muitas vezes, lembrados erroneamente, por meio dos denominados nomes substitutos. Ou seja, o processo para recuperar a reprodução de um nome esquecido é deslocado, conduzindo assim a um substituto incorreto. A sua hipótese seria a de que o nome substituto estabelece uma ligação com o nome substituído, obedecendo ao seguinte funcionamento: esquecimento, supressão, associação entre o nome suprimido e o que é lembrado, seja por meio de uma relação interna ou externa ligada ao material psíquico.

Para encaminhar essa discussão, Freud traz o exemplo do esquecimento do nome *Signorelli*, pintor dos afrescos das “Quatro Últimas Coisas” na catedral de Orvieto. Em sua tentativa de se recordar o nome *Signorelli*, dois outros nomes de pintores lhe vinham ao pensamento: *Botticelli* e *Boltraffio*, nomes que lhe soaram como substitutos. Antes, contudo, de iniciar sua análise, Freud relata o contexto, que inicialmente se apresentava como elemento sem importância, para explicar como esse esquecimento aconteceu. Ele viajava em companhia de um estranho para um lugar na Herzegovina e quando o assunto se volta para viagens na Itália, Freud pergunta se o seu companheiro de

---

<sup>89</sup> Na introdução a esse livro o editor da versão inglesa, versão esta que foi traduzida para o português, alerta que a primeira tradução para o inglês foi feita por Brill, em 1914, a partir da versão publicada em 1912. Nesta versão, Brill omitiu todos os exemplos que continham termos impossíveis de traduzir para o inglês e inseriu diversos exemplos próprios que ilustravam pontos semelhantes àqueles omitidos. Essa iniciativa do autor foi aceita por Freud que, em edições posteriores à edição alemã, acrescentou outros exemplos. As alterações realizadas por Brill não foram assinaladas no texto.

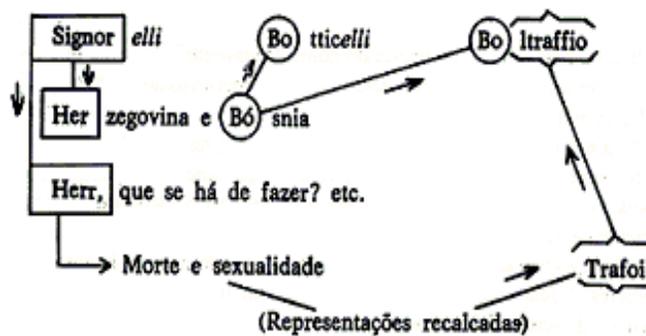
viagem já estivera em Orvieto, e se vira os famosos afrescos pintados por..., escapa-lhe o nome do pintor: *Signorelli*.

O esquecimento do nome foi esclarecido quando Freud retomou o tema de uma conversa anterior, isto é, os costumes dos turcos que viviam na Bósnia e na Herzegovina. Um colega médico contara-lhe que as pessoas desses lugares tinham muita confiança nesses profissionais e resignação ao destino. Se em alguma situação um médico dissesse que nada poderia ser feito pelo paciente, a resposta seria “*Herr* [senhor], o que há de se dizer? Se fosse possível salvá-lo, sei que o senhor o teria salvo” (FREUD [1901] 1987, p.7). Essa é a primeira vez que Freud alinha Bósnia, Herzegovina e *Herr*, em uma sequência associativa entre Signorelli, Botticelli e Boltraffio.

Prosseguindo em sua análise e no assunto referente aos turcos, ele se lembra de ter querido contar um segundo episódio que, a seu ver, em sua memória, estava próximo ao primeiro. Trata-se da importância que os turcos davam ao gozo sexual e o desespero ao qual sucumbem na eventualidade de distúrbios sexuais, fato que contrasta com a resignação daquele povo frente à ameaça de morte. Freud se recorda de um dos pacientes de seu colega, que, referindo-se a esses distúrbios sexuais, lhe disse: “Sabe *Herr*, quando *isso* acaba, a vida não tem nenhum valor.” Nesse momento, Freud relata que desvia a continuação de seus pensamentos que poderiam ter surgido a partir do tema “morte e sexualidade”, pois naquela época ele ainda estava abalado por uma notícia que chegara algumas semanas antes, durante sua estadia em Trafoi: um de seus pacientes havia se suicidado por causa de um distúrbio sexual incurável. Embora estivesse certo de que tal acontecimento e tudo o que se relacionava a ele não lhe vieram à lembrança consciente durante essa viagem a Herzegovina, Freud supôs haver semelhança nessa reminiscência entre Trafoi e Boltraffio.

O esquecimento, como evento casual, do nome *Signorelli* é influenciado por um motivo que fez que Freud interrompesse a sequência de seus pensamentos, impedindo-o de se conscientizar das associações deles decorrentes. Neste caso, a notícia da morte de seu paciente, recebida em Trafoi. O que Freud tinha aversão de recordar era um conteúdo, que se ligava ao que foi esquecido, mas que retorna modificado em sua lembrança: o nome do pintor Boltraffio.

A fim de entender a análise empreendida pelo esquecimento do nome *Signorelli*, o psicanalista sugere a divisão do nome próprio em duas partes *signor* e *elli*. Vejamos a ilustração elaborada por Freud para perfazer esse caminho que culmina na explicação do esquecimento do nome *Signorelli*.



O par de sílabas (*elli*) reaparece inalterado em um dos nomes substitutos: *Boticelli*. Entretanto, através da transliteração de *signor* para *Herr* (Senhor), há várias relações com os nomes contidos no tema recalçado. O deslocamento se dá entre *signor*, vocábulo proveniente da língua italiana, e o pronome de tratamento alemão *Herr*, usado pelos turcos para se dirigirem a um médico. Esse pronome é próximo foneticamente de *Her* que compõe o nome da cidade Herzegovina. O fato de o esquecimento acontecer durante uma viagem com destino a Herzegovina faz que Freud desloque *Her* para *Herr*, o que o levaria a se identificar com seu colega médico e a recuperar os dois episódios mencionados anteriormente: o uso do *Herr* para se referir ao médico quando houve a queixa sobre os distúrbios sexuais e a notícia do suicídio de um de seus pacientes em Trafoi. Portanto, o pronome *Herr* no segundo episódio o fazia lembrar a morte de seu paciente. Logo, temos no pronome *Herr* a sobreposição de duas ideias, a saber, a sexualidade e a morte.

Retomemos a cadeia associativa de Freud: a partir da palavra *Bósnia* foi mantida a primeira sílaba *Bo*, que para o nome substituto foi acrescida por uma parte do nome próprio *Signorelli*, *elli*, resultando em *Botticelli*. Entretanto, houve ainda a formação de outro nome substituto, a partir da sílaba *Bo* ligada à cidade de Trafoi, resultando em *Boltraffio*. Dessa forma se explicaria a formação dos nomes substitutos.

Para Freud, o mecanismo psíquico do esquecimento – tal como analisado acima – está relacionado ao mesmo mecanismo que possibilita a emergência dos nomes

substitutos. Freud parte do estudo sobre o esquecimento para entender o motivo que leva a memória, como função psíquica, a falhar e a produzir um nome substituto.

Do mesmo modo que aqui e por meio de associações superficiais similares, um fluxo de representações recalçado se apodera, na neurose, de uma ingênua impressão recente e a faz imergir com ele no recalque. O mesmo mecanismo que faz os nomes substitutos “Botticelli” e “Boltraffio” emergirem de “Signorelli” (uma substituição por meio de representações intermediárias ou conciliatórias) rege também a formação das representações obsessivas e das paramnésias paranóicas. Além disso, vimos que esses casos de esquecimento têm a característica de liberar um desprazer contínuo até o momento em que o problema é resolvido (...). (FREUD [1898] 1987, p.151, aspas do autor, grifos nossos)

É necessário reconhecer, segundo Freud, que o esquecimento do nome *Signorelli* foi motivado por um sentimento que lhe causava desprazer e que o levou a recalcar um conteúdo em forma de tema (morte e sexualidade), ao qual ele tinha aversão. Ou seja, para não se lembrar da morte do seu paciente em Trafoi, houve um deslocamento, que mantinha conexão associativa com o nome esquecido. Assim sendo, a função da memória está submetida às relações associativas do sujeito, que se dão pela linguagem, e acaba por ser comprometida, principalmente quando se trata de lembranças que acarretam desprazer, o que leva ao processo de recalçamento. Nesse caso, o elemento recalçado se apoderou por associação do nome esquecido e produziu uma formação substitutiva. Essa formulação de Freud confirma o que foi elaborado na *Carta 52* sobre os traços que foram recalçados mostrarem por sinais distorcidos, a sua existência.

O episódio do esquecimento do nome *Signorelli* foi primeiramente relatado por Freud no artigo *O mecanismo psíquico do esquecimento* (1898) e retomado no trabalho *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901) em que são acrescentados outros aspectos. Segundo o autor, as condições necessárias para o esquecimento de nomes acompanhados de “ilusão de memória” – expressão usada por Freud para elucidar o esquecimento do nome próprio *Signorelli* – podem se resumir da seguinte maneira:

(1) certa predisposição para esquecer o nome, (2) um processo de supressão realizado pouco antes, (3) a possibilidade de se estabelecer uma associação *externa* entre o nome em questão e o elemento previamente suprimido. (FREUD [1901] 1987, p.23)

Podemos, nesse sentido, estabelecer uma aproximação entre esquecimento e recalque que, por meio da homonímia, faz operar a distorção de palavras ou a formação de nomes substitutos.

Retomando brevemente a análise do esquecimento do nome Signorelli, realizada pelo próprio Freud e já descrita acima (*op. cit.*, p. 123), a homonímia pode ser vista pela assonância da sílaba *-elli* na constituição do nome substituto Botticelli. Há ainda a relação entre *Signor*, em italiano e *Herr*, em alemão, que remete à homonímia entre um segmento, *Her*, de um nome de cidade (Herzegovina) que faz a ponte com o pronome de tratamento *Herr*. Esse pronome de tratamento, usado para se dirigir a médicos, foi associado à notícia da morte de um dos pacientes de Freud, na cidade de Trafoi. A relação de homonímia se apresenta pelo segmento *traf-*, de Trafoi, para compor Boltraffio – o outro nome recordado como substituto, em função da viagem de Freud a Herzegovina. Os substitutos originam-se da operação de homonímia e acabam por revelar o conteúdo de temas recalçados.

Para Freud, não há em princípio a necessidade de se fazer uma separação teórica entre os casos de esquecimento, acompanhados por ilusão de memória, e outros casos, em que não há nomes substitutos. Isso porque ambos são derivados do recalçamento. Segundo o autor, dois fatores são decisivos para trazer à consciência os nomes substitutos: 1) o esforço da atenção e 2) uma condição interna ligada ao material psíquico.

O leitor poderá julgar que a língua materna está aparentemente protegida contra o esquecimento supondo que o uso frequente dessa língua garanta que ela não será esquecida. Entretanto, Freud afirma que tanto na língua materna quanto na língua estrangeira, o estado geral de saúde e o grau de cansaço do falante podem interferir no esquecimento das palavras, através do mesmo mecanismo que entra em ação nesse processo. Assim, o esquecimento de nomes próprios é o mesmo para o esquecimento das palavras da língua materna e da estrangeira, de nomes e de sequências de palavras.

Por outro lado, com relação ao papel do nome substituto na cadeia de associações, Freud traz um caso para comprovar sua hipótese de não haver diferença entre o esquecimento que apresenta um nome substituto e aquele que não recorre à substituição. É o que apresentamos a seguir.

Durante uma viagem de férias, Freud conversa com um jovem, de “formação acadêmica”, e essa conversa recai sobre a situação social dos judeus. O rapaz passa a se lamentar de sua geração, que não pode desenvolver seus talentos ou satisfazer suas necessidades. Esse jovem termina, em tom apaixonado, seu discurso com um verso de Virgílio em que a infeliz personagem Dido confia sua vingança de Enéias: “*Exoriare...*”, mas não conseguiu se recordar do verso e para esconder essa lacuna trocou a ordem das palavras disse: “*Exoriar(e) ex nostris ossibus ultor*”. Ciente de que algo faltava, ele pede a Freud que o ajude a completar o verso. Essa solicitação foi imediatamente atendida pelo médico que lhe disse: “*Exoriar(e) ALIQUIS nostris ex ossibus ultor*<sup>90</sup>” ([1901]1987, p.26).

O jovem, que tinha conhecimento de algumas teorias desenvolvidas por Freud, fica intrigado com seu esquecimento e pede que o médico aceite o desafio de desvendar a causa do esquecimento do pronome indefinido ‘*aliquis*’. Freud pede que ele diga tudo o que lhe ocorria enquanto estava dirigindo. O primeiro movimento feito pelo jovem foi a divisão da palavra *aliquis* em *a* e *liquis*. Sem ver com clareza a razão da segmentação, o médico pede que o jovem continue a dizer o que lhe vem à mente. As palavras que surgem são *reliquien /reliquias/, liquefazer, fluidez, fluido*. Solicitado a fazer alguma associação a partir dessas palavras, o jovem se recorda das relíquias de Simão de Trento que havia visitado em uma igreja de Trento e menciona estar pensando no fato de os judeus serem acusados de sacrifícios de sangue no livro *Kleinpaul* (1892 *apud* FREUD [1901] 1987) que vê nas supostas vítimas a reencarnação do Salvador. Lembra-se ainda que leu um artigo, cujo título era “O que diz Santo Agostinho sobre as mulheres” e de um senhor, de nome Benedito, encontrado em uma de suas recentes viagens e que parecia uma ave de rapina.

Freud alinha a sequência de nomes de santos e padres da igreja: São Simão, São Agostinho e São Benedito, lembrando que havia um padre da igreja chamado Orígenes. Recorda-se ainda que desses três nomes, os prenomes eram Paul, como em *Kleinpaul*. A partir desse alinhamento, o paciente faz menção ainda a São Januário e o milagre de seu sangue. Freud lembra que São Januário e Santo Agostinho têm relação com o calendário e pede que o jovem conte o milagre do sangue de São Januário. O rapaz diz, então, que o sangue de São Januário fica guardado em uma Igreja em Nápoles, mas em um determinado

---

<sup>90</sup> “Que de meus ossos surja alguém (*aliquis*) como vingador” (FREUD [1901] 1987, p.26), tradução em nota de rodapé.

dia santo, se “liquefaz” milagrosamente. Ele ressalta que o povo local fica muito agitado quando há algum atraso. Vem-lhe, a partir daí, uma associação com uma jovem de quem poderia receber uma notícia desagradável para ambos. Freud completa o pensamento do jovem: “que as regras dela não vieram?” (*op.cit.* p.27), indagação que causa surpresa, mas que é prontamente confirmada.

Freud explica que todos os elementos foram fornecidos pelo próprio autor sobre o esquecimento da palavra *aliquis*: os santos do calendário, o sangue que começa a fluir em um determinado dia e a perturbação quando não há o acontecimento esperado. Acrescenta-se a isso a alusão ao milagre de São Januário que, segundo Freud, deu margem a uma associação com uma possível gravidez indesejada.

Se examinarmos com mais cuidado, verificamos que a homonímia parece também operar, mesmo que parcialmente, através das associações entre a sílaba –li e o conjunto de palavras *reliquien /reliquias/, liquefazer* e as palavras a elas relacionadas: *fluidéz* e *fluido*. A sequência associativa nos leva a percorrer o complexo caminho do pensamento do rapaz, que se vale de aproximações sonoras e semânticas, para esquecer o pronome *aliquis*.

Ainda a respeito da diferença entre *Signorelli* e *aliquis*, Freud conclui que no caso *Signorelli*, visto anteriormente, a emergência dos nomes substitutos ocorreu pelo efeito prolongado de uma sequência de pensamentos, que permite a Freud interpretá-los no eixo da relação entre sexualidade e morte. No caso *aliquis*, a perturbação foi pela associação com a fala que antecede o esquecimento: a lamentação do jovem sobre sua geração que estava privada de seus direitos plenos e deveria se revoltar, como a personagem Dido, do verso de Virgílio, e se vingar de seus opressores. Esse encadeamento leva Freud a afirmar que o jovem desejava ter descendentes; mas um pensamento contraditório surge através da ideia de que poderia receber a notícia de que espera descendentes, fato que não lhe convinha por mais que esses descendentes fossem necessários para a vingança da geração atual. Nesse sentido, há uma relação entre a associação externa dos elementos de representação e um dos elementos repudiados, conforme foi assinalado no esquecimento do nome *Signorelli* e do pronome *aliquis*.

Freud ainda se indaga se haveria uma explicação diversa para o esquecimento de sequências de palavras na língua materna do falante e, em certo momento de sua reflexão, afirma haver um fato comum a todos os casos de esquecimento:

O comum a todos esses casos, independentemente do material, é o fato de o esquecido ou distorcido estabelecer uma ligação, por alguma via associativa, com um conteúdo de pensamento inconsciente - um conteúdo de pensamento que é fonte do efeito manifestado no esquecimento. (FREUD [1901] 1987, p.35)

A via associativa, à qual Freud faz referência, geralmente se relaciona com um tema que é de importância para o sujeito e lhe toca em um “complexo pessoal” – cuja lembrança causa desprazer, e se estabelece por meio de associações superficiais, sustentadas pela língua (*Ibidem.* p. 36, 37).

O episódio a seguir ilustra como a homonímia opera no esquecimento que se refere a uma lembrança que causa desprazer.

(1) Um paciente pediu que eu lhe recomendasse uma estação de águas na Riviera. Eu conhecia um lugar assim bem perto de Gênova e também me lembrava do nome de um colega alemão que ali trabalhava, mas o nome do lugar em si me escapou, por mais que eu achasse conhecê-lo também. Não me restou outro recurso senão pedir ao paciente que esperasse, enquanto eu consultava apressadamente as mulheres de minha família. “Como é mesmo o nome do lugar perto de Gênova onde o Dr. N. tem seu pequeno sanatório, aquele em que fulana esteve em tratamento por tanto tempo?” “Claro, justamente você é que havia de esquecer esse nome. O lugar se chama *Nervi*.” Devo admitir que já tenho um bocado de trabalho com os *nervos*. (FREUD [1901] 1987, p.37)

Em alemão, a palavra para nervo é *Nerve* que mantém relação de homonímia com o nome *Nervi*, em italiano. O esquecimento de Freud remete ao Dr. N, ponto de deriva que pode se ligar tanto ao substantivo, *Nerve*, quanto ao nome do local, *Nervi*.

Como pudemos acompanhar, Freud se vale de análises linguísticas para compreender as distorções a que se prestam as palavras no esquecimento, mas seus objetivos diferem daqueles postulados pelos autores da linguística e que foram apresentados, no primeiro capítulo desta pesquisa. Para o primeiro, a análise linguística permite examinar o mecanismo implícito neles e articular a língua a um funcionamento psíquico.

Num grande número de casos um nome é esquecido, não porque ele próprio desperte esses motivos<sup>91</sup>, mas porque – graças à semelhança fonética e à homofonia – ele toca *outro* nome contra o qual se voltam esses motivos. Como é compreensível, esse relaxamento das condições facilita extraordinariamente a ocorrência do fenômeno. (FREUD [1901] 1987, p.44)

No esquecimento de palavras estrangeiras, os argumentos acima expostos também atuam conforme o relato que trazemos a seguir, do Dr. Hanns Sachs sobre um jovem, cuja língua materna é o alemão. Esse jovem sabia muito bem o inglês, mas ao flertar com uma moça inglesa e querer empregar a palavra *ouro* não se lembra de imediato, vindo apenas ao pensamento as palavras substitutas, em francês- *or*, latim - *aurum* e grego - *chrysos*. Para se fazer entender, o jovem tocou no anel de ouro na mão da moça e ficou envergonhado quando ela lhe diz que se tratava da palavra *gold*, homônima à palavra em alemão. Esse sentimento de vergonha, segundo a análise empreendida, se revelou pelo fato de o esquecimento mascarar o objetivo erótico inconsciente do jovem, isto é, constatar, por meio da reação da moça ao toque, se o flerte prosseguiria.

Uma vez que os fatores que regem o esquecimento de palavras estrangeiras não diferem do mecanismo de esquecimento de nomes, Freud conclui que

[o] mecanismo do esquecimento de nomes (mais corretamente, de os nomes escaparem da memória, serem *temporariamente* esquecidos) consiste em que a pretendida reprodução do nome sofre a interferência de uma cadeia de pensamentos estranha, no momento. Entre o nome assim perturbado e o complexo perturbador existe uma conexão preexistente; ou essa conexão se estabelece quase sempre de maneiras aparentemente artificiais, através de associações superficiais (externa). Entre os complexos perturbadores, os mais eficazes mostram ser os auto-referentes (ou seja, os complexos pessoal, familiar e profissional). (FREUD [1901] 1987, p. 50-51)

Há, portanto, a distinção entre dois motivos principais de esquecimento de nomes que causam desprazer: os casos em que o próprio nome toca em algo desagradável e quando o nome se liga a outro que tem esse efeito, em função dos vínculos associativos que estabelece.

---

<sup>91</sup> Freud refere-se ao caso do esquecimento do nome Castrogiovanni que foi substituído por Castrelvetrano, nome que remetia ao mesmo tempo à juventude e à velhice.

Freud introduz o conceito de “lembranças encobridoras” em 1899, como reflexão decorrente de outros assuntos que ocupavam seu pensamento, a saber, questões acerca do funcionamento da memória e suas distorções, a amnésia que abrange os primeiros anos de vida da criança e a sexualidade infantil. Assim, o artigo *Lembranças encobridoras* é retomado na *Psicopatologia da vida cotidiana* com a finalidade de reiterar a “natureza tendenciosa da memória” (FREUD [1901] 1987, p.53).

O interesse de Freud, nessa reflexão, é enfatizar a relação entre o esquecimento de nomes próprios seguido de ilusão de memória e a formação de lembranças encobridoras. O primeiro caso se refere a uma impressão completa de algo vivido na realidade ou no pensamento; o segundo se relaciona a uma falha manifesta na função psíquica de retenção, que acompanha o sujeito permanentemente. Ambos, contudo, apontam para as falhas no recordar, em que a memória reproduz algo que vem em substituição ao que deveria ser lembrado.

Embora esses fenômenos denotem a interferência de algo perturbador, seus efeitos são distintos: no esquecimento dos nomes, o falante percebe se tratar de um substituto falso; na formação de lembranças encobridoras, o falante é tomado de surpresa por possuí-las. Apesar de a produção substitutiva se formar da mesma maneira nos dois fenômenos, isto é, por deslocamento ao longo de uma associação superficial, as diferenças entre eles ocorrem em função do material, duração e ponto focal.

Pereira de Castro (2006; 2010) aborda a relação entre esquecimento e linguagem<sup>92</sup> ao afirmar que as crianças esquecem os erros e variações típicas da fala infantil à medida que ocupam a posição de falantes, no processo de aquisição de linguagem. O retorno da autora a Saussure se faz a partir da discussão sobre a mudança, em que os erros e variações não podem ser compreendidos como mudança, mas como efeito de inovações analógicas que não interferem na língua, conforme alerta Saussure ao tomar como exemplo a fala infantil. A linguista se vale também da hipótese de Milner (1988) sobre o esquecimento, em relação à origem da linguagem, como um fato estrutural em que a noção de inconsciente é, ao mesmo tempo, lugar onde permanece a matéria do esquecimento e também a sua causa. Segundo a autora, há uma ligação entre o esquecimento da fala infantil

---

<sup>92</sup> Apresentamos, paulatinamente, os argumentos da autora, no capítulo 2 deste trabalho, sobre a noção de esquecimento.

e as forças que atuam nas lembranças infantis. Por isso, ela recorre ao trabalho de Freud que ressalta que as lembranças da infância colocam em relevo uma diferença fundamental entre o funcionamento psíquico das crianças e dos adultos. As lembranças infantis podem ser falsificadas, elas não emergem tais como foram vividas, mas são formadas nos momentos posteriores em que são despertadas, isto é, na época em que são lembradas.

Pereira de Castro (2010) ao se referir ao esquecimento da fala infantil, afirma que

se ela retorna já não é mais como fala infantil, mas como equívoco, submetida à escuta e à análise do falante da língua materna, que estranha o que ouve porque já não se lembra de tudo o que foi preciso esquecer quando foi por ela capturado. (PEREIRA DE CASTRO, 2010, p. 101)

No fragmento citado, a autora menciona que o espaço de equívoco, presente em todas as línguas, possibilita entender o funcionamento do erro, do esquecimento e dos lapsos e coloca em cena a relação singular do sujeito com a língua materna e a língua estrangeira. No segundo capítulo, procuramos mostrar com Pereira de Castro e Figueira, entre outros, que a zona de equívoco se constitui a partir de um ponto de deriva nos diálogos, em uma relação assimétrica, entre a criança e o seu interlocutor. Mesmo os chamados erros previsíveis podem ser afetados por cruzamentos imprevisíveis que aparecem nos enunciados infantis, em função das relações singulares entre as cadeias manifestas e latentes (cf. DE LEMOS, 1992), conforme verificamos nos trabalhos de Figueira (2003). Ainda no capítulo acima mencionado, discutimos como as zonas de equívoco não só permitem entender a formação de erros e lapsos, mas a própria aquisição e aprendizagem de uma língua estrangeira. A esse respeito, trouxemos três tipos de episódios para análise e discussão. Dois episódios deram-se em sala de aula; outro episódio foi retirado do diário de Laura, que aproximadamente aos três anos de idade começa a aprender a língua francesa quando seus pais transferem residência para França.

Essa longa passagem pela questão do esquecimento é necessária por dois motivos: 1) Freud constrói um aparelho de linguagem, renomeado aparelho psíquico, em que o inconsciente está incluído como fonte e lugar em que permanece o material do

esquecimento; 2) entre os tipos de esquecimento, Freud destaca os lapsos da fala, escrita e leitura, que serão abordados a seguir.

Os lapsos de fala ou lapsos de linguagem aludem ao esquecimento de material linguístico diante de uma perturbação. No capítulo intitulado *lapsos da fala*, Freud reconhece o estudo empreendido por Meringer e Mayer (1895), *Lapsos na fala e na escrita*, mas afirma que tal estudo apresenta pontos de vista distantes do seu.

De acordo com Freud, o interesse linguístico de Meringer nos lapsos de fala era inferir as regras que regem esses fenômenos e comprovar a existência de “certo mecanismo mental em que os sons de uma palavra, de uma frase e também das palavras [inteiras] entre si acham-se ligados e entrelaçados de maneira muito peculiar” (MERINGER & MAYER, 1895, p. 10 *apud* FREUD [1901] 1987, p. 60). Como vimos no primeiro capítulo, Meringer estava inserido em uma vertente de pensamento que tentava explicar a questão da mudança linguística, a partir de uma sistematização das leis fonéticas, para tentar entender o que era proveniente de um mecanismo interno ou externo à linguagem. Essa sistematização pode ser vista pelo agrupamento, realizado pelo autor, em co-autoria com Mayer, dos lapsos de linguagem, através de categorias descritivas como transposições, pré-sonânticas ou antecipações, pós-sonânticas ou perseverações, contaminações e substituições. Essa taxonomia, como mencionado no primeiro capítulo, permanece atual no campo dos estudos linguísticos.

Meringer tentou explicar os lapsos de língua através da noção de diferentes valências psíquicas dos fonemas da língua. O autor afirma que “os sons de maior valência são o som inicial da sílaba radical e o som inicial da palavra, bem como a vogal ou vogais acentuadas” (MERINGER 1895, p.162 *apud* FREUD [1901] 1987, p. 61). Essa afirmação é refutada por Freud, que se vale do exemplo da análise do esquecimento do nome próprio *Signorelli*, na qual a sílaba de menor valência, *-elli*, foi recordada pelo falante sob o nome substituto *Botticelli*; fato que, em sua opinião, descarta a hipótese de Meringer sobre a maior valência do som se concentrar na primeira sílaba ou letra de uma palavra (cf. FREUD [1901] 1987, p. 61).

Freud adere à ideia de que uma perturbação da fala que se manifesta nos lapsos de língua pode ser motivada pela influência de outro elemento do mesmo dito, mas ressalta

que a análise do nome *Signorelli* permite mostrar que o esquecimento pode ser decorrente de influências externas à palavra, frase ou contexto e se originar de elementos que não se pretendia enunciar. Tomando essas duas prerrogativas sobre a formação dos lapsos, Freud salienta que a diferença entre elas estaria em situar “a origem da perturbação dentro ou fora da frase ou contexto” (*op. cit.*, p.62).

Meringer e Mayer também estiveram atentos ao fato de as perturbações da fala resultarem de “influências psíquicas complicadas”, procedentes de elementos externos à palavra, frase ou sequência de palavras. Por isso, não hesitaram em buscar explicações para a causa dos lapsos fora do contexto intencionado, solicitando ao falante informação sobre tudo o que se passava em seu pensamento no momento de produção de um lapso. A explicação dada pelos falantes, no entanto, não se constituía em objeto de análise para esses investigadores.

Outro aspecto mencionado por Meringer, e retomado por Freud, são os casos de troca de uma palavra por outra de sentido oposto. Isso acontece pelo fato de essas palavras encontrarem-se muito próximas umas das outras na “consciência linguística” do falante (FREUD [1901] 1987, p.65), sendo, portanto, um facilitador para que a troca ocorra.

No episódio *my clean is dirty*, discutido no capítulo 2, mostramos o alinhamento entre os adjetivos *clean* e *dirty* no eixo associativo. O que provocou a discussão do episódio foi o adjetivo *clean* usado na posição de sujeito que gerou outros sentidos. O enunciado ocorreu durante um exercício de repetição, estratégia comumente usada por professores para memorização na aprendizagem de língua estrangeira.

Acontece que Freud aponta justamente a repetição como um dos fatores que oferecem oportunidade para que, em qualquer ponto do enunciado, em cada ato de enunciação – na língua em funcionamento em que está também *lalangue* – possa emergir um erro ou um lapso, revelando o movimento singular do sujeito na língua. Ou seja, o fato de haver a repetição de palavras implica enunciações distintas que podem dar lugar a “distorções”. Vejamos o relato do autor:

Minha filha fez uma careta ao morder uma maçã, e eu quis fazer-lhe a seguinte citação:

*Der Affe gar possierlich ist,*

*Zumal wenn er von Apfel frisst*<sup>93</sup>.

Mas comecei: “Der *Apfe...*” [palavra inexistente]. Isso parece uma contaminação de “*Affe* [macaco]” e “*Apfel* [maçã]” (uma formação de compromisso), ou poderia ser encarado como uma antecipação de “*Apfel*”, que estava para ser pronunciada. Entretanto, as coisas se passaram mais exatamente da seguinte maneira: eu já havia iniciado essa citação antes, e não cometera um lapso na primeira vez. Só o cometi ao repeti-la. A repetição foi necessária porque a pessoa interpelada, estando absorta em outra coisa, não me escutou. Tenho de incluir essa repetição, junto com minha impaciência de terminar a frase, entre os motivos do lapso que se apresentou como produto da condensação. (FREUD [1901] 1987, p. 66-67)

Ao retomarmos o episódio narrado por Freud, a aparente causa do lapso foi a sua impaciência por não ter sido escutado por seu interlocutor desatento, fato que o levou a repetir a citação. Já no episódio *my clean is dirty*, não temos elementos para dizer o que, na repetição, causou o lapso, uma vez que não houve, na ocasião, nenhuma reflexão sobre uma possível causa.

Como vimos, até então, os sons podem desempenhar um papel ativo na ocorrência de um lapso, mas Freud também nos chama atenção para a importância de uma perturbação ser causada por um fluxo de pensamento que inclui outro contexto e o contato entre duas línguas, como mostra a fala de uma de suas pacientes.

“Estou tão resfriada que não consigo *durch die Ase natmen* — quero dizer, *Nase atmen*”, disse a mesma paciente numa outra ocasião. E entendeu imediatamente como viera a cometer o lapso. “Todos os dias pego o bonde na Rua Hasenauer, e hoje de manhã, enquanto esperava por ele, ocorreu-me que, se eu fosse francesa, diria ‘*Asenaue*’, porque os franceses sempre deixam de pronunciar o *h* no começo das palavras.” Trouxe então uma série de reminiscências de franceses a quem havia conhecido, e depois de muitos rodeios chegou à lembrança de ter desempenhado, aos quatorze anos, o papel de Picarde na pequena peça *Kurmärker und Picarde*, e de ter-se expressado nessa ocasião num alemão defeituoso. A chegada fortuita de um hóspede de Paris a sua pensão despertara toda essa série de lembranças. (FREUD, *ibid.*)

---

<sup>93</sup> O macacão é muito engraçado, sobretudo quando morde uma maçã.

O que essa passagem nos mostra é que o pensamento sobre a pronúncia em francês do nome da rua foi o que disparou as associações subseqüentes, levando a paciente ao lapso. Esse evento nos remete, de forma distinta, ao episódio em que Laura interpreta que o Museu D'Orsay referia-se ao Museu do Céu no contato entre a língua francesa e a língua materna. Ela escuta a língua estrangeira com a língua materna.

As duas passagens a seguir, do livro de Freud, têm interesse particular para o nosso trabalho porque nos mostram duas línguas estrangeiras concorrendo na formação de um lapso.

Quando perguntei a outra paciente, ao final da sessão, como estava passando seu tio, ela respondeu: “Não sei, atualmente só o vejo *in flagranti*.” No dia seguinte, começou dizendo: “Estou muito envergonhada por ter-lhe dado uma resposta tão tola. É claro que o senhor deve ter-me tomado por uma pessoa muito inculta, que está sempre confundindo as palavras estrangeiras. Eu queria dizer *en passant*.” Ainda não sabíamos qual a origem das palavras estrangeiras que ela usara erroneamente. Na mesma sessão, porém, dando prosseguimento ao tema da véspera, ela apresentou uma reminiscência em que o papel principal consistia em ser surpreendida *in flagranti*. Portanto, o lapso da fala do dia anterior antecipara a lembrança que, naquele momento, ainda não se havia tornado consciente. (*Ibid.*, p.67-68)

Nessa ocorrência, a expressão *in flagranti* é latina e a expressão *en passant* é francesa. Ou seja, a troca de expressões aconteceu entre duas línguas estrangeiras, cujo papel na formação do lapso se esclarece nas redes associativas da paciente ao longo de duas sessões de análise. Mas o que seria o traço comum entre essas duas expressões? Podemos supor que a troca de expressões pode ter acontecido pelo fato de ambas serem compostas por duas palavras. Embora não possamos dizer que haja uma proximidade fônica entre elas, a expressão *en passant* poderia ser talvez aproximada da expressão francesa *en flagrant*, tal como em *en flagrant délit*. Podemos afirmar que Freud foi o primeiro a perceber que o inconsciente não cria barreiras entre as línguas, conforme observado por Melman (1992) alguns anos mais tarde. É possível ainda dizer que o conhecimento das expressões em francês e latim permitiu um saber fazer com a língua materna, pondo em movimento “a lembrança que, naquele momento [na primeira sessão], ainda não havia se tornado consciente”, a de ser surpreendida *in flagranti*.

Ainda sobre o contato entre línguas, a tentativa do falante de traduzir também pode sofrer lapso. Isso pode ocorrer porque, muitas vezes, o falante faz associações com outras palavras que lhe são familiares de modo a tentar lembrar a tradução da palavra de que fará uso.

Um alemão que viajava pela Itália precisou de uma correia para amarrar sua mala danificada. Para “correia” [“*Riemen*”] o dicionário lhe indicou a palavra italiana “*coreggia*”. “Será fácil guardar essa palavra”, considerou ele, “pensando no pintor *Correggio*”. Depois disso, entrou numa loja e pediu “*una ribera*”. (...) Ele sabia que precisava ater-se ao nome de um pintor, e assim esbarrou, não no nome do pintor que soava como a palavra italiana, mas no de outro [Ribera, pintor espanhol] que se parecia com a palavra alemã “*Riemen*”. (FREUD, *ibid.*, p.71)

Nessa passagem, a língua materna interferiu na associação do nome do pintor Ribera pela proximidade fônica do segmento –ri que pertence à palavra para correia, em alemão, *Riemen*. Esse relato ilustra a tentativa frustrada do autor do lapso de monitorar a produção linguística em uma língua estrangeira, conforme alegam os psicolinguistas discutidos no primeiro capítulo, e nos mostra que esse processo escapa ao falante, submetido ao funcionamento linguístico da língua materna e de *lalangue*. A tradução para outra língua abre caminho para algum tipo de equívoco, uma vez que não há necessariamente correspondência entre as palavras e expressões. Foi o que constatamos no episódio analisado no segundo capítulo, em que o fragmento “*my first day went good*” (“o meu primeiro dia foi bom”) emerge pela literalidade da frase na escrita de falantes da língua portuguesa, em situação de aprendizagem de língua estrangeira. Essa questão pode levar o falante a perceber as zonas de equívoco em sua língua materna e o funcionamento de *lalangue* que atua como alteridade entre as línguas, explicitando a plasticidade do material linguístico e as diversas posições que o falante precisa ocupar para deslocar sentidos para se expressar na língua estrangeira.

Em seu artigo *Estudos sobre a histeria* (1895), Freud alega que a censura é uma das manifestações de resistência na defesa ou no recalçamento. Em *A Interpretação dos sonhos* (1900), a censura é considerada responsável pelas deformações e deslocamento nos sonhos. Esse mecanismo pode incidir também nos lapsos conforme veremos na passagem a seguir.

Freud descreve um caso em que se confirma a hipótese de que sua paciente sentia vergonha dos pais. Ela diz “Uma coisa eu tenho que admitir: eles são pessoas fora do comum, todos têm *Geiz* (avareza)... quero dizer, *Geist* (inteligência)” (*ibid.*, p.68). De acordo com a interpretação de Freud, a censura interferiu na enunciação da paciente apesar do esforço em recalcar o seu sentimento de vergonha pelos pais, que comparece em seu enunciado pela emergência da palavra *Geiz* (avareza), imediatamente corrigida pela palavra *Geist* (inteligência). A vergonha foi um efeito da censura que foi desvelada pela troca dos substantivos que guardam semelhanças fônicas.

A ambiguidade no sentido de palavras é outro facilitador para um lapso de língua, principalmente quando o falante se vê em situações em que tem que guardar seus pensamentos. Em uma reunião social, um senhor conversava com uma senhora sobre os preparativos de Páscoa realizados em Berlim. Ele perguntou: “A senhora viu a exposição (*Auslage*) de hoje na Wertheim? Está totalmente *decotada*” (*dekolletiert*, em vez de *dekoriert*, decorada).

Segundo a análise empreendida, a palavra “exposição” (*Auslage*), por sua ambiguidade de sentidos, deu margem ao pensamento do senhor sobre o decote da senhora. Esse pensamento foi revelado pela semelhança fonética entre as palavras *dekolletiert* (decotada) que remonta ao decote, no lugar de decorada (*dekoriert*) que se refere à decoração de Páscoa, ambas decorrentes da palavra “exposição”. Nessa passagem, podemos dizer que a homonímia operou na polissemia da palavra “exposição”, facilitando as condições para que o lapso ocorresse.

O sentido ambíguo das palavras pode remeter ainda para a questão da segmentação. Conforme ressalta Saussure ([1916] 2001, p.121) no capítulo *As entidades concretas da língua*, no *Curso de Linguística Geral*, a sequência em francês *sižlaprã* pode ser cortada de duas formas: 1) *si-ž-la-prã* (“*si je la prends*” – “se eu a pego”); 2) *si-ž-l-aprã* (“*si je l’apprends*” – “se eu aprendo”). Aquele que escuta, dependendo do contexto, é que determina o sentido da sequência.

Há ainda os lapsos de fala que podem ter aproximação com um chiste. Trazemos a seguir um exemplo que foi citado em Rank (1913)<sup>94</sup> e discutido por Freud. O chiste se deu pelo fato de o falante notar seu deslize e rir de seu enunciado. Trata-se de um casal recém-casado, cuja esposa relutava em ter relações sexuais frequentes com o marido, pois achava que esse ato poderia afetar sua aparência juvenil. Após uma noite em que o marido provavelmente não respeitara as imposições da esposa, ele fora se barbear pela manhã, enquanto ela permanecia deitada, e se serviu da borla de pó-de-arroz da esposa. Ela o repreendeu dizendo “Mas lá está você de novo a *me (mich)* empoar com *sua (deiner)* borla!”. Ao invés de dizer “a *se [dich]* empoar com *minha (meiner)* borla”. O riso do marido fez com que ela notasse o lapso e risse, uma vez que “empoar” (*pudern*) é uma expressão comumente usada no sentido de ‘copular’, e a borla, segundo o autor, é um símbolo fálico.

A explicação de Meringer & Mayer sobre a relação de contato entre os sons apenas reforça que a língua oferece elementos para que um lapso ocorra, mas esses elementos não garantem a produção de um lapso. Freud diz:

Não pretendo pôr em dúvida as leis que regem a maneira como os sons se modificam mutuamente, mas, por si só, essas leis não me parecem ter eficácia suficiente para perturbar a enunciação correta da fala. Nos casos que estudei e investiguei com rigor, essas leis não representam mais do que o mecanismo preformado de que se serve, por conveniência, uma motivação psíquica mais remota, mas sem sujeitar-se à esfera da influência dessas relações [fonéticas]. *Num grande número de substituições (...), os lapsos da fala desconsideram por completo essas leis fonéticas.* Nesse aspecto, estou de pleno acordo com Wundt, que como eu presume que as condições que regem os lapsos da fala são complexas e vão muito além dos efeitos de contato dos sons. (*Ibid.* p.82)

É o caso do exemplo sobre um debate que ocorreu no Congresso Internacional de Amsterdã, em 1907. Nesse evento, a teoria da histeria, postulada por Freud, foi alvo de discussão em que alguns se colocavam a favor, outros contra. Um dos adversários de Freud, quando discursava contra o médico, repetidamente cometia lapsos ao se colocar no lugar de Freud, ao invés de falar seu próprio nome. Ele dizia, por exemplo, “Sabe-se que Breuer e *eu* provamos...”, e o nome desse adversário não tinha a menor semelhança com o de Freud.

---

<sup>94</sup> Exemplo acrescentado à edição de Sobre a psicopatologia da vida cotidiana em 1917.

Em determinado momento de seu estudo sobre os lapsos, dialogando com o trabalho de Meringer, Freud salienta que há uma diferença entre as interpretações do filólogo e aquelas que ele faz. Freud acredita que “até os lapsos de fala aparentemente simples podem ser explicados pela interferência de uma ideia meio suprimida que está *fora* do contexto intencionado” (*Ibid.* p.84) e faz uma crítica à afirmação de Meringer de que “ninguém se dispõe a admitir que cometeu um lapso da fala” (*Ibid.* p.84). Essa observação se contrapõe as definições de lapso de língua, propostas por alguns linguistas, quando afirmam que o falante consegue frequentemente detectar seu erro e corrigi-lo (STURTEVANT 1947, p.38), ou que se trata de um desvio involuntário no desempenho corrente fonológico, gramatical ou lexical quase sempre corrigido pelo falante (BOOMER & LAVER [1968] 1973, p. 123), ou ainda que deve haver um erro e que o falante deve ser capaz de corrigi-lo (POULISSE, 1999).

Freud diz que não se deve generalizar, uma vez que há um sinal de afeto que se segue à revelação do lapso, por exemplo, aborrecimento, vergonha, surpresa, indicando que algo contribui para a interferência de outras ideias. A tentativa de suprimir palavras obscenas ou insultuosas também favorece a formação de um lapso de língua, bem como o efeito de autodelação. Vejamos o exemplo: um pai que considerava o sentimento patriótico como supérfluo, ao criticar os filhos por participarem de uma demonstração dessa natureza, fala: “Ele é justamente pessoa que vocês não devem imitar: é um *idiota*”, no lugar de patriota. Esse lapso foi percebido pelo pai quando acrescentou: “Naturalmente, eu quis dizer *patriota*” (*Ibid.* p.90).

Freud observa que os erros na leitura e na escrita são regidos pelas mesmas leis e motivações dos lapsos de língua, na medida em que se trata de língua e linguagem. Vejamos o exemplo relatado por Hanns Sachs<sup>95</sup> que diz ter lido: “Ele passa, com seu ‘*Steifleinenheit* [pedantismo]’, pelas coisas que chocam as pessoas.” O autor percebe, no entanto, que se trata da palavra ‘*Stilfeinheit* [fineza de estilo]’. A elucidação se dá pelo fato de que algumas observações feitas por um autor a quem ele admirava enalteciam um historiador por quem ele não tinha simpatia, em função de seu “estilo professoral alemão” (FREUD, *ibid.*, p.107). Mais uma vez a semelhança fonética dá margem ao deslizamento de

---

<sup>95</sup> Exemplo acrescentado em 1919.

palavras e possibilita que outros sentidos venham à tona. Sentidos que se valem do material linguístico e, nesse caso, tornam visíveis o desapareço do autor em relação ao historiador para revelar a posição do primeiro.

Segundo Freud, a predisposição do leitor é responsável por alterar a leitura no texto e introduzir algo em seu lugar que corresponde a suas expectativas ou que o que está ocupando seus pensamentos. Dessa maneira, as palavras do texto oferecem alguma semelhança em sua imagem, possibilitando o leitor a fazer modificações. Outro aspecto salientado é que a leitura apressada também aumenta a possibilidade do leitor alterar ou elidir palavras, mas não se configura em condição necessária para a produção de um lapso.

É perceptível que na leitura o texto tenha maior participação na formação de um lapso, pela semelhança entre as palavras, mas não é apenas essa semelhança que promove o fenômeno. O conteúdo do texto contém algo que atinge o leitor e o faz corrigi-lo pelo lapso de leitura, de maneira que esse lapso pode exercer duas funções: a de realização de desejo e a rejeição à sensação de desprazer. Embora possamos pensar que o lapso surge imediatamente em resposta a uma das funções citadas, Freud entende que inicialmente o texto é “corretamente entendido e julgado pelo leitor, antes de passar pela retificação, embora sua consciência nada tenha sabido dessa primeira leitura” (*Ibid.*, p.109). Essa observação nos remete ao lapso discutido no primeiro capítulo sobre o episódio de uma falante brasileira que, ao ler no caderno de cultura de um jornal a sinopse de um filme estrelado pela atriz Julianne Moore, faz o seguinte comentário: “A Julianne Moore está cada vez *more* (com a pronúncia na língua inglesa) fazendo filmes interessantes”. A pessoa leu a notícia corretamente, mas a interferência ocorreu entre o nome da atriz americana e o advérbio em inglês *more*, dando passagem ao lapso no comentário feito após a leitura da notícia.

Nos lapsos de escrita também encontramos a função de realização de desejo e a rejeição à sensação de desprazer. É o que nos relata Freud ao receber as provas de seu texto encaminhado ao *Jahresbericht fur Neurologie und Psychiatrie* para fazer a revisão dos nomes dos autores com um cuidado especial, já que eles eram de diversas nacionalidades e por isso costumavam causar enormes dificuldades ao tipógrafo. Nessa revisão, ele encontrou muitos nomes que ainda precisavam ser corrigidos, mas havia um determinado

nome que o tipógrafo corrigira com total acerto. O autor havia escrito “Buckrhard”, que foi corrigido pelo tipógrafo para o nome “Burckhard”, um obstetra. Apesar de não ter objeções ao médico, o autor recorda que ele tinha o mesmo nome de um escritor de Viena que o aborrecera com sua resenha sobre *A Interpretação dos Sonhos*, livro de autoria de Freud. A escrita equivocada parece ter sido uma reação de Freud ao escritor de Viena, homônimo ao nome do médico.

Depois dessa extensa apresentação sobre os esquecimentos que podem ocorrer na língua materna e no contato com outras línguas, discutimos outros tipos de esquecimento que têm suas manifestações pela via dos lapsos de fala, escrita e leitura. Entretanto, como dissemos no início deste capítulo, embora os linguistas abordem o erro como um lapso de língua, é com Freud que tentaremos estabelecer a diferença entre esses fenômenos. De que maneira um erro difere de um lapso de língua para o autor?

No curto capítulo intitulado *Erros*, Freud distingue dois tipos: os erros de memória e o esquecimento acompanhado por ilusões da memória. Ele afirma que:

Nos primeiros, o erro (a ilusão de memória) – não é reconhecido como tal, mas é-lhe dado crédito. O uso do termo “erro”, contudo, ainda parece depender de outra condição. Falamos em “errar”, e não em “lembrar erroneamente”, quando desejamos enfatizar o caráter de realidade objetiva no material psíquico por reproduzir, isto é, quando pretendemos lembrar algo diferente de um fato de nossa própria vida psíquica, algo que, além disso, possa ser confirmado ou refutado pela memória das outras pessoas. A antítese do erro de memória, nesse sentido, é a ignorância. (FREUD, *ibid.* p. 191)

O erro de memória tem a particularidade de não ser reconhecido como tal, mas ser crível<sup>96</sup>. É digna de nota a observação de Freud a respeito do uso dos termos “errar”, “fazer um erro”, em vez de “lembrar erroneamente”. Parece que o autor quer com isso separar os fatos da nossa vida psíquica daqueles da realidade objetiva, passíveis de erro. É também importante enfatizar que os erros envolvem tanto o falante – aquele que os comete – como o ouvinte – que pode refutá-los ou confirma-los. Quanto à observação feita por Freud ao final da citação acima sobre o fato de a ignorância ser o oposto do “erro de memória”, merece aqui uma observação esclarecedora que está na sequência do próprio

---

<sup>96</sup> Na tradução francesa (*Traduccions nouvelles*), o tradutor usa a expressão “*mais trouve créance*”; no dicionário Petit Robert ([1967]2002) *trouver créance* significa “ser acreditado e dar crédito a uma coisa, torná-la crível”.

texto freudiano. O autor menciona alguns erros por ele cometidos, no livro *A interpretação dos sonhos* (1900), e cujo exame mais detido lhe permite descobrir que esses erros “não haviam brotado de minha [Freud] ignorância”, mas que sua origem se devia a “erros de memória”, que poderiam ser elucidados pela análise.

(1) Na página 266 (da primeira edição) [Ed. *Standard* Brasileira, Vol. V, em [1]], aponto como local de nascimento de Schiller a cidade de *Marburgo* [em Hesse], nome que se repete na Estíria. Esse erro ocorre na análise de um sonho que tive durante uma viagem noturna e do qual fui despertado pelo condutor que anunciava o nome da estação de Marburgo. No conteúdo do sonho, alguém perguntava por um livro de Schiller. Na verdade, Schiller não nasceu na cidade universitária de Marburgo [em Hesse], mas em *Marbach*, na Suábia. Além do mais, posso afirmar que eu sempre soube disso.

(2) Na página 135 [Ed. *Standard* Brasileira, Vol. IV, em [1] e [2]], o pai de Aníbal foi chamado de *Asdrúbal*. Esse erro me foi especialmente aborrecido, mas foi o que mais corroborou minha concepção desses erros. Poucos leitores de meu livro hão de estar mais familiarizados com a história da casa dos Barca do que o autor, que escreveu esse erro e passou por cima dele em três revisões de provas. O *pai* de Aníbal chamava-se *Amílcar Barca — Asdrúbal* era o nome do *irmão* de Aníbal, e também o de seu cunhado e antecessor no comando.

(3) Nas páginas 177 e 370 [Ed. *Standard* Brasileira, Vol. IV, em [1], e Vol. V, em [2]], afirmo que Zeus castrou e destronou seu pai, Cronos. Mas adiantei erroneamente essa atrocidade em uma geração: segundo a mitologia grega, foi Cronos quem a cometeu contra seu pai, Urano. (FREUD, *ibid.* p, 192-193)

Freud se indaga como sua memória lhe fornecia informações incorretas, ao passo que o material mais remoto e incomum não sofrera alterações. Mesmo após três correções de provas, como Freud não se deu conta desses erros de memória? Ele conclui que “onde surge um erro oculta-se um recalçamento – melhor dizendo, uma insinceridade, uma distorção que se baseia fundamentalmente no material recalçado” (*Ibid.*, p. 192).

Nos casos mencionados acima, Freud conta que foi levado a se interromper em algum ponto antes de completar suas análises. Após detectar a distorção ou a omissão de algumas partes, decide percorrer os rastros deixados a procura de uma explicação para tais imprecisões. De acordo com o autor, os elementos que ele queria suprimir conseguiam, contra sua vontade, emergir sob a forma de um erro de memória, de modo que ele aceitaria

relatar os fatos despercebidamente. Além disso, o mesmo tema servia como pano de fundo aos exemplos que continham esses erros e derivavam de pensamentos recalçados que se relacionavam ao seu (Freud) pai morto.

Os erros apresentados até o momento são derivados do recalçamento, diferentemente dos erros baseados em ignorância, que se dão a partir de um fato do qual o sujeito não tem conhecimento. O tipo de erro por ignorância pode ser exemplificado com o caso:

(...) numa excursão a Wachau, acreditei ter chegado à residência do líder revolucionário Fischhof. Os dois lugares só têm em comum o mesmo nome: o *Emmersdorf* de Fischhof fica situado em Caríntia. Mas eu não sabia disso. (FREUD, *ibid.*, p.194)

Esse tipo de erro, descrito por Freud, mostra que há uma adesão do sujeito a um fato, pois, como ele mesmo menciona, não tinha conhecimento sobre os lugares. Os lapsos, por outro lado, podem ser erros, uma vez que há algum pensamento recalçado que se liga a um pensamento externo. Assim, o material linguístico pode ser deslocado em função dessa ligação externa.

É importante ressaltar que Freud mantém sua análise do mecanismo de erro a partir de uma reflexão sobre a natureza da linguagem. Inicialmente, o autor afirma ainda que os erros, dentre todos os atos falhos, parecem ter o mecanismo menos rígido.

(...) ou seja, a ocorrência de um erro é uma indicação geral de que a atividade anímica em questão teve de lutar com alguma influência perturbadora, mas a forma específica assumida pelo erro não é determinada pela qualidade da ideia perturbadora que permaneceu na obscuridade. Podemos acrescentar aqui, retrospectivamente, que em muitos casos simples de lapsos da fala e da escrita é possível supor a mesma situação. Toda vez que cometemos um lapso ao falar ou escrever, podemos inferir que houve alguma perturbação devida a processos anímicos situados fora de nossa intenção: mas é preciso admitir que os lapsos da fala e da escrita frequentemente obedecem às leis da semelhança, do comodismo ou da tendência à pressa, sem que o elemento perturbador consiga impor qualquer parcela de seu próprio caráter ao engano dele resultante na fala ou na escrita. Somente a complacência do material linguístico é que possibilita a determinação dos erros e, ao mesmo tempo, marca seus limites. (FREUD, *ibid.* p. 194-195)

Em nota de rodapé, aparecem menções sobre a importância da linguagem em outras obras de Freud. Por exemplo, em *A interpretação dos sonhos* ([1900<sup>a</sup>] 1987, p.324), ao se referir ao processo de condensação, ele afirma que “as palavras podem ser consideradas como predestinadas à ambiguidade”; em os *Chistes e sua relação com o inconsciente* (1905 [1987], p. 48) ao aludir ao trocadilho, ele assevera que “as palavras são um material plástico com o qual se pode fazer toda sorte de coisas”; no texto *Gradiva* ([1907<sup>a</sup>] 1987, p. 88), ele escreve sobre a ambiguidade possibilitada “pela flexibilidade do material da fala”.

O que podemos depreender dessa discussão é que tanto para haver erro quanto lapso é necessário haver a ocorrência de uma perturbação. Essa perturbação é o que dispara esses fenômenos, que se valem do “material plástico” da linguagem ao interferirem na fala, na escuta, na leitura ou na escrita.

Por que Freud chama de erro o que é derivado do recalçamento? Parece-nos que o próprio Freud tinha dificuldade em estabelecer os limites para a distinção entre erro e lapso pela oscilação no uso da terminologia. Retomamos as *Conferências Introdutórias* ([1916-1917] 1987) para verificar se havia uma reflexão que dava continuidade ao que foi dito no capítulo sobre os erros, na *Psicopatologia da vida cotidiana* ([1901] 1987) e encontramos a seguinte menção:

há determinadas espécies de *erros* [*Irrtümer*], nos quais o caráter temporário está presente mais uma vez: pois, no caso destes, por um certo espaço de tempo acreditamos saber algo que, antes ou depois desse período, na realidade não sabemos. E existem numerosos outros fenômenos semelhantes, conhecidos por diversos nomes. (FREUD [1916-1917] 1987, p. 14)

Essa afirmação do autor e a ausência de uma reflexão dando continuidade ao tema dos erros nos leva a supor que o capítulo sobre o tema foi pontual na elaboração de Freud.

Ao longo da leitura dos capítulos da *Psicopatologia da vida cotidiana*, encontramos vários exemplos em que Freud alterna as palavras lapso ou erro na análise dos relatos que traz. Embora faça uso do termo erro em vários momentos, após sua explicação sobre o que levou o falante ou o próprio Freud a cometê-los, verificamos que a maioria dos

exemplos provém do recalçamento. Mesmo no exemplo sobre Wachau, em que o autor afirma se tratar de um erro por ignorância, o fato de o material linguístico possibilitar o erro nos mostra o papel que a linguagem ocupa na obra freudiana. Observemos que o foco de Freud não é o erro de linguagem, mas os efeitos desse erro, que refletem uma atividade do funcionamento psíquico do falante.

Os psicolinguistas certamente leram Freud, pois, como vimos no primeiro capítulo, definem erro e lapso de língua ora como equivalentes, ora como distintos. Para Sturtevant (1947), o erro ou lapso de língua é uma “inovação linguística não intencional”, mas ressalta que o lapso não pode ser repetido, pois, se o falante for solicitado a repetir o que disse, fará a correção<sup>97</sup>; Wells ([1951] 1973) traz a noção de previsibilidade para afirmar que é possível prever os lugares em que o lapso poderia ocorrer; Laver (1969) sugere que na correção dos lapsos a função de monitoramento falha; Garnes e Bond (1980) afirmam que o ouvinte tenta dar sentido àquilo que ouve; Fromkin (1980) substitui a denominação “erro” por “lapso”, ao colocar em cena aquele que fala, escuta, lê e escreve; Celce-Murcia (1980) ressalta a importância do “contexto conversacional” e observa que a variante linguística pode influenciar na produção de um erro; Ellis (1980) salienta que “os mecanismos dos lapsos podem ser estudados linguisticamente sem referência àquilo que os motivou” (*op. cit.*, p.123); Poullisse (1999) confirma que um lapso de língua pode ser identificado como um desvio, sem intenção, de um plano de fala, no desempenho (*performance*) e não na competência.

Como vimos ao longo da discussão neste capítulo, Freud não se furta a considerar os lugares de equívoco na língua, uma vez que considera a plasticidade da linguagem como o que possibilita a ocorrência dos erros e dos lapsos. A diferença é que ele não toma esses lugares de equívoco como previsíveis para que um lapso ocorra. Além disso, nos estudos de Freud sobre os lapsos fica claro que o monitoramento ou o controle não existe, mesmo quando o falante parece estar atento ao que diz ou ao que escreve, uma vez que não considera possível prever seja a interposição de intenções perturbadoras, seja o grau de plasticidade da linguagem.

---

<sup>97</sup> Embora o autor não explicita, pode-se pensar que essa correção só pode ocorrer no caso de o falante ter percebido o lapso.

O uso do corpus de Meringer (1908) em *A psicopatologia da vida cotidiana* ([1901] 1987) comprova – na contramão da crítica de Ellis (1980) ao trabalho de Freud – que Freud não descarta as questões linguísticas nos estudos sobre os lapsos e os erros. A concepção de aparelho de linguagem leva-o a estabelecer um aparelho psíquico, através do qual as representações-palavra e associações-objeto podem ser compreendidas sob os registros consciente, pré-consciente e inconsciente. Nessa perspectiva, o aparelho psíquico apresenta-se como um aparelho de memória cujo funcionamento sofre reordenações, e nesse processo pode haver falhas na tradução do material psíquico que pode emergir de modo distorcido sob a forma de esquecimentos, lapsos, chistes e sonhos. A via de emergência desse material inconsciente distorcido é a língua materna que instaura um sujeito falante e o coloca simultaneamente em um funcionamento linguístico e psíquico.

A reflexão de Freud sobre os lapsos de língua não pode ser deixada à margem dos estudos da linguagem sobre o erro, uma vez que tratar o erro sem considerar a noção de inconsciente é excluir o efeito de *lalangue*. Se o real da língua é da ordem do calculável, como afirma Milner, o lapso escapa ao cálculo. Para Milner é sempre possível fazer valer em todo ato de fala uma dimensão do não idêntico. É o equívoco e tudo que lhe diz respeito, isto é, homofonia, a homossemia, a homografia, tudo aquilo que permite o duplo sentido e o dizer “por meia-palavra” (p.13) e que tece a nossa linguagem cotidiana.

Nos relatos de esquecimento, de lapsos de língua e de erro, a homofonia opera sobre os sons e possibilita que outros sentidos possam surgir. Entretanto, a divisão proposta entre os erros baseados no recalçamento e os erros por ignorância mostra como o falante está à mercê do seu funcionamento psíquico, funcionamento no qual *lalangue* opera.

Na conferência que apresenta em Sainte-Anne sobre o saber do psicanalista, Lacan, ao falar sobre o seu aforismo o inconsciente é estruturado como uma linguagem e, ao se referir ao Vocabulário de Psicanálise de Laplanche e Pontalis comete o lapso ao dizer Vocabulário de Filosofia (de Lalande). Lacan pergunta se a plateia percebeu o lapso e afirma que esse lapso vale o Lalande. Lacan fala: “*lalangue*, como escrevo agora, não tenho o quadro-negro, bem escrevam *lalangue* numa só palavra; é assim que escreverei doravante” (LACAN [1971-1972] 1997, p. 15). Ocorre que alguém na plateia reclama da

acústica e Lacan reitera que “não é “d”, é “gue” (op.cit.). Não se trata, segundo o autor, de dizer que o inconsciente se estrutura como *lalangue*, mas como uma linguagem.

Mais adiante em sua argumentação explica que *lalangue* nada tem a ver com o dicionário, mas tem tudo a ver com o inconsciente; o que dá passagem ao inconsciente tem a ver de início com a gramática e tudo a ver com a repetição. Para o autor, a gramática e a repetição são uma vertente na função de *lalangue*, uma vez que remetem para uma lógica do funcionamento do inconsciente. No Seminário XX ([1972-1973] 1985, p.188-189), Lacan faz a distinção entre a língua como comunicação e *lalangue*: comunicação implica referência e

*lalangue* serve para coisas inteiramente diferentes da comunicação. É o que a experiência do inconsciente mostrou, no que ele é feito de *lalangue*, essa *lalangue* que vocês sabem que eu escrevo numa só palavra, para designar o que é uma ocupação de cada um de nós, *lalangue* dita materna, e não por nada dita assim.” (LACAN ([1972-1973] 1985, p.188)

É importante observar que Freud e Lacan leem os lapsos de língua de formas diferentes. Poderíamos dizer que Freud os interpreta a partir da teoria do recalque, enquanto Lacan, depois de Freud, desloca a ênfase para aquilo que o lapso revela, a saber: o próprio funcionamento da linguagem; em vez de interpretar o lapso, cria um neologismo que o leva a revisitar sua relação com a Linguística.

É também digno de nota o papel que a língua materna tem no funcionamento de *lalangue* que dá passagem ao erro e ao lapso. Nossa tarefa consistiu em mostrar ao leitor como a língua, na sua materialidade, sua plasticidade – como vimos em Freud – faz lapso, apesar da consciência do falante ou, mais precisamente, a sua revelia. Não se trata de tomar algo como correto ou incorreto, questão que se encontra nos dicionários ou nas descrições linguísticas, mas de mostrar como a língua é o que dá suporte à *lalangue* na medida em que há algo que desliza, que escapa, que faz da língua não-toda através do lapso.

## Considerações finais

Ao longo deste percurso, procuramos discutir o estatuto dado ao erro e ao lapso, concebidos na psicolinguística ora como fenômenos equivalentes (tendendo à semelhança) ora como fenômenos diferentes. Mediante tal oscilação e o fato de que, para Freud, o lapso comporta uma teorização que afeta até a própria noção de erro, percorremos a literatura da área da Linguística para 1) localizar quando a expressão lapso de língua adentrou os estudos na Linguística; 2) verificar quais concepções de lapso de língua e de erro são adotadas pelos autores da Linguística; 3) discutir de que maneira os lapsos de língua na Linguística são distintos daqueles postulados na Psicanálise, por Freud; 4) averiguar como o erro é discutido na aquisição da linguagem; 5) salientar as diferenças entre a língua materna e a língua estrangeira, tendo como pano de fundo o erro e o lapso.

Tendo como ponto de partida o erro, tema amplo que poderia ser abordado sob diversos aspectos, decidimos fazer um corte teórico e iniciar nossa discussão pela noção de erro associada às questões de mudança e de variação linguística. Apresentamos a base teórica que subsidia a discussão dos neogramáticos sobre o erro como mudança linguística e, nesse debate, trouxemos a reflexão de Saussure ([1916] 2001; [2002] 2004), que se separa dos neogramáticos e usa a fala infantil como exemplo para afirmar que o erro não deve ser entendido como mudança linguística, uma vez que sua existência é efêmera e não se fixa, mesmo como variação. Mas os erros infantis ocorrem também como uma criação analógica – mecanismo pelo qual as palavras se atraem mutuamente – em que uma “forma é feita à imagem de outra ou de outras, segundo uma regra determinada” (SAUSSURE [1916] 2001, p. 187). Como vimos, para o autor, as causas da mudança linguística seriam, de um lado, as leis fonéticas e, de outro, a mudança analógica.

Partindo da reflexão de Saussure sobre a fala infantil, Pereira de Castro (2010), no artigo *Saussure e o necessário esquecimento da fala infantil: uma leitura para a aquisição da linguagem*, ressalta que as inovações analógicas infantis não têm efeito de mudança na língua, uma vez que a mudança que ocorre na aquisição de linguagem implica o esquecimento da fala infantil. Ou seja, as criações analógicas podem ser compreendidas como a passagem do *infans* para falante, através da noção de captura assinalada pela linguista Claudia de Lemos (2002). Assim, para a autora, a criança é capturada por um

funcionamento linguístico-discursivo que a significa e que garante a ela a possibilidade de significar outra coisa.

Voltando à questão do erro, procuramos mostrar que Meringer (1895), que se tornou referência nos estudos linguísticos, interessava-se em compreender as regras que regem erros e lapsos e verificar a existência de um mecanismo mental que explicaria de que maneira os sons de uma palavra, de uma frase e também das palavras inteiras entre si acham-se ligados e entrelaçados em tais fenômenos. Nosso percurso, porém, foi mais além das questões levantadas por Meringer. Um dos eixos desta tese foi a apresentação e a discussão a respeito dos efeitos do trabalho de Meringer nos estudos de Freud ([1901] 1987) sobre os lapsos de língua, como pudemos acompanhar durante sua reflexão sobre seus próprios enunciados e aqueles de seus pacientes ou conhecidos. A hipótese de Meringer sobre a função dos sons na formação de um erro foi parcialmente aceita por Freud que refuta alguns aspectos como, por exemplo, a questão da teoria da desigualdade da valência psíquica dos sons. A reflexão iniciada por Meringer dá margem para Freud pensar o som como o que pode favorecer a formação dos lapsos de língua, mas leva-o também a questionar se o som seria a única causa para os lapsos.

Freud parte da elaboração de Meringer para desenvolver sua teoria de que na associação de ideias pode haver um elemento perturbador que se relaciona com os “complexos do sujeito” e irrompem na fala aproveitando-se da proximidade semântica ou fonética, ou mesmo a ambas. Ou seja, a inovação do pensamento freudiano é mostrar que o caminho que leva à formação de um lapso de língua difere dos caminhos propostos pelo filólogo, que recusa o tipo de ciência sobre a qual repousam os postulados freudianos.

Na formação do lapso freudiano a noção de inconsciente é subsidiada pelos mecanismos de condensação – conteúdo latente (inconsciente) – e deslocamento (substituição por alguma relação semântica ou fonológica). Esses mecanismos operam na formação do lapso e nos permitem trazer o conceito de *lalangue*, que se vale da homonímia e une os fenômenos – erros e lapsos de língua. *Lalangue*, segundo Lacan, é a língua materna de cada falante.

O que vimos na área de psicolinguística, contudo, foi a adesão da quase totalidade dos estudiosos que analisam os erros e lapsos ao trabalho de Meringer. Enquanto

Fromkin se propõe a expandir a noção de erro para a de lapso de língua, de modo a que se inclua o interlocutor e se observe o enunciado emergente a partir de uma relação dialógica, vários outros pesquisadores continuam a coletar os dados de erros e lapsos a partir de resultados em que esses fenômenos são observados através de situações controladas em laboratórios. Os resultados obtidos pelos autores levam-nos, por um lado, a defender a hipótese de que erro e lapso denotam uma falha no processamento linguístico e, por outro, à hipótese de que o lapso difere do erro pela correção ou pela função de monitoramento do falante – o que parece dar um caráter de consciência ao falante que comete o lapso.

O argumento de base dos autores da psicolinguística para não aceitar a teoria freudiana consiste no fato de os lapsos poderem ser explicados a partir de elementos linguísticos que teriam possibilitado suas formações. Ou seja, o que esses autores rejeitam é a noção de inconsciente que Freud explicita com os estudos sobre os lapsos de língua e que, neste trabalho, é essencial para abordamos os fenômenos estudados.

No campo do ensino de língua estrangeira, debruçamo-nos sobre trabalhos de vários autores para acompanhar atentamente as diversas hipóteses sobre erro e lapso, procurando entender os critérios que os guiavam no uso de um termo ou de outro. Na análise dos episódios em língua estrangeira, procuramos mostrar aqueles que, de acordo com a ocorrência do erro, podem ser compreendidos como lapsos, revelando que no funcionamento linguístico do falante o inconsciente não cria barreiras destinadas a evitar que as línguas se mesquem.

Como acompanhamos através dos trabalhos dos autores da psicolinguística, há oscilação entre os termos erro e lapso de língua para designar esses fenômenos de nossa vida cotidiana que se observam em todos os falantes. Procuramos, assim, aproximar erro e lapso a partir de outra perspectiva neste trabalho: o conceito de *lalangue* (cf. MILNER [1978] 1987), que nos permite assinalar o espaço de equívoco presente em todas as línguas, uma vez que erro e lapso se explicam nessas relações singulares tecidas na língua. A apresentação e discussão dos diversos exemplos de erros em língua materna, bem como as de lapso de língua em Freud e exemplos extraídos de situações de aprendizagem de línguas outras – como nos episódios *my clean is dirty* e *my wife is a vegetable* –, levaram-nos a vislumbrar o funcionamento de *lalangue* entre línguas. Ainda devemos recordar que

*lalangue* também está presente no episódio de atravessamento da língua estrangeira na trajetória de Laura na sua própria língua materna.

Como introdução ao que se compreende como língua materna, trouxemos a um panorama histórico, a partir dos trabalhos de Aquino (no prelo; 2010) sobre o conceito de língua materna e as metáforas concernentes a essa locução que, ao longo do tempo, foram apagadas. No entanto, o primeiro passo dado no sentido de desnaturalizarmos o que se entende como língua materna foi possível através dos trabalhos de Pereira de Castro (1998; 2006; 2009; 2010). No artigo sobre *O (im)possível esquecimento da língua materna*, Pereira de Castro (2006) afirma que tratar a língua materna como L1 é não refletir sobre a complexidade e a posição singular que essa língua pode revelar frente a outras línguas adquiridas. A autora parte do trabalho de Milner ([1978]1987) para articular a relação dessa singular língua materna com as línguas outras. A reflexão teórica de Pereira de Castro e Milner nos possibilitou compreender o modo como a língua materna constitui um falante e marca o seu trajeto entre as outras línguas, uma vez que a plasticidade do material linguístico tanto o remete à sua língua quanto a um funcionamento psíquico que o guia na enunciação da língua estrangeira.

O conceito de *lalangue*, neste trabalho, é central para articularmos a noção de inconsciente estruturado como uma linguagem. Embora a língua possa ser tomada como um sistema de signos que supõe um todo, esse todo é estilizado por *lalangue*, registro que a consagra ao equívoco, que apontará para o não-idêntico da língua. Transpondo esse conceito para a área de aquisição de linguagem, Pereira de Castro entende que a fala da criança e sua heterogeneidade escapam ao cálculo e à categorização da linguística, fato que a leva ao reconhecimento da singularidade da fala da criança, analisada por De Lemos como marcada por enunciados insólitos que se originam de processos de incorporação, vistos sob a noção de captura.

É sob a noção de captura, advogada por De Lemos (2000; 2006) que se instaura um modo de funcionamento do sujeito dividido entre a língua e *lalangue*, que não antecede a língua, mas entra em funcionamento, segundo Pereira de Castro (2006), à medida que a língua é adquirida. Para Lacan ([1974] 1978), *lalangue* é uma ocupação de cada um de nós pela língua materna.

Ao acompanharmos a singularidade que a fala infantil revela no caminho singular da trajetória da criança, podemos compreender que os erros e variações que marcam seus enunciados não são fator de mudança, mas de esquecimento dessas variações, à medida que a criança se torna falante e sua fala se aproxima da fala do adulto. A concepção de esquecimento delineada por Pereira de Castro (2010) aproxima-se, de certo modo, daquela advogada por Milner (1988), que se refere ao esquecimento como um fato estrutural, que diz respeito ao sujeito. Como vimos, o autor estabelece uma aliança indissociável entre ser falante e ser capaz de esquecimento: é preciso haver linguagem para haver esquecimento.

Para articular a noção de esquecimento à constituição do falante, Pereira de Castro (*op.cit.*) traz a reflexão de Freud sobre as *Lembranças Encobridoras*. Nesse texto, Freud investiga as lembranças da infância, que mostram uma diferença fundamental entre o funcionamento psíquico das crianças e dos adultos. Para o autor, a memória desempenha papel fundamental, uma vez que na produção das lembranças encobridoras estão em jogo duas forças psíquicas que não se anulam e que não têm predominância uma sobre a outra. O que fica registrado como imagem mnêmica não é a experiência em si, mas a associação de um elemento psíquico a algo que possa causar desprazer, passível de objeção, seja pela via da censura, desprazer, trauma, ou outra emoção que traga sofrimento ao sujeito. O resultado é a produção de uma imagem mnêmica oriunda do evento original. Essa reflexão de Freud reforça aquela encaminhada por Milner (*op.cit.*), que não deixa de assinalar que o inconsciente é o lugar onde permanece a matéria do esquecimento como é também o lugar de sua causa. Tal elaboração converge para o que diz Pereira de Castro a respeito da aquisição da linguagem pela criança: uma vez “submetida ao funcionamento linguístico, a criança esquece a fala infantil” e essa fala retorna submetida à escuta de um falante da língua.

Em consonância com a hipótese de Pereira de Castro, mas a partir da consideração de outro material de esquecimento (as habilidades fonéticas do bebê) que difere daquele postulado pela linguista, Daniel Heller-Roazen ([2005] 2010) tece uma reflexão relevante sobre a função do esquecimento em relação à habilidade linguística das crianças na produção de quaisquer sons ao longo do processo de aquisição de linguagem.

Ao se indagar sobre o que acontece com esses sons e sobre o destino dessa habilidade articulatória, o autor levanta a hipótese de que a aquisição da linguagem parece apenas ser possível por meio de um “ato de esquecimento, um tipo de amnésia linguística infantil”, ou melhor, uma “amnésia fônica”, já que aquilo que o bebê esquece é uma “capacidade aparentemente infinita para uma articulação indiferenciada” (*op. cit.*, p. 8). Heller-Roazen considera ainda a possibilidade de que haja um resto como resultado desse ato de esquecimento e conjectura que na língua do adulto restam traços desse balbucio: “seria apenas um eco de uma outra fala e de algo outro que a fala: uma ecolalia, que guardasse a memória do balbucio indistinto e imemorial que, ao ser perdido, permitiria a todas as línguas que existissem”. (HELLER-ROAZEN [2005] 2010, p. 9)

No processo de aquisição de linguagem, vários episódios sobre o ‘erro’ na fala infantil parecem indicar o movimento errante dos sons, que se aproveitariam da plasticidade da língua na relação dialógica assimétrica entre a criança e seu interlocutor. Se tomarmos o episódio de M. quando enuncia **Mamãe, nossa!**, relatado por Pereira de Castro (2006; 2010), podemos ver como há um cruzamento entre a prosódia e outros elementos linguísticos do enunciado da criança, dando a ver a homonímia em operação. O ‘erro’ relatado por Beluggi (citado por M.T. Lemos 2002) sobre a fala “*A no boy with no watch*” também comportou um cruzamento entre cadeias em que a expressão *with no* se aproxima sonoramente da preposição *without*. Mesmo em se tratando de ocorrências chamadas ‘previsíveis’ como, por exemplo, o episódio sobre a classe semântica dos reversos propiciados por prefixos *-des*, *-di*, reportado por Figueira (1995), há um deslizamento entre ‘desfecha’ – para significar ‘abrir’ – e ‘desliga’. No contato com a língua estrangeira, a homonímia também opera, como vimos no relato e discussão do diário de Laura, em que a menina aproxima ‘Museu D’Orsay’ e ‘museu do céu’.

Mas o enlaçamento do inconsciente com *lalangue* não irrompe apenas na língua materna. A obra freudiana *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* ([1901] 1987) nos traz uma gama de lapsos de língua em que discutimos a maneira pela qual *lalangue* se articula com a noção de inconsciente também na língua estrangeira, conforme discutimos na apresentação e análise dos lapsos *Signorelli, in flagranti*, entre outros. Para pensar como acontece essa articulação, percorremos com Freud seu caminho teórico desde as

concepções de aparelho de linguagem, passando pela elaboração de um “aparelho neurológico” até a formulação de um aparelho psíquico.

Vale lembrar as concepções de aparelho em Freud, discutidas no terceiro capítulo, que nos dão subsídios para estabelecer relações entre *lalangue*, erro, lapso e esquecimento. Freud concebe inicialmente um aparelho de linguagem, tomando a palavra como ‘unidade’ de um complexo processo associativo entre representação-palavra e associação de objeto. Passa, em seguida, para a hipótese de um ‘aparelho neurológico’ composto pelo sistema de percepção, sistema de memória e o sistema responsável pela produção das qualidades sensoriais (cf. *Projeto para uma psicologia científica*, 1895). Essa hipótese propiciou a Freud conceber um ‘aparelho psíquico’ organizado pelos sistemas inconsciente (Ics), pré-consciente (Pcs) e consciente (Cs). Assim, o aparelho psíquico se forma através de um processo de estratificação, no qual os traços de memória são concebidos como inscrições que podem sofrer retranscrições, e que os leva a reordenações.

O aparelho psíquico freudiano é um aparelho de memória complexo, e nesse funcionamento pode haver uma falha reconhecida clinicamente como “recalcamento”, processo de defesa do aparelho contra lembranças que causam desprazer, mas cujos traços recalçados podem permanecer na memória sob a forma de lapsos, chistes e sonhos. A formulação desse aparelho foi importante para a discussão sobre erros e lapsos, que atingem tanto a língua materna como o contato do falante com línguas outras a partir de uma posição de falante na língua materna (língua que o constituiu sujeito). A análise do episódio Juliane Moore, por exemplo, mostrou-nos como o falante apontou a divisão da sua posição entre o que disse e o que escutou.

Para Freud, os esquecimentos, os lapsos e os erros mostram um funcionamento desse aparelho psíquico de acordo com a discussão empreendida por ele sobre o esquecimento de nomes, acompanhado (*Signorelli*) ou não (*aliquis*) de um substituto. O fator comum a todos os casos de esquecimento é o fato de o material esquecido ou distorcido “estabelecer uma ligação, por alguma via associativa, com um conteúdo de pensamento inconsciente”, sustentadas pela língua.

Nesse sentido, a remissão de Freud ao trabalho de Meringer é essencial para entendermos como o primeiro autor reconhece que a plasticidade da linguagem aliada a

algum tipo de perturbação, seja da fala ou de um fluxo de pensamento, que incluem o contexto, oferece passagem aos lapsos. Isso pode ocorrer tanto na língua materna como no contato entre línguas, como vimos no exemplo da troca de expressão *en passant* ou no episódio *my wife is a vegetable*. Freud faz uma diferença entre os erros de memória e o esquecimento acompanhado por ilusões da memória. O erro de memória tem a particularidade de não ser reconhecido como tal, mas de ser crível. O esquecimento acompanhado por ilusões de memória remete ao recalçamento e, no tipo de erro por ignorância, há uma adesão do sujeito a um fato.

O que nos intrigou foi o fato de Freud escrever um capítulo inteiro sobre erro e não elucidar a maneira como se distingue do lapso, visto que, ao longo de todos os capítulos de *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*, permanece uma oscilação entre um termo e o outro. Percorremos a obra freudiana a fim de verificar se haveria algum outro texto em que houvesse uma elaboração que justificasse o capítulo sobre o erro, e, como não encontramos nenhuma formulação posterior, fomos levados a supor que o capítulo sobre o erro foi pontual na elaboração de Freud. O foco de Freud não é o erro de linguagem, objetivo dos psicolinguistas, mas os efeitos desse erro, que refletem uma atividade do funcionamento psíquico do falante.

Os psicolinguistas também fazem uso de uma terminologia em que erro e lapso oscilam. Há, no entanto, uma diferença enorme entre a concepção de lapso advogada na área de psicolinguística e aquela encontrada na teoria freudiana. Na psicolinguística, os lapsos incluem a possibilidade de correção pelo falante, ou seja, podem ser monitorados. Já na teoria freudiana, a plasticidade do material linguístico oferece passagem ao conteúdo recalçado de modo que ocorram esquecimentos ou lapsos. Nesse sentido, destacamos a própria origem do conceito de *lalangue*, causada por um lapso de Lacan que coloca em cena o funcionamento do inconsciente, já reconhecido desde a Introdução deste trabalho como um saber-fazer com a *lalangue*.

## Referências bibliográficas

AQUINO, J. E. (No prelo) Considerações sobre a expressão língua materna na idade Média  
In: *Memórias, discursos e narrativas*.

\_\_\_\_\_ (2010) O materno da língua na gramática portuguesa de Júlio Ribeiro. Trabalho apresentado no 1º CIELLI – Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários, 4º CIELLI – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade de Maringá.

BENVENISTE, E. (1995) *O vocabulário das Instituições indo-europeias*. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Vol.2.

BOOMER, D.S. & LAVER, J.D.M. (1968) Slips of the tongue. In: *Speech errors as linguistics performance evidence*. The Hague: Mouton, 1973, p. 120-131.

BROECKE, M. P. R. & GOLDSTEIN, L. (1980) Consonant features in speech errors. In: *Errors in linguistic performance: slips of the tongue, ear, pen and hand*. São Francisco: Academic Press, 1980, p. 47-66.

CELCE-MURCIA, M. (1980) On Meringer's corpus revisited. In: FROMKIN, V. (org.) *Errors in linguistic performance: slips of the tongue, ear, pen and hand*. São Francisco: Academic Press, 1980, p. 195- 204.

COHEN, A. (1966) Errors of speech and their implication for understanding the strategy of language users. In: *Speech errors as linguistics performance evidence*. The Hague: Mouton, 1973, p.88-92.

CRYSTAL, D. (2000) *Dicionário de fonética linguística*. Tradução e adaptação de Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

CORDER, P. (1967) The significance of learner's errors In: *International Review of Applied Linguistics in Language Teaching*, Vol. 5, Nr. 4 , p. 161-170.

CULLER, J. (1986) Ferdinand de Saussure. Cornell University Press.

CUTLER, A. (2006) Verbete sobre Rudolf Meringer In: [http://pubman.mpdl.mpg.de/pubman/item/escidoc:60168:2/component/escidoc:60169/Cutler\\_2006\\_rudolf.pdf](http://pubman.mpdl.mpg.de/pubman/item/escidoc:60168:2/component/escidoc:60169/Cutler_2006_rudolf.pdf), acessado em 18/04/2012.

- CUTLER, A., FAY, D. (1978) Introduction to Versprechen und Verlesen: Eine psychologisch-linguistische Studie. In: *Amsterdam Studies in the Theory and History of Linguistics Science*, Amsterdam: Benjamins, V.2, p. 5-38.
- CYRINO, S. (1999) Issues in second language acquisition In: *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, (36): 177-191, Jan./Jun.
- DE LEMOS, C.T.G. (1992) Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio. *SUBSTRATUM, BARCELONA*, v. 1, n. 1, p. 121-135.
- \_\_\_\_ (1997b) *Processos metafóricos e metonímicos: seu estatuto descritivo e explicativo na aquisição da língua materna*. Trabalho apresentado no The Trento Lectures and Workshop on Metaphor and Analogy; organizado pelo Instituto per la Ricerca Scientifica e Tecnologica Italiano em Povo.
- \_\_\_\_ (2000) *Questioning the notion of development: the case of language acquisition*. Culture & Psychology. Sage Publications, London, Thousand Oaks, CA and New Delhi, Vol. 6(2): 169-182.
- \_\_\_\_ (2000) O paralelismo, sua extensão e a disparidade de seus efeitos. Trabalho apresentado em comunicação.
- \_\_\_\_ (2002) Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, UNICAMP-IEL, v. 42, p. 41-70.
- \_\_\_\_ (2002) Sobre fragmentos e holófrases. In: *COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP*, 3, São Paulo. <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php) Acessado em 10 Abril de 2011.
- \_\_\_\_ (2006) Uma crítica (radical) à noção de desenvolvimento na aquisição de linguagem. In: Maria Francisca Lier-DeVitto; Lúcia Arantes. (Org.). *Aquisição, Patologias e Clínica da Linguagem*. São Paulo: EDUC, v. 1, p. 21-32.
- DUCROT, O.; TODOROV, E. (1972) *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. Trad. Alice K. Miyashiro, J. Guinsburg, Mary Amazonas L. de Barros e Geraldo Gerson. São Paulo, Perspectiva, 2007.
- ELLIS, A.W. (1980) On the Freudian theory of speech errors. In: *Errors in linguistic performance: slips of the tongue, ear, pen and hand*. São Francisco: Academic Press, 1980, p.123-132.

FIGUEIRA, R. A. (1995) Erro e enigma na aquisição da linguagem In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 30, n. 4, p. 145-162.

\_\_\_\_\_ (2001) Marcas Insólitas na Aquisição do Gênero. Evidência do fato autonímico na língua e no discurso. In: *Linguística (Madrid)*, São Paulo, v. 13, p. 97-144.

\_\_\_\_\_ (2001) Dados Anedóticos: Quando a Fala da Criança Provoca o Riso... Humor e Aquisição da Linguagem. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, v. 6, p. 27-61.

\_\_\_\_\_ (2003) A aquisição do Paradigma Verbal do Português: as Múltiplas Direções dos Erros. In: Eleonora Albano; Maria Irma Hadler Coudry; Sírio Possenti; Tania Alkmin. (Org.). *Saudades da Língua*. 1ª ed. São Paulo: Mercado das Letras, v. 1, p. 479-503.

FREUD, S. (1891) *Para uma concepção das Afasias – Um Estudo Crítico*. Trad. (do italiano) Antonio Pinto Ribeiro. Introdução de Armando Verdiglione. Lisboa, Edições 70, 1977, 92 p.

\_\_\_\_\_ (1895) Projeto para uma psicologia científica In: *Edição Standard das Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 3.

\_\_\_\_\_ (1895) Estudos sobre a histeria In: *Edição Standard das Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 3.

\_\_\_\_\_ (1896) Carta 52. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 1, p.136-139.

\_\_\_\_\_ (1898) O mecanismo psíquico do esquecimento. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 3, p.148-153.

\_\_\_\_\_ (1899) Lembranças Encobridoras. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 3, p. 269-287.

\_\_\_\_\_ (1900) Interpretação dos sonhos. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 4 e 5.

\_\_\_\_\_ (1901) Sobre a psicopatologia da vida cotidiana: esquecimentos, lapsos de fala, equívocos na ação, superstições e erros. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago 1987, v. 6.

\_\_\_\_\_ (1915) Repressão. In *Edição Standard das Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago 1987, v. 14.

\_\_\_\_\_ (1916-1917) Conferências Introdutórias. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. ESB, v. 15 e 16. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1987. 573 p.

\_\_\_\_\_ (1856-1939) *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Coordenação geral da tradução de Luiz Alberto Hanns, Tradutores: Elisa C.K.P Susemihl, Helga Araujo, Maria Rita Salzano e Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago Ed, 2004.

FROMKIN, V. (Ed.) (1973) *Speech errors as linguistic performance evidence*. The Hague: Mouton.

\_\_\_\_\_ (Ed.) (1980) *Errors in linguistic performance: slips of the tongue, ear, pen and hand*. São Francisco: Academic Press.

GARNES, S.; BOND, Z.S. (1980) A slip of the ear: a snip of the ear? A slip of the year? In: *Errors in linguistic performance: slips of the tongue, ear, pen and hand*. São Francisco: Academic Press, 1980, p.231-240.

GOMES, C. A.; SOUZA, C. N. R. (2003) Variáveis fonológicas In: *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*, Editora Contexto.

HELLER-ROAZEN (2005) *Ecolalias: sobre o esquecimento das línguas*. Tradução de Fábio A. Durão. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

HOTOPF, W.H. (1980) Semantic similarity as a factor in whole-word slips of the tongue. In: *Errors in linguistic performance: slips of the tongue, ear, pen and hand*. São Francisco: Academic Press, 1980, p.97-110.

JAKOBSON, R. (1963) *Linguística e comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes, Editora Cultrix, São Paulo, 1992, 162p.

KOENER, E.F.K. (2006) *Hermann Paul and general linguistic theory*, Lang. Sci. (2006), doi:10.1016/j.langsci.2006.10.001

LACAN, J. (1953-1954) *O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

\_\_\_\_\_ (1957-1958) *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_ (1971-1972) *O saber do Psicanalista*. Tradução de Ana Izabel Corrêa, Letícia P. Fonsêca e Nanette Zmery Frej. Centro de Estudos Freudianos do Recife, 1997.

\_\_\_\_ (1972-1973) *O Seminário, livro 20: Mais ainda*. Tradução M.D. Magno Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

\_\_\_\_ (1974) Parue dans l'ouvrage bilingue: Lacan in Italia 1953-1978. En Italie Lacan, Milan, La Salamandra, 1978, p. 104-147. Disponível em: <http://aejcpp.free.fr/lacan/1974-03-30.htm> no site [http://www.lutecium.fr/Jacques\\_Lacan/data/idx1052.html](http://www.lutecium.fr/Jacques_Lacan/data/idx1052.html). Acesso em 27 de maio de 2012.

LAVIER, J.D.M. (1969) The detection and correction of slips of the tongue In: *Speech errors as linguistic performance evidence*. The Hague: Mouton, 1973, p. 132-143.

LE PETIT ROBERT: *dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. (1967) Paris/Bruxelles: Dictionnaires Le Robert VUEF/ Bureau Van Dijk, 2002 .

LEMOES, M. T. (2002) *A língua que me falta: uma análise dos estudos em Aquisição da Linguagem*. Campinas: Mercado de Letras.

LIER-DE-VITTO (1992) *A origem de um dilema: Hermann Paul e a interiorização do conhecimento linguístico*. DELTA - Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 225-242.

LYONS, J. (1979) *Introdução à linguística teórica*. Tradução de Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel; revisão e supervisão Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Ed. Nacional: Ed. da Universidade de São Paulo, 545p.

MERINGER, R. & MEYERS, C. (1978) *Versprechen und Verlesen: Eine psychologisch-linguistische Studie*, New Edition, With an introductory article and a bibliography by Anne Cutler, David Fay In: *Amsterdam studies in the theory and history of linguistic science II*, John Benjamin. Acesso em 15/01: <http://books.google.com/books>

MELMAN, C.(1992) *Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país*. Trad. Rosane Pereira. Organização e revisão: Contardo Caligaris. São Paulo: Escuta.

MILNER, J.C. (1978) *O amor da língua*. Trad. Ângela Cristina Jesuíno. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.

\_\_\_\_ (1989) *Introducción a una ciencia del lenguaje*. Trad. Irene Agoff, Ediciones Manantial, SRL, 2000.

PAUL, H. (1880) *Principles of the history of language*. Tradução de H.A. Srtong & Kuno Meyer. London: Swan Sonnenschein, Lowrey, & Co, 1970.

\_\_\_\_ (1880) *Princípios fundamentais da história da língua*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.

PÊCHEUX, M. (1983) O discurso: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi Campinas: Pontes, 1997.

PEREIRA DE CASTRO, M.F. (1998) Língua Materna: palavra e silêncio na aquisição de linguagem. In: Luiz Carlos Junqueira Filho. (Org.). *Silêncios e luzes sobre a experiência psíquica do vazio e da forma*. 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 247-257.

\_\_\_\_ (2006) Sobre o (im)possível esquecimento da língua materna. In: *Sobre a Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem*. Maria Francisca Lier-de-Vitto. (Org.). São Paulo - SP: EDUC / FAPESP, v. 1, p. 135-148.

\_\_\_\_ ; FIGUEIRA, Rosa Attié . (2006) Aquisição de linguagem. In: Claudia Castellanos Pfeifer; José Horta Nunes. (Org.). *Introdução às ciências da linguagem: linguagem, história e conhecimento*. Campinas: Pontes Editores, v. 1, p. 73-102.

\_\_\_\_ (2006a) *Língua materna e os destinos da fala infantil*. Aula elaborada para cumprimento da prova didática como exigência parcial do Concurso Público de Provedor de Cargo de Professor Titular do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.

\_\_\_\_ (2009) A fala infantil e a aquisição da língua materna: reflexões em torno de um paradoxo. In: CORTINA, Arnaldo. (Org.). (provisório) *VIII Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-graduação em Linguística*. : não fornecida, (no prelo), v. 1, p. 0-0.

\_\_\_\_ (2010) Saussure e o necessário esquecimento da fala infantil: uma leitura para a aquisição. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 52(1), p. 91-102.

\_\_\_\_ (2010) *Ler Saussure, pensar a aquisição de linguagem*. Trabalho apresentado na I Jornada de Estudos Saussurianos. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas.

\_\_\_\_ (no prelo) A língua maternal e depois. In: *Didáskomai: Revista de Investigaciones sobre la Enseñanza*, Montevideo, Uruguay.

POSSENTI, S.. (2003) Tradução de humor: transcriando piadas. *DELTA* [online]. Vol.19, n.1, pp. 231-233. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502003000100013>.

- POTTER, J. M. (1980) What was the matter with Dr. Spooner? In: *Errors in linguistic performance: slips of the tongue, ear, pen and hand*. São Francisco: Academic Press, 1980, p. 13-34.
- POULISSE, N. (1999) *Slips of the tongue: speech errors in first and second language production*. Amsterdam, The Netherlands: John Benjamins Publishing Company.
- RAPP, Carola. (2003) *A palavra paralela? Uma revisão do conceito de parafasia*. Tese (doutorado em Linguística), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 201p.
- REVUZ, C. (1992) A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês. (Org). *Língua(gem) e Identidade*: Campinas, Mercado de Letras, 1998, p. 213-230.
- SAUSSURE, F. (1916) *Curso de Linguística Geral*. C. Bally e A. Sechehaye (Org.) com colaboração de A. Riedlinger, trad. A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 2001, 279 p.
- \_\_\_\_ (2002) *Escritos de Linguística Geral*. Bouquet e Engler (Org). São Paulo: Cultrix, 2004, 296 p.
- SCOLLON, Ronald. (1979) A real early stage: an unzipped condensation of a dissertation on child language In: *Developmental Pragmatics*, Academic Press: New York.
- SELINKER, L. (1972) Interlanguage. In: *International Review of Applied Linguistics in Language Teaching*, VI 10, Issue 1-4, p. 209-232.
- STURTEVANT, E.H. (1917) *Linguistic change: an introduction to the historical study of language*, University of Chicago Press, 1961.
- \_\_\_\_ (1947) *An introduction to linguistic science*. New Haven: Yale University Press.
- TALO, E. S. (1980) Slips of the tongue in normal and pathological speech. In: *Errors in linguistic performance: slips of the tongue, ear, pen and hand*. São Francisco: Academic Press, 1980.
- VIVACQUA, M.V. (2002) *My clean is dirty: erro ou lapso?* Dissertação de mestrado defendida no Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 95p.

WEINREICH, U; LABOV, W. ; HERZOG, M.I. (1968) *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

WELLS, R. (1951) Predicting slips of the tongue In: *Speech errors as linguistics performance evidence*. The Hague: Mouton, 1973, p. 82-87.